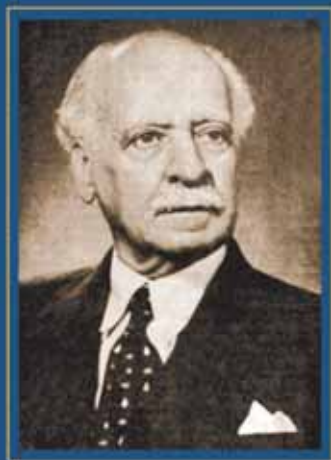


Ministério da Saúde



Vida e Obra de  
**PIRAJÁ DA SILVA**

Itazil Benicio dos Santos

**Manoel Augusto Pirajá da Silva**  
Centenário da Descoberta e  
Identificação do *Schistosoma mansoni*  
1908-2008

Brasília/DF

**Ministério da Saúde**  
Secretaria de Vigilância em Saúde  
Departamento de Vigilância Epidemiológica

Vida e Obra  
**PIRAJÁ DA SILVA**

Itazil Benicio dos Santos

Série I. História da Saúde no Brasil

**Manoel Augusto Pirajá da Silva**  
Centenário da Descoberta e  
Identificação do *Schistosoma mansoni*  
**1908-2008**

Brasília/DF • 2008

© 2008 Ministério da Saúde.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada à fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é da área técnica.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>

Série I. História da Saúde no Brasil

Tiragem: 1ª edição – 2008 – 1.000 exemplares

### **Elaboração, edição e distribuição**

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde

Departamento de Vigilância Epidemiológica

Produção: Núcleo de Comunicação

### **Endereço**

Esplanada dos Ministérios, Bloco G,

Edifício Sede, 1º andar, Sala 134

CEP: 70058-900, Brasília/DF

E-mail: [svs@saude.gov.br](mailto:svs@saude.gov.br)

Endereço eletrônico: <http://www.saude.gov.br/svs>

Autor: Italzi Benicio dos Santos

### **Produção editorial**

Projeto gráfico: Fabiano Camilo, Sabrina Lopes

Capa: Sabrina Lopes

Diagramação:

Normalização: Karla Gentil

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

### **Ficha Catalográfica**

---

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica.

Vida e obra de Pirajá da Silva / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2008.  
XX p. : il. – (Série I. História da Saúde no Brasil)

ISBN 978-85-334-1492-1

1. Biografia. 2. Médico. I. Título. II. Série.

CDU 929

---

Catálogo na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – 2008/0699

### **Títulos para indexação**

Título em Inglês: Pirajá da Silva: biography and works

Título em Espanhol: Vida y obra de Pirajá da Silva

# Apresentação

Substituir o texto da Apresentação. O termo peste é usado popularmente para designar flagelos marcantes que, por sua magnitude e transcendência, alteram a rotina das famílias, das sociedades e das nações. Contemporaneamente, é uma doença conhecida quase somente pelos poucos profissionais que lidam diretamente com seu controle, sendo considerada rara por uns e até mesmo um fato pitoresco por outros, merecendo atenção somente nas epidemias, quando é veiculada sensacionalisticamente pela imprensa.

O desenvolvimento socioeconômico dos Estados e a evolução da saúde pública modificaram o caráter terrificante que caracterizou a peste no passado, reduzindo sua magnitude, mas tal fato não pode implicar descontinuidade das ações de vigilância epidemiológica, como bem demonstram as ocorrências na República Democrática do Congo, na Índia e no Equador, que puseram em risco as pessoas e as economias locais. Nos Estados Unidos da América (EUA) a doença é endêmica. Em 2002, foram diagnosticados dois casos de peste bubônica importados (alóctones) em Nova York, procedentes do Novo México, o que, pelo risco de evolução para a forma pneumônica, representou um grande risco de epidemia.

A peste foi introduzida no Brasil em 1899 e atualmente é mantida como zoonose entre os roedores silvestres nos focos naturais remanescentes localizados no Nordeste e na Serra dos Órgãos, situação que pode determinar sérias consequências médicas e socioeconômicas ao país, o que a torna um problema atual e merecedor de atenção. Os resultados de inquéritos sorológicos realizados sistematicamente pelo Programa de Controle da Peste (PCP) permitem inferir que os focos brasileiros permanecem ativos a despeito da baixa incidência ou ausência de casos humanos em alguns deles. Os últimos eventos significativos de peste humana ocorreram nos Estados do Ceará e da Paraíba na década de 1980. Nos últimos anos, alguns casos suspeitos clínica e epidemiologicamente foram notificados no Ceará e na Bahia, contudo somente quatro deles, ocorridos no Ceará, foram confirmados: dois por exame sorológico.

co, em Guaraciaba do Norte, e um por isolamento da bactéria, em Ipu. Em 2005, mais um caso humano foi confirmado por exame sorológico, dessa vez em Pedra Branca-CE.

A persistência nesses focos deve, pois, ser considerada uma ameaça real e permanente de acometimento humano nessas regiões, que pode estender-se para outros lugares, inclusive centros urbanos, tornando-se imperativo que os técnicos de saúde estejam preparados para lidar com o problema. Assim sendo, a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), cumprindo uma de suas atribuições, produziu este manual, revisando os conhecimentos e padronizando os procedimentos de vigilância e controle da peste.

A peste foi introduzida no Brasil em 1899 e atualmente é mantida como enzootia entre os roedores silvestres nos focos naturais remanescentes localizados no Nordeste e na Serra dos Órgãos, situação que pode determinar seríssimas conseqüências médicas e socioeconômicas ao país, o que a torna um problema atual e merecedor de atenção. Os resultados de inquéritos sorológicos realizados sistematicamente pelo Programa de Controle da Peste (PCP) permitem inferir que os focos brasileiros permanecem ativos a despeito da baixa incidência ou ausência de casos humanos em alguns deles. Os últimos eventos significativos de peste humana ocorreram nos Estados do Ceará e da Paraíba na década de 1980. Nos últimos anos, alguns casos suspeitos clínica e epidemiologicamente foram notificados no Ceará e na Bahia, contudo somente quatro deles, ocorridos no Ceará, foram confirmados: dois por exame sorológico, em Guaraciaba do Norte, e um por isolamento da bactéria, em Ipu. Em 2005, mais um caso humano foi confirmado por exame sorológico, dessa vez em Pedra Branca-CE.

**Gerson Penna**  
Secretário de Vigilância em Saúde

ITAZIL BENICIO DOS SANTOS



**vida e obra  
de  
PIRAJÃ DA SILVA**



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

*Vida e obra de Pirajá da Silva* não é, apenas, mais um livro que se publica — é um livro que faltava publicar.

Quando se trata de relembrar aos contemporâneos e fazer conhecer aos pósteros os grandes homens do passado, o livro é a forma necessária e imperiosa, porque, mais consagrada que as estátuas, é mais que os monumentos, impecível.

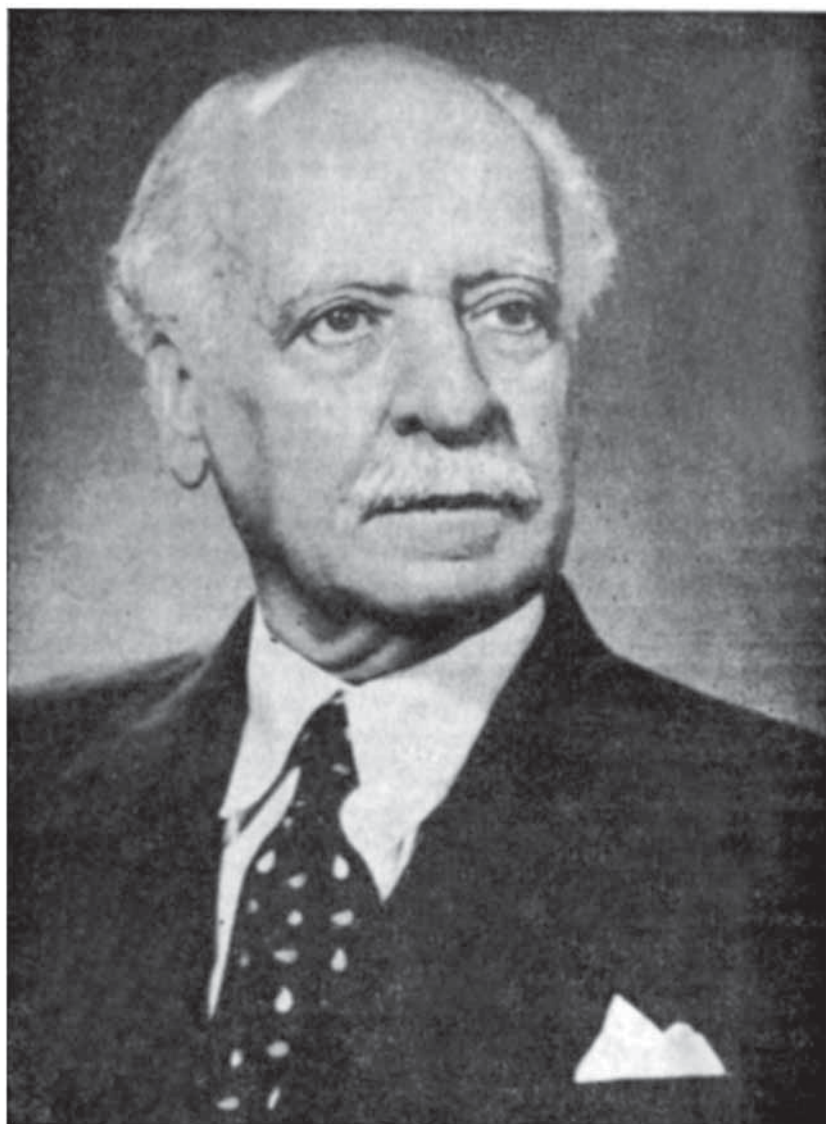
Reafirmando e confirmando, de maneira definitiva, a desenganada vocação de biógrafo e ensaísta do médico e escritor Itazil Benicio dos Santos, a presente obra vale como um ato de justiça, tem o significado de uma reparação. Muitos nomes, credores de todas as reverências, ccontinuariam engolfados no ingrato esquecimento em que a morte a tudo e a todos relega, se os biógrafos não os arrancassem do olvido e os exhibissem às gerações presentes, na sua estatura de benfeitores da Humanidade. Teimam tais escritores em contrariar o dito pessimista dos franceses, segundo. o qual — *Les morts vont vite*.

É o caso deste livro, com que Itazil Benicio dos Santos expõe ao conhecimento e admiração de todos os brasileiros o vulto exponencial de cientista que foi Pirajá da Silva.

Prosseguindo na meritória tarefa que se impôs — nos lazeres que lhe deixam suas absorventes atividades de médico e professor de radiologia clínica — de recordar os grandes vultos da medicina do passado, ainda que recente, como já o fizera antes com *Vida e obra de Manoel de Abreu* e *Vultos e fatos da me-*

VIDA E OBRA  
DE  
PIRAJÁ DA SILVA





*O Prof. Pirajá da Silva ao tempo em que descobriu e identificou o Schistosoma mansoni.*

ITAZIL BENICIO DOS SANTOS

VIDA E OBRA  
DE  
PIRAJÁ DA SILVA

1977



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
RIO DE JANEIRO

Copyright © 1977 by Itazil Benicio dos Santos

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Capa  
CECÍLIA BANHARA

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)

---

S235v Santos, Itazil Benicio dos, 1917-  
1977. Vida e obra de Pirajá da Silva. Rio de Janeiro, J. Olympio,  
128p. ilustr.

Dados biobibliográficos do autor.

1. Silva, Pirajá da, 1873-1961. I. Título.

77-0220

CDD — 926.1  
CDU — 92Silva, Pirajá da  
92:61 (81)

A  
ADILZA  
E  
MARCELO,  
MAURÍCIO,  
MÁRCIO,  
MARCOS

O meu filho Marcos, o menor dos quatro, hoje com onze anos, reclama, faz muito, de minha parte, a aposição do seu nome ao dos demais irmãos na página dedicatória de outro livro que, por acaso, viesse eu publicar, depois do *Vida e obra de Manoel de Abreu*. Com este livro que, contando longas interrupções, se acha em elaboração há algum tempo — nas horas roubadas ao exercício da profissão, ao ensino ou ao lazer —, e vem amadurecendo através desse período, pretendo, também, resgatar aquela dívida.

A  
ESTÁCIO DE LIMA,  
EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO,  
JORGE AMADO,  
ADONIAS FILHO E  
ZITELMAN DE OLIVA

## SUMÁRIO

NOTA DA EDITORA (Dados Biobibliográficos do Autor) .....	viii
--	------

### VIDA E OBRA DE PIRAJÁ DA SILVA

1. PIRAJÁ EM LIVRO .....	3
2. O HOMEM EM SUA ÉPOCA .....	6
3. O TOPÔNIMO PIRAJÁ .....	12
O Exército do Recôncavo — O Exército Libertador, 14; O comando das forças rebeladas em Pirajá, 17; Portugueses rebelam-se formando com os patriotas brasileiros, 19; O português José Ribeiro da Silva Pirajá, 22.	
4. NA FAZENDA TIMBÓ .....	26
5. A NOVA ESPÉCIE DE <i>SCHISTOSOMA</i> .....	31
As esquistossomíases, 31 ( <i>Schistosoma Haematobium</i> — Esquistossomíase Africana, 33; <i>Schistosoma Japonicum</i> — Esquistossomíase Japonesa, 33); Nova espécie de <i>Schistosoma</i> — A ruidosa controvérsia, 34; A nova espécie — Os anos de 1907 e 1908, 36; A descoberta de Carlos Chagas, 37; O que se revelou a Pirajá da Silva, 39; Identificado, na Bahia, o <i>Treponema</i> de Schaudinn, 39; O novo achado — Ovos com espículo lateral, 41; Wucherer — Os embriões da Filária <i>Wuchereria Bancroft</i> , 43; O novo achado — O miracídio, 44; O novo achado — Os fatos anatômicos, 46; O <i>Schistosoma</i> em seu habitat — A veia porta, 48; No interior da veia porta — Dois pares de <i>Schistosoma</i> em plena cópula, 49; A prova irretorquível, 50; A denominação da nova espécie, 54; As regras internacionais de nomenclatura zoológica, 54.	
6. NA FRANÇA — EM PARIS .....	64
7. NA ALEMANHA — EM HAMBURGO .....	75
8. A CONSAGRAÇÃO .....	84
A reimpressão dos trabalhos originais de Pirajá no seu octogésimo aniversário, 100; A medalha Bernhard Nocht, 102; Discurso do Prof. Pirajá da Silva lido pelo Dr. Paulo Pirajá da Silva, 108; O cinquentenário da identificação do <i>Schistosoma Mansoni</i> , 110.	
9. ÚLTIMOS DIAS .....	114

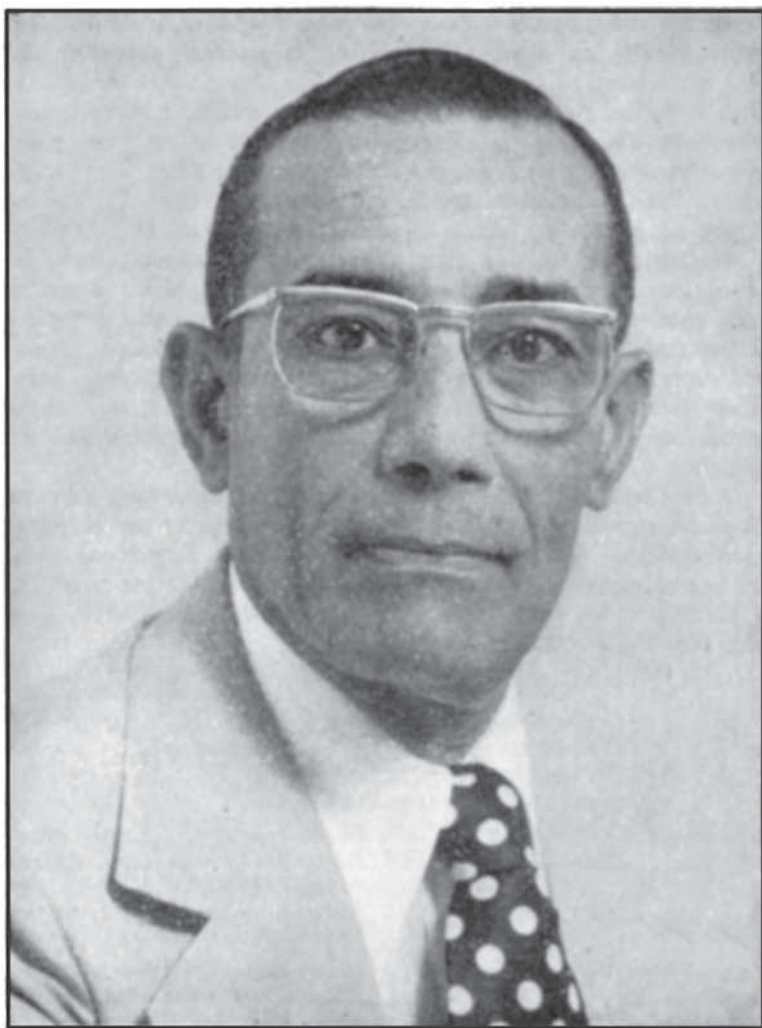


NOTA DA EDITORA  
DADOS BIBLIOGRÁFICOS  
DO AUTOR

NASCIDO EM ITABUNA, Bahia, a 28 de novembro de 1917, filho de Francisco Benício dos Santos e Adelaide Silva Santos, o Professor Itazil Benício dos Santos participa, em nosso panorama cultural, de uma tradição raramente interrompida em cada geração que substitui a anterior. Referimo-nos à tradição dos cientistas, quase sempre médicos, que entre nós se dedicam, ao mesmo tempo, às letras e às ciências, com igual brilho e criatividade, ou, ainda, mesmo quando mais inclinados à realidade das leis da natureza, sempre o fazem com o perfeito domínio de recursos geralmente privativos dos autênticos escritores. Isto é, quando fazem ciência nunca se deixam despojar dos atributos inerentes à arte da prosa imbuída dos princípios da estética da língua, sem que para tanto seja necessário sacrificar a exatidão e o rigor analítico ou crítico dos assuntos em debate. Conteúdo e discurso lingüístico se ajustam sempre, e o próprio léxico especializado não chega a agredir a elegância e a sobriedade da estrutura fraseológica.

Será esse, sem dúvida, o caso do Professor Itazil Benício dos Santos, titular de Radiologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, e livre docente de Radiologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que é igualmente membro efetivo da Academia de Letras da Bahia desde 1972, quando se elegeu por unanimidade de votos dos seus pares.

O Professor Itazil Benício dos Santos, em consequência, participa, assim, daquela tradição, a que nos referimos acima, dos cientistas ou médicos escritores, de que sua mesma província, aliás, oferece generosos e não poucos exemplos. Autor de extensa bibliografia científica, principalmente no terreno de sua especialidade, quer em livros, quer ainda na imprensa médica, o Professor Itazil Benício dos Santos, num campo aliás restrito, encontrou com felicidade o caminho natural para a libertação e desenvolvimento de sua personalidade literária, sem que para tanto fosse preciso chegar aos mundos ficcionais ou poéticos de alguns poucos. A biografia foi-lhe em verdade o ponto de conciliação e equilíbrio entre a literatura e a ciência, sobretudo por-



*que seus temas preferidos giram sempre em torno de personalidades relacionadas com a medicina, e cujo melhor exemplo inscreve-se nas páginas deste mesmo volume. Já em 1963 e 1967, o Professor Benício dos Santos publicava Vida e obra de Manoel de Abreu — o criador da abreugrafia, e Vultos e fatos da medicina brasileira, respectivamente, dois brilhantes estudos onde o médico*



e o escritor se irmanavam. Com esta nova biografia, a de Manuel Augusto Pirajá da Silva (1873-1961), o notável descobrir do *Schistosoma mansoni*, o Professor Benício dos Santos, amplia e aprofunda a sua participação no gênero e, sobretudo, recorda um grande nome da ciência brasileira que ainda não se projetou, para as novas gerações, com o destaque que realmente deveria merecer. Pirajá da Silva, falecido há apenas quinze anos, e cuja contribuição científica ao estudo de várias doenças (disenteria, doença de Chagas, micoses etc.), foi das mais importantes e fecundas, mereceu do Professor Benício dos Santos um estudo biográfico à altura do seu renome de cientista, que se colocará por certo entre os melhores trabalhos do autor no gênero, não só em relação à natureza específica do discurso literário, para os leigos, como também em relação à análise científica de sua atividade, no campo da pesquisa, vista no caso por um outro ilustre profissional da medicina.

O Professor Itazil Benício dos Santos, além de sua extensa bibliografia científica especializada e de sua atuação no magistério universitário, é ainda membro destacado de numerosas entidades e associações de cultura regionais, nacionais e estrangeiras, e já participou de vários congressos, simpósios e seminários realizados no Brasil e no exterior.

## OBRAS DO AUTOR

### I. LITERATURA

- |   |   |
|---|---|
| <i>Vida e obra de Manoel de Abreu — o criador da abreugrafia.</i> Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1963. | <i>Vultos e fatos da medicina brasileira.</i> Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1968. |
|---|---|

### II. MEDICINA

- |  |  |
|--|--|
| <i>Radio-semiologia da cisura oblíqua do pulmão.</i> Bahia, Edição da Imprensa Regina, 1942.                 | <i>Roentgendiagnóstico dos colos — Colopatas clínicas.</i> Rio de Janeiro, 1958.   |
| <i>Exploração radiográfica das áreas pneumáticas da pirâmide pétreá.</i> Bahia, Livraria Científica, 1945.   | <i>Lições de radiologia cardiovascular</i> (Coleção Medicina Didática, direção do Prof. José Silveira). Bahia, Livraria Progresso Editora, 1961. |
| <i>Bases anátomo-técnicas de simples projeção radioológica do rochedo.</i> Bahia, Livraria Científica, 1949. | <i>Radiologia dos tumores abdominais na infância.</i> Bahia, Gráfica da Fundação Gonçalo Muniz, 1973.  |
| <i>Contribuição à propedêutica fisorradiológica intestinal.</i> Bahia, Tipografia Beneditina, 1951.          |  |

VIDA E OBRA  
DE  
PIRAJÁ DA SILVA





## PIRAJÁ EM LIVRO

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO não foi apenas o iniciador, não foi só o introdutor, mas o próprio criador, em livro, do assunto Pirajá da Silva. Decidindo-se, de maneira resoluto e corajosa, à reconstituição, na ciência, da verdade histórica — tarefa gigantesca, pelos percalços e canseiras, mas sobretudo grandiosa, pela nobreza e elevação de propósitos que envolve — pôde, como legítimo pioneiro, ver coroada do melhor êxito sua longa e exaustiva investigação, chegando à demonstração plena daquilo a que se propôs. Revelou e anunciou ao mundo científico, através de argumentos irretorquíveis, devidamente documentados, um fato até então desconhecido da grande maioria — a contribuição original de Pirajá da Silva à ciência médica, no âmbito da parasitologia. E o que é mais importante — com isso, notificava e salientava, tacitamente, o valioso subsídio da incipiente ciência brasileira a um dos aspectos discutidos, complexos e graves da medicina sanitária.

Foi a partir de 1951, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de História da Medicina, reunido no Rio de Janeiro, que Edgard de Cerqueira Falcão decidiu tomar a si a tarefa de reivindicar, para Pirajá da Silva, a prioridade da identificação do *Schistosoma mansoni*. E o fez através de anos de labor ininterrupto — condensando toda essa luta em três volumes, que somam cerca de 700 páginas sobre a obra do grande pesquisador.<sup>1</sup> Além desses, inclui-se um volume epistolar, coligindo

<sup>1</sup> Edgard de Cerqueira Falcão, *Estudos sobre o "Schistosoma mansoni" (1908-1916)*, 1953. *Novas achegas ao estudo da determinação da especificidade do "Schistosoma mansoni"*, 1957. *Pirajá da Silva, o incontestável descobridor do "Schistosoma mansoni"*, 1959.

toda a correspondência trocada, durante onze meses, entre Edgard Falcão e Robert Leiper, a partir de 1959, quando publicou o seu trabalho — *Professor Pirajá da Silva, Incontestable Discoverer of "Schistosoma mansoni"*.<sup>2</sup> Espelha-se aí todo o labor, paciente, constante, beneditino das duas grandes figuras de intelectuais — Falcão e Leiper, cada qual mais arrebatado e empolgado na defesa dos seus pontos de vista, não obstante o respeito absoluto, quase religioso de ambos pela verdade dos fatos.

Pirajá da Silva, tendo sido um espírito polimorfo, multiforme, na expressão, haveria de ser a sua obra. Foi homem de investigação, foi professor de Medicina, foi humanista, foi o grande naturalista que todos reconhecem, sem esquecer o cidadão encantado pelos feitos heróicos dos seus conterrâneos na luta, em terras baianas, pela consolidação da Independência, a ponto de promover, às suas expensas, a reedição da *Memória histórica sobre a Campanha da Bahia*, da autoria de Bernardino Nóbrega.

Mas, a faceta da obra de Pirajá que conquistou, primeiro, atenções, aplausos e honrarias do mundo científico para a Faculdade de Medicina da Bahia, para a própria Bahia e para o Brasil, elevando bem alto o conceito da ciência brasileira foi, sem dúvida, a do pesquisador em medicina, vitorioso pela constância. Foi, sem dúvida, a do pesquisador que, descrevendo pormenorizadamente a biologia do parasito adulto, caracterizou, consubstanciou e identificou definitivamente, sem margem para dúvidas, a nova espécie de *Schistosoma* prevista por Patrick Manson.

A obra de Pirajá, que o elevou ao respeito, à admiração e à consagração de contemporâneos e pósteros, envolve uma longa história de trabalho árduo e obstinado, de renúncias e sacrifícios, somente suportados e suplantados por quem, como ele, ficou nos altos ideais que justificam a existência.

À história dessa vida, que se desenrolou toda ela em função de uma obra reconhecida e aplaudida, pretendeu o autor

---

<sup>2</sup> *Zeitschrift für Tropenmedizin und Parasitologie*, Band 10, Heft 2, pp. 146-153, Aug. 1959, Stuttgart, Alemanha.

trazer uma contribuição, mínima sem dúvida, mas que refletisse a frieza do depoimento insuspeito, não obstante a sua indisfarçável simpatia e admiração pela mesma.

Um trabalho da natureza deste, mais que qualquer outro, não pode prescindir da colaboração de numerosas pessoas. Para chegar às fontes necessárias — fidedignas e silenciosas como os documentos, vivas e palpitantes como as informações de contemporâneos, baseadas na exatidão que só o trato diário e o convívio podem proporcionar. Mas, além disso, outros aspectos há que considerar: das consultas feitas, de natureza diversa, sobre diferentes assuntos tratados no livro, em relação com o biografado, resultaram sugestões valiosas, que ao autor muito valeram. De Edgard de Cerqueira Falcão, dos membros ilustres da Família Pirajá da Silva — Dr. Paulo Pirajá e D. Regina Pirajá, de Ernani de Menezes, de José Calasans, de Elmano Castro, cedo desaparecido do nosso convívio, e de sua esposa, além de muitos outros. A Maria Lúcia Burgos deve-se o cuidadoso trabalho datilográfico. Sem deixar de aludir aos vários depoimentos, de pessoas de diferentes níveis sociais, que o autor procurou ouvir atentamente, na certeza de que recolhia, através da simplicidade com que eram revelados, testemunhos verdadeiros e valiosos.

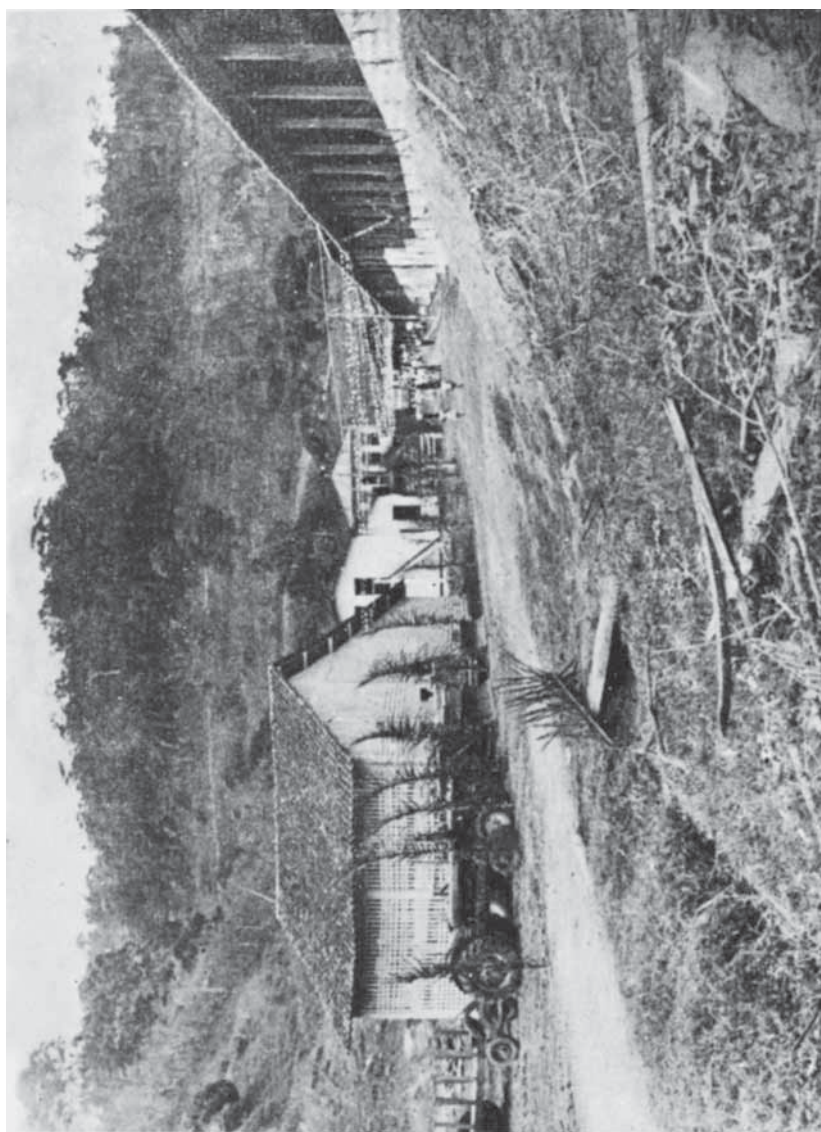
---

## O HOMEM EM SUA ÉPOCA

“...O ponto de partida para a pesquisa original, com raízes na terra, constância, idealismo e esboço de organização, não se vacila em colocá-lo na Bahia, por volta de 1850, quando surge um grupo de precursores, de espírito pioneiro, interessados em nossa Problemática.” Thales Martins, “A Biologia no Brasil (Episódios de sua história)”, cap. XI de *As Ciências no Brasil*, obra organizada e publicada sob a direção de Fernando de Azevedo, Edições Melhoramentos, São Paulo.

NÃO É POSSÍVEL ABSTRAIR o homem — ao tentar uma apreciação de sua vida e sua obra — das condições econômicas, socioculturais e políticas que atravessou o seu meio, no tempo em que viveu e atuou. Nem o homem, nem a medicina que exerceu. Nem a ciência, médica ou de outra natureza que se dispôs a fazer. Não fora a transferência, por graves injunções políticas, da sede da monarquia portuguesa para o Brasil, não se registariam as ocorrências que plantaram assinalado marco na evolução histórica do país: o livre comércio e intercâmbio, de idéias inclusive, seguido de outros atos, que culminariam com a emancipação política do Brasil; a fundação do ensino médico na Bahia, com a criação, a pedido de José Correia Picanço, do Colégio Médico-Cirúrgico, no dia 18 de fevereiro de 1808, e, a seguir, no Rio, a 5 de novembro do mesmo ano, com a instituição da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro.

Desse modo, a primeira década do século XIX não se encerraria sem que se anunciassem em nossa evolução, com aqueles atos, as profundas transformações de ordem econômica, sociocultural e política que abriram, por assim dizer, um novo período em nossa história. “O *sistema colonial* na totalidade dos seus caracteres econômicos e sociais, apresenta-se prenhe de transformações profundas. A obra colonizadora dos portugueses, na base em que assentava e que, em conjunto, forma aquele sistema, esgotara suas possibilidades” — diz Caio Prado Júnior, fixando aquele instante, a primeira década do século XIX, que assinalou o fim de um período que durou trezentos anos — o período colonial.







Rio Timbó — queda-d'água, ao fundo do sobrado.

Non content d'avoir fait des frotis et des coupes histologiques de la vessie, nous avons employé la méthode conseillée par Looss : « Instead of a tedious preparation of sections, it would suffice to macerate a piece of the bladder-wall in caustic potash, and examine the residue. The shells of the *Bilharzia* eggs are not at once dissolved by this reagent, and even a few eggs would be found without difficulty, if present ». Malgré cette méthode, nous n'avons pas trouvé un seul œuf dans la macération de la vessie à la potasse, après centrifugation : au contraire il y avait beaucoup d'œufs à épine latérale dans la macération du rectum. Dans les coupes de foie et de vésicale biliaire nous n'avons pas vu d'œufs.

Le foie était sclérosé et la surface de la muqueuse rectale montrait sur une grande étendue un piqueté hémorragique. Nous avons vu, dans une série de coupes du rectum, que les œufs s'accumulaient dans la muqueuse et la sous-muqueuse rectales ; il y avait même certains points où l'agglomération était considérable. Jusqu'à présent nous avons pratiqué trois autopsies et nous avons trouvé les *Schistosomum* à l'intérieur de la veine porte et de ses branches. Il y avait 24 vers dans la veine porte du dernier cadavre autopsié : 19 mâles isolés. 1 femelle isolée et 2 mâles portant des femelles dans le canal gynécophore.



Fig. 1. — *Schistosomum Mansonii* ♂ et ♀ en copulation.



Fig. 2. — *Schistosomum Mansoni* ♂. × 25.



Fig. 3. — *Schistosomum Mansoni* ♂. — Ventouses orale et ventrale; testicules. × 120.

Página do trabalho original de Pirajá da Silva, "La Schistosomose à Bahia," publicado nos *Archives de Parasitologie* (1908).

LA SCHISTOSOMOSE A BAHIA



Fig. 4. — *Schistosomum Mansoni* ♀  
— Œuf à éperon latéral dans l'utérus.  
× 25.



Fig. 5. — Utérus,  
œuf à éperon latéral dans l'utérus,  
germigène, vitello-  
gène, oviducte et  
vitellogène. × 120.

# CERCAIRE BRÉSILIENNE (*CERCARIA BLANCHARDI*) A QUEUE BIFURQUÉE<sup>(1)</sup>

PAR

le Dr M. PIRAJÁ DA SILVA

Professeur de Parasitologie à la Faculté de Médecine de Bahia.

En examinant certains Mollusques au point de vue de la recherche des Cercaires, par exemple l'*Ampullaria patula* et particulièrement le *Planorbis bahiensis* Dunker, j'ai trouvé une Cercaire nouvelle (fig. 1 et 2), que j'appellerai *Cercaria Blanchardi*, en l'honneur de



Fig. 1. — Groupe de *Cercaria Blanchardi* dans un frottis.

mon maître, le Professeur R. Blanchard. Elle rentre dans le groupe des Cercaires à queue fourchue de Max Lühe (2), dont on connaît six formes dans les eaux douces d'Allemagne et trois dans celles de la Haute Italie. Il faut donc y ajouter maintenant une forme brésilienne (fig. 2).

Les dimensions de la *Cercaria Blanchardi* sont les suivantes :

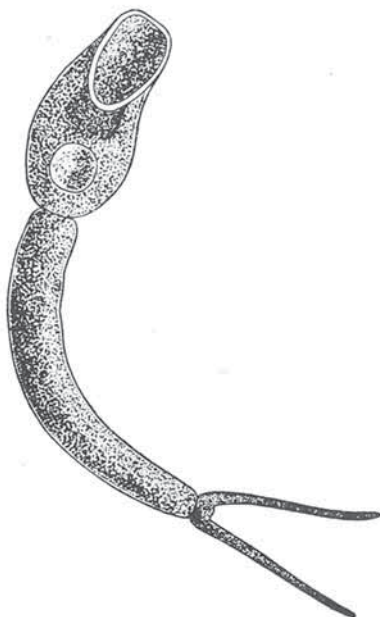


Fig. 2. — *Cercaria Blanchardi*.

(1) Travail du Laboratoire de Parasitologie des Facultés de Médecine de Bahia et de Paris.

(2) Max LÜHE, *Die Süßwasserfauna Deutschlands*. — I. Tremátoden.

---

Fac-simile de trabalho de Pirajá da Silva, publicado em *Archives de Parasitologie*, tomo XV, p.398, 1912, em que anuncia haver descoberto uma nova cercária, no *Planorbis bahiensis*, a que denominou *Cercario Blanchardi*, em honra do seu mestre, Prof. Blanchard. "Causou-nos certa estranheza — escreveu Pirajá — não encontrar no relatório de Leiper a mais ligeira referência aos estudos feitos aqui na Bahia, em 1912, sobre o *Cercario Blanchardi*, que descobrimos no *Planorbis bahiensis*."



Medalha Cultural Pirajá da Silva.



Selo postal comemorativo.



Mesa que presidiu a sessão solene de entrega da Medalha Bernhard Nocht ao Prof. Pirajá da Silva, quando falava o Prof. Rocha Lima.



I



II

A Medalha Bernhard Nocht.

Blanchard, professor de Parasitologia na Faculdade de Medicina de Paris, em cujo laboratório Pirajá estagiou por mais de uma vez, em carta a este dirigida, reflete o conceito que tem da influência das referidas condições sobre o pensamento médico e sua evolução. “A América do Sul — diz Blanchard — é de certo modo, a terra prometida dos parasitologistas. Franceses, como Sigaut, alemães como Wucherer, portugueses como Silva Lima, lá deixaram traços bastante luminosos para que se possa afirmar que resta muito por fazer. As descobertas de P. S. Magalhães, de Cruz, de Lutz, de Chagas e de outros ainda abrem novos caminhos onde a colheita será abundante para legiões de trabalhadores. Rio e São Paulo tomaram a dianteira, mas eis que a Bahia se põe em marcha, sob vossa orientação, e eu entrevejo, para um futuro próximo, uma série de observações que vão projetar a mais viva luz sobre tantos problemas ainda obscuros da patologia brasileira. O regime político vigente no Brasil — continua — não poderia ser mais propício ao desenvolvimento das ciências médicas no sentido que nos interessa. Cada Estado, possuindo autonomia quase absoluta, constitui um centro intelectual e administrativo que não espera senão de si mesmo o aperfeiçoamento de suas instituições e a melhoria de suas condições sanitárias. Se eu pudesse ter qualquer influência no que concerne a estas últimas, eu reivindicaria, em altas vozes, a criação, na Bahia, de um grande Instituto de Parasitologia, dispondo de grandes verbas e provido das mais aperfeiçoadas instalações, de pessoal numeroso, e vos colocaria, meu caro amigo, à frente de tal organização. Prestaríeis, sem demora, ao país os mais assinalados serviços, a imigração não tardaria a tornar-se mais intensa, os vastos territórios ainda desocupados seriam aproveitados, o bem-estar geral e a riqueza pública seriam a consequência disso, tornando-se o Instituto de Parasitologia um órgão essencial e árbitro, de alguma sorte, dos destinos do país. Não é — conclui — simples visão do espírito; tenho a convicção de que tais inovações estão prestes a realizar-se, e que desempenhareis papel capital no surto magnífico, do qual o Estado da Bahia nos dará brevemente o testemunho.”

Pirajá iniciou a sua atuação na pesquisa microscópica a partir de 1903, quando decidira fixar residência na Bahia e dedicar-se aos estudos parasitológicos, já como assistente de clínica Médica, cujo serviço funcionava no Hospital Santa Isabel. A medicina baiana vivia a fase científica que tivera



curso na segunda metade do século XIX, e se inaugurara em 1866, com o advento da *Gazeta Médica da Bahia*, periódico editado sob a responsabilidade de “uma associação de facultativos”, a partir de 10 de julho de 1866. A *Gazeta Médica da Bahia* tendo sido o *acontecimento novo*, responsável pelas mudanças estruturais na maneira de encarar os fatos clínicos, tornou-se o agente da transfiguração por que passou a medicina baiana. Mas, ao tempo em que acolhia e recolhia em suas páginas, reproduzindo e difundindo para todo o mundo os trabalhos de um grupo de estudiosos e pesquisadores, aquele periódico se constituía, sobretudo, no testemunho irrecusável das profundas modificações que experimentava a medicina na Bahia e no Brasil, só equiparáveis à implantação de nova fase no evoluer da mesma.<sup>1</sup> A revista recém-fundada nascia sob o influxo da grande renovação por que passava a medicina, com as grandes conquistas científicas registradas na Europa, a partir do fim da primeira metade do século XIX. Efetivamente, coincidem com essa época e as duas primeiras décadas da segunda metade do século XIX os trabalhos marcantes e decisivos de Claude Bernard (1849, 1865), Pasteur (1855), Virchow (1858), Lister (1865) destinados a promoverem verdadeira revolução na medicina, do ponto de vista da fisiologia, da biologia e da patogenia. Sob essa atmosfera cultural e científica, que refletia tão grandioso impulso renovador é que se funda a *Gazeta Médica da Bahia*. A idéia da fundação desta, aliás, nasceu das reuniões quinzenais que ocorrera a Paterson<sup>2</sup> realizar sobre temas médicos então da maior atualidade. contando com a participação de Wucherer,<sup>3</sup> Silva Lima.<sup>4</sup> Pacífico Pereira. Januário de Faria, Antônio José Alves, Silva Araújo, Virgílio Damásio e outros. “Foi nessas palestras noturnas — escre-

<sup>1</sup> Ordival Cassiano Gomes, *Manuel Vitorino — Médico e cirurgião*, Rio, 1957 e Antônio Caldas Coni, *A Escola Tropicalista Baiana*, Bahia, 1952 atribuem à *Gazeta Médica* a importância de verdadeiro marco, de “divisor de dois mundos”: o das teorias médico-filosóficas e o da medicina científica baseada na ciência experimental”.

<sup>2</sup> John Ligertwood Paterson. Nascido na Escócia, em 1820, chegou a Bahia em 1843, onde se tornou clínico de renome.

<sup>3</sup> Otto Edward Herry Wucherer. Nascido em Portugal, na cidade do Porto, em 1820, de pai alemão e mãe holandesa, chegou à Bahia em 1843, pesquisador ilustre, descobridor do embrião da Filária *Wuchereria* — *Bancroft*.

<sup>4</sup> José Francisco da Silva Lima. Natural de Portugal, chegou à Bahia em 1840, ainda jovem, onde se diplomou em Medicina. Autor de vários trabalhos sobre patologia tropical.

ve Silva Lima —, por diversas vezes interrompidas e recomençadas, que apareceu e se pôs por obra em 1866, a idéia da publicação da *Gazeta Médica*, que tão bons serviços tem prestado à profissão e à literatura brasileira.” Deduz-se que os participantes daquelas reuniões carecessem, àquela altura, de um órgão próprio para divulgação dos conhecimentos, adquiridos na enfermaria ou na mesa de necropsia, depois de levados à discussão ampla. Impunha-se, desse modo, a revista como um meio de expressão, como um instrumento natural de divulgação das atividades clínicas, científicas e experimentais de um grupo representativo da profunda inquietação espiritual que vivia aquele instante da cultura médica, universal e brasileira. Havia o que publicar e divulgar, condição que lhe garantia a continuidade indispensável; além disso, o valor intrínseco, a qualidade do que se publicava, valeu à revista a citação repetida em trabalhos estrangeiros.<sup>5</sup>

A atuação marcante daquele grupo de estudiosos, em que sobressaem Wucherer, Paterson e Silva Lima com trabalhos baseados em pesquisas originais, esteve interrompida por alguns anos. Veio a ser retomada aquela atividade fecunda e produtiva, em forma mais ampla e diversificada, já na República, por Osvaldo Cruz e colaboradores, no Rio de Janeiro, Nina Rodrigues e Pirajá da Silva, na Bahia. A volta de Pirajá ao velho Hospital de Caridade, de onde haviam saído trabalhos científicos valiosos, adquire, assim, um significado especial — aí daria início às pesquisas microscópicas, de que recolheria

---

<sup>5</sup> Foi a *Gazeta Médica da Bahia* o agente de divulgação para todo o mundo dos trabalhos de Wucherer e Silva Lima, vultos que deram elevada expressão à medicina baiana e brasileira na segunda metade do século XIX. Wucherer, “a quem se deve incontestavelmente a divulgação do uso do microscópio no Brasil”, segundo Juliano Moreira, revelou, em 1866, a etiologia da opilação, ou do amarelão, como devida ao mesmo entozoário descoberto em Milão, por Dubini, no ano de 1843 — o ancilóstomo duodenal. (Wucherer, “Sobre a moléstia vulgarmente denominada opilação ou cansaço”, *Gaz. Méd. Bahia*, vol. I, 1866-67. “Sobre o ancilóstomo duodenal ou *strongilus duodenalis*”, *Gaz. Méd. Bahia*, 1868-69.) Ainda em 1866, descobriu, em urinas quilosas, embriões de filárias. Descobriu-os quando, a pedido de Griessinger, seu mestre na Universidade de Tubinger, Wucherer examinava urinas de hematúricos, com a finalidade de nelas pesquisar a existência de ovos de *Schistosoma haematobium*, como ocorria com as urinas de hematúricos no Egipto, fato que o próprio Wucherer comprovava quando estivera no Cairo. Silva Lima, realizou estudos que se notabilizaram sobre o beribéri e sobre o ainhum, sendo o primeiro a estudar a afecção, trazida para o Brasil, pelos pretos africanos, denominada “moléstia de Silva Lima” (*Gaz. Méd. Bahia*, n.ºs 13 e 15 — 1867).

para a medicina brasileira brilhantes resultados, e daria continuidade à obra dos seus predecessores no campo da medicina experimental.

Já reconhecidos, praticamente, por todos os estudiosos, seus trabalhos sobre a especificidade do *Schistosoma mansoni*, se deseja ainda vê-los ratificados e sancionados por outras autoridades, é voltado para a Escola Baiana, cujas tradições gloriosas quer ver não só confirmadas, mas continuadas e acrescidas. Sim, porque a atuação daquele grupo pioneiro de pesquisadores já havia plasmado uma Escola Científica, a Escola de Medicina Tropical. Escola no sentido da atividade perquisitiva conjugada, do pensamento coerente subordinado a uma diretriz, da orientação própria e original que já se prolongará, afinal, desde 1860 até os dias que cursavam. “Se forem confirmados os nossos estudos, como parece pelas observações de Leiper e de Lutz — diz Pirajá —, muito nos rejubilaremos, não tanto pela insignificante co-participação nossa na resolução de tão importante problema, quanto por termos concorrido para que a ela se associe a Escola Baiana, de tradições tão gloriosas, tão altamente exalçadas pelos grandes vultos de Silva Lima, Wucherer, Vitorino Pereira, Paterson, Silva Araújo, Pedro Severiano de Magalhães e Pacífico Pereira.”

Enquanto em atividade, Pirajá não esteve, em tempo algum, distanciado dos estudiosos da Medicina Tropical. Além de suas viagens à Europa e de longa permanência na França e na Alemanha, por mais de uma vez, ele mantinha correspondência com pesquisadores de diversos países. Na França, com Blanchard, Brumpt e outros ligados à cátedra de Parasitologia na Faculdade de Medicina de Paris. Na Alemanha, com alguns membros do Tropeninstitut, entre eles Rocha Lima, seu grande amigo. Em Londres, com Leiper e Manson. No Brasil com Adolfo Lutz, Afrânio do Amaral, Artur Neiva, Carlos Chagas, Osvaldo Cruz e outros.

Essa vasta correspondência, entre as relíquias da família, constitui valiosíssimo acervo, de que transparecem, uma espelhada na outra, a vida e a obra do cientista. Acervo animado e vivo, em que palpitam velhas questões, como se redivivas fossem. Desses guardados ressurgem, à medida que são revolidos, esperanças e anseios esmaecidos, mágoas e incompreensões sofridas, desejos sufocados, idas e esquecidas ilusões. Mas de que ressumbram, sobretudo, o propósito e a intenção da

sua inquieta e sonhadora mocidade — pesquisador consagrado na maturidade sem alardes.

Pirajá da Silva jamais se preocupou em deixar uma imagem de si mesmo — que seria de todo artificial — para a posteridade. Dentro do recolhimento, da sobriedade em que viveu, talvez jamais lhe tenha ocorrido pudesse vir a sua atuação impor-se ao respeito e à admiração dos que lhe sobrevivem. Muito menos esteve em seus cuidados pressentir que qualquer ângulo de sua vida viesse alcançar dimensão suficiente a projetar-se para os porvindouros. Nem sempre se sabe onde paira o conteúdo para a posteridade. Nem que face de uma personalidade, ou que aspecto de uma obra virá a ser devassado, focalizado e realçado pelo interesse e a curiosidade dos pósteros. Ainda mesmo entre aquelas vidas consagradas inteiras ao trabalho e ao estudo. Não recebendo Pirajá formação de pesquisador propriamente, nem tendo ambiente ou escola onde plasmasse tal formação, não obstante, a vocação que trazia para a investigação científica vingou e afirmou-se através de realizações admiráveis. Sem dúvida, uma aparente falta de condicionamento lógico entre a preparação que recebeu, como médico, e a natureza e vulto da obra que realizou. Daí a surpresa, dos resultados obtidos, para muitos — esquecidos estes de que homens há capazes de, ultrapassando lanços e degraus, suprimirem estádios e afirmarem-se de maneira surpreendente.

Embora alçado, ainda em vida, às alturas da celebridade, imerso na modéstia em que viveu, limitou-se à satisfação espiritual que a pesquisa lhe porporcionava. Longe de supor, sequer, estava que a esse labor diligente e fecundo, despretenso e tantas vezes obscuro, iria dever a imagem que dele restou para a posteridade.

---

## O TOPÔNIMO PIRAJÁ

(UM POUCO DE HISTÓRIA)

“O grande neurologista português, que se tornou famoso por haver criado a angiografia cerebral, nascido Antônio Caetano de Abreu Freire, em Avanca, pequena aldeia do norte de Portugal, em 1874, adotou, quando estudante em Coimbra, o pseudônimo — Egas Moniz, um herói da resistência portuguesa contra os mouros, na Idade Média.”

COLLIN MAC CARTY  
*American Journal of Roentgenology  
and Radiotherapy*, Vol. 122, n.º 3, 1974

A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA do Brasil desenrolou-se na Bahia, em grande parte. Na Bahia, como em Minas e Pernambuco, ocorreram os pródromos da Independência, consumaram-se atos políticos que configuram as primeiras origens do movimento separatista, feriram-se as lutas armadas para a conquista do ideal libertador. Na Bahia, afinal, dar-se-ia a consolidação da Independência, com a retirada das tropas portuguesas a 2 de julho de 1823.

Embora os ideais e as aspirações liberais tivessem raízes mais remotas, plantadas no final do século XVIII, com a consagração de Minas (1789) e da Bahia (1798), dois fatos políticos, no início do século XIX, constituíram-se nas primeiras sementes do movimento separatista — a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro e a elevação do Brasil à categoria de reino.

Com a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro, outro comércio iria estabelecer-se, este de conseqüências políticas talvez imprevisíveis na época — o comércio das idéias. Efetivamente, foram os portos brasileiros franqueados às nações, através da carta régia de 28 de janeiro de 1808, redigida na Bahia e aí assinada pelo Príncipe Regente D. João, que transferira, por injunções políticas, a sede do Império português para o Brasil. Quatorze anos depois da assinatura desse importante decreto, em 1822, fazia-se a Independência!

Do mesmo modo, quando Talleyrand, plenipotenciário francês, sugerira, em 1815, aos representantes portugueses, que se achavam entre os demais embaixadores presentes ao Congresso da Paz em Viena, a elevação do Brasil à categoria de Estado politicamente igual à metrópole portuguesa, teria pesado as conseqüências políticas que daí decorreriam. Com tal sugestão, concretizada na carta de lei de 16 de dezembro de 1815, pela qual o Brasil fora elevado à dignidade de reino — Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves — se ficava estabelecida, por lei, a igualdade política entre os povos do mesmo reino, isto é, que portugueses e brasileiros, enraizava-se e fortalecia-se, no espírito destes, a convicção da capacidade de autodeterminação.

Sete anos depois, os acontecimentos políticos de 1822 asseguravam a Independência, com o Grito do Ipiranga. Através das ocorrências político-militares dos fins de 1822 e do primeiro semestre de 1823, consolidava-se a Independência com a retirada das forças portuguesas e a entrada do Exército Libertador na cidade do Salvador.

No curso do ano de 1822, nos meses que precederam o pronunciamento do Príncipe D. Pedro no Ipiranga, como nos meses que a ele se seguiram, incluindo o primeiro semestre do ano de 1823, até o dia 2 de julho, data da retirada das tropas portuguesas, muitas ocorrências, de ordem política e militar, registraram-se no país, na Bahia sobretudo.

Embora a população estivesse dividida pelos seus ideais, a maior parte dela — composta de brasileiros na grande maioria e de portugueses — formava o partido daqueles que desejavam a separação de Portugal, vindo a tornar-se o Brasil um estado constitucional independente. Esse partido avolumava-se e adquiria mais força e unidade à medida que se caracterizava, por vários atos, a intenção e o propósito das cortes portuguesas de estabelecerem no Brasil o regime colonial. Regime que fora suspenso desde que o Brasil se elevara à preeminência de reino, devendo nessa condição permanecer, não só enquanto sede do governo português, senão depois, sob a regência do Príncipe D. Pedro, a partir do regresso de D. João para Portugal, a 26 de abril de 1821.

Na proporção em que o governo de Lisboa tomava providências sucessivas, de natureza política, administrativa e econômica, verdadeiramente restritivas ao desenvolvimento das províncias brasileiras, mais se acentuava, entre os nacionais, a convicção de que estavam voltando aos tempos anteriores à vin-

da da família real para o Brasil, em 1808 e, naturalmente, anteriores à carta de lei de 1815. Tal convicção, que ganhava terreno entre os brasileiros, encontrava ressonância no espírito do príncipe regente, cujo governo se inclinava por uma forma administrativa própria, não abrindo mão das conquistas e direitos que para o Brasil advieram com a implantação da sede da monarquia na Bahia, a princípio, no Rio, a seguir.

Vivia-se já, na Bahia, um clima de franca hostilidade, os acontecimentos nesse rumo, quando se acentuou a tendência à luta armada entre as duas facções, brasileira e portuguesa, ao ser o Brigadeiro Inácio Madeira de Melo, português de nascimento, nomeado para as funções de comandante das Armas na Bahia, em substituição ao Brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, brasileiro, cujo nome encontrava grande receptividade entre os nacionais, pela sua atuação favorável a estes. Dividida a população por esse fato, Madeira de Melo acabou assumindo o comando das Armas, depois de violento choque armado entre brasileiros e portugueses, nos dias 19 e 20 de fevereiro de 1822, “os lutosos acontecimentos de fevereiro”, que resultaram na rendição de Freitas Guimarães, remetido, preso, em seguida, para Lisboa. Os portugueses, com Madeira de Melo no comando das Armas, mantinham-se, praticamente, como senhores da cidade, tendo-a sob o seu completo domínio. Enquanto isso, a população deixava a cidade, em penosos e intensos êxodos, à procura do Recôncavo e do próprio interior, concentrando-se principalmente nas vilas de Santo Amaro, São Francisco e Cachoeira, não só receosa de novos choques armados, que se prenunciavam entre as duas facções, dia a dia mais hostis, senão também ameaçada pela falta de gêneros alimentícios, que já se fazia sentir na cidade, com tendência a se acentuar.

## O EXÉRCITO DO RECÔNCAVO O EXÉRCITO LIBERTADOR

Foi na vila de Cachoeira que se reuniram vários baianos, em movimento encabeçado pelo coronel do Corpo de Cavalaria de Milícias José Garcia Pacheco, e “manifestaram a intenção de aclamar o Príncipe Regente D. Pedro”. A aclamação do príncipe fez-se depois de consulta formal ao povo que, diante das janelas da Câmara, declarou aceitar e reconhecer a au-

toridade de D. Pedro, “defensor perpétuo do Brasil”. A esse acontecimento, de natureza mais cívica que política, seguiram-se hostilidades dos portugueses, partidas de uma canhoneira, que se encontrava no rio Paraguaçu, em frente à vila de Cachoeira, decorrendo daí violento choque armado, entre brasileiros e portugueses, por todo o dia. Com a participação em massa do povo, foi o barco português abordado de todos os lados, por canoas tripuladas pelos rebelados e, afinal, subjogado. Essa vitória dos brasileiros, em Cachoeira, foi comemorada com intenso júbilo pelos patriotas, debaixo de novas aclamações à autoridade do príncipe regente.

Diante da necessidade de constituírem um comando, de onde partissem as determinações, os rebeldes instituíram em Cachoeira, uma Junta Conciliatória e de Defesa, que, mais tarde, se transformaria em governo provisório, formado de representantes das vilas insurretas — Santo Amaro, Cachoeira, Jaguaripe e Nazaré, Inhambupe, Abrantes, Maragogipe, Itapicuru, Valença e Jequiçá.

A ação das vilas rebeladas pautava-se nas providências de natureza civil e militar, oriundas do Governo Provisório instalado em Cachoeira, que, por sua vez, não deixava de se orientar pelas ocorrências do Rio de Janeiro. Enquanto isso, outras vilas do interior deixavam de acatar as determinações da Junta Provisória da capital e do governador das Armas, Madeira de Melo, para se colocarem ao lado dos sublevados. Desse modo, a causa da Independência assumia proporções desmedidas, recebendo adesões e reforços, conseguidos mais com a veemência, o entusiasmo e o ardor patriótico da gente rebelada, a quem faleciam, na verdade, meios materiais para equipar-se em combate. Nas vilas do Recôncavo organizavam-se corpos de voluntários, milícias custeadas pelos senhores de engenho, pelos proprietários rurais, que “mais intensamente tomaram a causa da Independência e com os maiores sacrifícios a sustentaram”.

O objetivo, naturalmente, era, partindo das vilas coligadas, virem as tropas rebeladas, depois de se concentrarem nos seus arredores, fazer o cerco da capital, onde se achava a sede do governo português — Junta Provisória e Comando das Armas. Os batalhões de voluntários organizavam-se sob o ímpeto patriótico dos brasileiros: Belona, de 4.000 voluntários, comandado pelo Capitão Inácio Joaquim Pitombo; Mavorte, de 300 voluntários, comandado pelo Capitão Veríssimo Cassiano de Sousa; dos Pitangas, de 600 homens, comandado por Ma-



nuel Marques Pitanga; o dos Periquitos, comandado pelo Major José Antônio da Silva Castro;<sup>1</sup> o dos Encourados, ou dos Couraças, organizado pelo Padre Brayner, usando o gibão e o chapéu de couro dos vaqueiros do Nordeste; o Batalhão do Imperador, com 850 praças, comandado pelo Coronel José Joaquim de Lima e Silva; o Batalhão Henrique Dias, formado por um corpo de pretos e crioulos, além de outros. Sem esquecer o contingente que marchou sob o comando do Tenente-Coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (futuro Visconde de Pirajá), o primeiro a acampar em Pirajá, formado, também, por índios, armados de flechas.

Não faltaria a vez dos campos, com a sua parcela de sacrifícios, cedendo seus homens e... suas mulheres, como a heroína Maria Quitéria de Jesus Medeiros, o soldado Medeiros como foi chamada, filha de um fazendeiro do Recôncavo, de nome Gonçalves de Almeida, ao que se diz, adepto da Independência — voluntária e entusiasta número um do Batalhão dos Periquitos!

Não faltaria a vez dos campos, abrindo mão dos seus elementos de produção para as forças que se organizavam nos corpos de voluntários e batalhões patrióticos, que dariam combate a Madeira de Melo! Não faltaria a vez daqueles braços desertarem da batalha da produção em que viviam empenhados — braços livres e braços escravos —, dominando e subjugando a uberdade das terras de massapê — no plantio e no corte dos canaviais para os engenhos do Recôncavo. Aqueles braços eram agora chamados para o peso das armas, para o peso maior de uma grande responsabilidade cívica — conquistar a liberdade, fazer a Independência com que plantar, enfim, os fundamentos da nacionalidade brasileira.

Nas vilas constituíam-se comissões responsáveis pela provisão de mantimentos das tropas. De Camamu e Garcia d'Ávila vinha a farinha, como alimento.

Cachoeira, Santo Amaro, São Francisco, Itaparica e Feira de Capuame transformavam-se em verdadeiros arsenais. No

---

<sup>1</sup> José Antônio da Silva Castro, avô de Castro Alves, o grande poeta brasileiro, "Major Periquitão" como ficou conhecido. "Organizou o batalhão denominado dos "Periquitos", em razão do uniforme que adotou e em que sobressaía a cor verde." Antônio Pereira Rebouças, "Recordações Patrióticas", *Rev. Inst. Hist. da Bahia*, n.º 48. Veja Pedro Calmon, *História de Castro Alves*, Rio, 1947.

Engenho de Cobre fundiam-se peças para a campanha da libertação.

Era uma verdadeira arregimentação de recursos e forças, concentrando-se nos locais de comando, em Pirajá sobretudo.

Avultava, entretanto, a necessidade de organizar militarmente aquelas forças, o que só se concretizou com a chegada à Bahia de uma esquadra, preparada e equipada no Rio de Janeiro, trazendo a bordo o general francês Pedro Labatut, nomeado,<sup>2</sup> pelo príncipe regente, comandante-em-chefe do Exército que se organizava no Recôncavo — o Exército Libertador.

### O COMANDO DAS FORÇAS REBELADAS EM PIRAJÁ

Situada a capital da Bahia “em uma península, um dos lados da qual é banhado pelo oceano Atlântico e o outro pelas águas do interior da grande enseada que lhe deu o nome, os independentes vieram assentar o seu acampamento na base da península, de modo a tomar o leito da Estrada das Boiadas, e logo estenderam as suas linhas de um e outro lado, para as duas águas, fechando todo o acesso à cidade por via terrestre”.<sup>3</sup> Labatut, de acordo com o seu plano de fazer o cerco à cidade, criou três divisões ou brigadas no Exército Libertador: a) uma brigada ou divisão da direita, sediada em *Pirajá*, sob o comando de Barros Falcão; b) uma brigada ou divisão da esquerda, sediada em Itapuã, sob o comando de Felisberto Gomes Caldeira; c) uma brigada ou divisão do centro formada pelo Batalhão do Imperador, sob o comando de Lima e Silva. Essas três divisões, assim distribuídas, fariam o assédio planejado da cidade, sitiando-a por terra, até que a esquadra prometida pelo Rio de Janeiro viesse completar o cerco da cidade por mar, o que só se deu a 1.º de maio de 1823, quando aquela entrou na Bahia, formada pela nau *Pedro I*, a fragata *Piranga*, as corvetas *Maria da Glória* e *Liberal*, o brigue *Guarani* e a escuna *Real*.

*Pirajá* constituiu o centro de comando mais importante, concentrando-se aí, em Engenho Novo (sede primitiva do quar-

<sup>2</sup> A 9 de julho de 1822.

<sup>3</sup> Brás do Amaral, *História da Independência na Bahia*.

tel-general de Labatut), a maior parte das tropas, tendo à frente Barros Falcão. Situada no alto, cortada longitudinalmente, pela estrada que da Bahia vai para o norte — a Estrada das Boiadas —, leva, por uma de suas encostas, às praias de Plataforma, Escada, Itacaranhas, Periperi e outras. Tal a sua posição estratégica, que terá assegurado — o exército que a tiver em mãos — não só a entrada de mantimentos na cidade, mas, como um verdadeiro baluarte a cavaleiro das baixadas, um completo domínio sobre as enseadas, embaixo. Eis porque se tornou *Pirajá* “o ponto decisivo de convergência dos esforços dos combatentes, pois é o caminho que leva da península, em que está a Bahia, para todo o centro”.<sup>4</sup>

A primeira tentativa de Madeira de Melo, tendo em mira quebrar o cerco dos rebeldes à Bahia, deu-se a 8 de novembro de 1822, objetivada no combate que se travou em *Pirajá* e Cabrito, onde a luta assumiu proporções extraordinárias, sob o comando de Barros Falcão. Durante cinco horas as forças de ambos os lados mantiveram-se equilibradas, senão quando os portugueses chegaram a ponto de romper a linha de defesa dos brasileiros e ganhar as alturas de *Pirajá*. O Comandante Barros Falcão, presentindo o perigo de cair em mãos inimigas, ordenou tocar retirada, em busca de melhor posição e apoio para resistir. Mas outro é o toque que se ouve do clarim português Luís Lopes, a serviço dos brasileiros — *avançar cavalaria e degolar*. Surpreendidos, também, com o novo alento e arrojo dos combatentes nacionais, começam os portugueses a recuar, precipitando-se pelas encostas e vertentes das colinas, que estiveram quase a galgar, perseguidos pelos brasileiros até embaixo, até as praias, de onde saíram em debandada.<sup>5</sup>

A Batalha de *Pirajá*, de que saíram vitoriosos os brasileiros, revestiu-se de grande importância do ponto de vista mili-

---

<sup>4</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>5</sup> Eis como Santos Titara narra o episódio em seu poema épico *Paraguaçu*: “mas, ó Deuses! / *Confundindo a voz dada o trombeteiro / (Desacordo feliz!) no clarim troa, / Em vez d'a retirar, qual manda Barros, f Que avancem Esquadrões, porque em degola / Horrenda tronquem as hostis jalanges.*” Vale conhecer a nota de rodapé, do próprio Santos Titara, a esse ponto da epopéia: “Sendo-lhe ordenado, que tocasse a retirar, invertendo o sinal, tocou a avançar cavalaria à degola. Esta preocupação, ou engano, decidiu completamente do remate da ação, em que os lusitanos ainda estavam pertinazes.” (Ladislau dos Santos Titara: *Paraguaçu — Epopéia da guerra da Independência na Bahia*, Edição do Sesquicentenário do 2 de Julho de 1823.)

tar e político. Confirmou o acerto do plano baseado no cerco da cidade, a partir do anel fortificado que se fixou nos pontos de concentração das tropas — Pirajá, Itapuã, Cabula. Revelou que, se o assédio à capital se efetivasse, realmente, os subsídios indispensáveis à manutenção das tropas portuguesas só por mar poderiam ser recebidos. Como fazia parte do plano completar o sítio à cidade por mar, graças à esquadra que, do Rio, chegaria, o exército português — uma vez executado, com bom êxito, todo o plano estratégico dos rebelados — teria que deixar a Bahia e o Brasil, o que, realmente, se efetivou a 2 de julho de 1823.

### PORTUGUESES REBELAM-SE FORMANDO COM OS PATRIOTAS BRASILEIROS

Em meio a tudo isso, a ninguém escapava, todavia, que as hostilidades não se dirigiam a uma nação estranha, nem que a luta não se desdobrava contra um país inimigo. Mas, entre membros de uma mesma comunidade, ora dividida em facções, por um ideal, puro e elevado, do qual uma delas não se podia aperceber, em razão dos sentimentos que a dominavam. Era natural, assim, que sentimentos, afeições e interesses entrassem em choque, entre membros de uma mesma família, constituída de portugueses e brasileiros, então desentendidos.

Sobreleva notar que vários portugueses, identificados com os ideais libertadores, que animavam e impeliam os patriotas brasileiros, se tenham colocado ao lado destes, não apenas em atitude de simples solidariedade aos seus ideais, mas decididos a tomarem parte ativa na luta pela conquista daqueles ideais.

“Assim como se tornaram ingratos tantos portugueses — escreve Bernardino Ferreira Nóbrega<sup>6</sup> — que souberam, até então iludir os sinceros brasileiros e entre todos aos itaparicanos, também apareceu dentre eles um — Antônio de Sousa Lima<sup>7</sup> — que, parecendo alimentado pelas nobilíssimas idéias

<sup>6</sup> Bernardino Ferreira Nóbrega, *Memória histórica sobre as vitórias alcançadas pelos itaparicanos no decurso da Campanha da Bahia*, reedição, Bahia, 1923.

<sup>7</sup> “Português, natural da Vila dos Arcos, Arcebispado de Braga, filho de pais camponeses, pelos quais foi mandado, na idade de 8 para 9 anos, para a província da Bahia, à tutela de um tio, *id.*, *ibid.*, p. 7.

de liberalismo, mostrava aspirar a cada momento uma ocasião em que pudesse desenvolver os sentimentos de gratidão e amizade.” No propósito de participarem ativa e veementemente, alguns deles destacaram-se pelo seu heroísmo, graças a que passaram, com justiça, à História. Antônio de Sousa Lima e Fernando José de Araújo Tavares<sup>8</sup> — portugueses de nascimento, foram daqueles mais entusiastas, dispostos a formarem ao lado dos patriotas brasileiros, o primeiro encarregado da alta missão de fazer a ligação com os sublevados do Recôncavo, ao ser conhecida a atitude das vilas rebeladas. “Antônio de Sousa Lima fez-se filho do mundo, indiferente ao terreno onde, apenas, viu a luz — escreve Bernardino Nóbrega —, julgou ser sua pátria aquela que lhe prestara os nutrimentos morais, e, para melhor dizer, aquela que o constituiu ente social... E seria com toda razão chamado ingrato, como muitos outros, se não reconhecesse, se não chamasse a Bahia, sua Pátria, sua Mãe...”

Antônio de Sousa Lima desempenhou papel importante na defesa da ilha de Itaparica, como chefe dos rebelados itaparicanos, quando, a 7 de janeiro de 1823, Madeira de Melo tentou ali efetuar um desembarque. José Batista Massa, outro português de atuação saliente, o boticário rebelde de Itaparica,<sup>9</sup> em torno de quem se reuniam os conspiradores, defendeu e municiou, com material trazido de Cachoeira, o ataque, contra a ilha, dirigido pelo Capitão Taborda. João Francisco de Oliveira Botas,<sup>10</sup> que passou à história com o nome

---

<sup>8</sup> “Dos mesmos sentimentos foi o português Fernando José de Araújo Tavares, que se achando na mesma Ilha, desprezou os agentes da recolonização brasileira pegando ali nas armas para ajudar os brasileiros”, *id.*, *ibid.*, p. 8.

<sup>9</sup> “Era no interior da botica do farmacêutico Francisco José Batista Massa que se ajuntavam todos os que em Itaparica eram opostos ao sistema recolonizador, e era a essa botica que primeiro ia ter, e dela se disseminava para toda a Ilha tudo quanto aparecia em prol da causa esposada pelos brasileiros, seguida e mantida pelo imortal Príncipe, o Defensor Perpétuo do Império do Hemisfério Austral”, *id.*, *ibid.*, p. 88.

<sup>10</sup> “Este oficial, bem que nascido em Portugal, deu sempre, em todos os tempos, as mais evidentes provas de sua amizade ao Brasil. Por isso, no dia 3 de novembro de 1821, foi preso para Lisboa com mais vinte e cinco companheiros, uns brasileiros e outros portugueses de iguais sentimentos, que tentaram a deposição da Junta Provisória da Bahia. Sendo solto por uma anistia em o mês de abril de 1822, passou-se imediatamente para a cidade da Bahia, achando ateadada a guerra entre o Brasil e Portugal, pelas assíduas imprudências das Cortes de Portugal”, *id.*, *ibid.*

de João das Botas, outro português de nascimento, cuja atuação se notabilizou pela organização da flotilha de barcos e lanchas visando à defesa da ilha.<sup>11</sup>

Contra os patriotas de Cachoeira nem todos os portugueses se colocaram, sendo que alguns deles participaram, ao lado dos brasileiros, da apreensão da canhoneira portuguesa que, do rio Paraguaçu, fazia fogo contra a cidade.

Muitos deles tomavam parte nas reuniões que os patriotas faziam, colaborando fielmente, com a sua experiência, nas deliberações tomadas.

Sem esquecer Leite Pacheco, português aqui chegado com Labatut, que formou um corpo de 500 soldados, “com emigrados e soldados do Regimento Velho”.

Nem Antônio Pedro da Fonseca, capitão da 7.<sup>a</sup> Companhia do Regimento da Ilha — “se bem que português, diz Bernardino Nóbrega — foi um perfeitíssimo amigo da causa do Brasil e fez-se naquele tempo credor da amizade e confiança dos itaparicanos pelos sacrifícios que fez de sua vida para o bom êxito da guerra”. Ou Antônio Maria da Silva Torres que, embora “nascido em Portugal, não fechou os olhos à justiça, e, desde os primeiros acenos dos desejos do Brasil, se decidiu a seu favor, e prestou muitos bons serviços, naquela época, na Vila da Cachoeira e, depois, no Corpo do Exército”.<sup>12</sup>

As próprias atitudes, entre os rebelados, no curso da campanha, feita dos lances cívicos e episódios épicos dos patriotas, continham incongruências e contradições. Reconheciam — como consignado em atas das Câmaras das vilas sublevadas — D. Pedro de Alcântara, Príncipe do Reino Unido, como Regente Constitucional do Brasil, por seu Augusto Pai El-Rei D. João VI, e o aclamavam seu Defensor Perpétuo. Davam vivas aos irmãos de Portugal e do Brasil e à União dos Rei-

<sup>11</sup> “Achando-se então, na Vila de Cachoeira, o 2.º-Tenente da Armada Nacional Imperial, hoje capitão-tenente, João Francisco de Oliveira Botas, o governo por não fugir já às instâncias de Lima, mandou que o dito Botas fosse para a Ilha de Itaparica, entender-se com o seu comandante, e cuidar com ele do armamento do barco de que ele falava ...” “Apenas ficou armado o barco — *Pedro I* — foi equipado de marujos e tropa, dirigindo esta o Alferes Alvelos e comandando em chefe o valente Botas aquela embarcação que devia sair em breves dias capitaneando dezenove velas entre barcos e lanchas, que não podiam atravessar para o lado oposto pela interceptação que faziam as canhoneiras inimigas”, *id.*, *ibid.*, p. 118.  
<sup>12</sup> *id. ibid.*

nos Unidos de Portugal, Brasil e Algarves, embora se achassem rebelados. O próprio Príncipe D. Pedro, em proclamação aos baianos, a 17 de junho de 1822, exortava-os a resistirem às tropas do “infame Madeira, para conosco entoardes vivas à Independência moderada do Brasil, ao nosso bom e amável Monarca El-Rei, o Senhor D. João VI e à nossa Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Reino do Brasil”.

## O PORTUGUÊS JOSÉ RIBEIRO DA SILVA PIRAJÁ

José Ribeiro da Silva, natural de Vila Nova de Famalicão, em Portugal, foi um desses portugueses que, simples espectador, a princípio, dos atos cívicos e lances heróicos dos brasileiros na luta pela Independência, passou, depois, a vivê-los, com entusiasmo e paixão mesmo, a ponto de tornar-se identificado com os ideais revolucionários.

Chegando ao Brasil ainda jovem, impressionou-se profundamente com a bravura dos nacionais, o sentido grandioso da luta e os ideais elevados pelos quais se batiam os brasileiros. Ao mesmo tempo, não encontrava justificativa para a oposição, em termos da formação de uma consciência coletiva, ou para a própria oposição armada que os seus patrícios portugueses — nem todos, aliás! — moviam e sustentavam contra os ideais, que julgava impostergáveis e irrecusáveis para os brasileiros.

Da vila de Camamu, onde, afinal, foi residir, pôde acompanhar o desenrolar de toda a luta separatista na Bahia, desde as primeiras ocorrências até os grandes episódios heróicos, que culminaram com a entrada do Exército Libertador de Lima e Silva na Bahia.

De todos esses lances épicos, com que a Bahia fez a Independência, calou fundo no espírito e na consciência de José Ribeiro da Silva, que era só receptividade aos triunfos da causa brasileira, um deles sobretudo, o maior deles — o feito de *Pirajá*.

Não hesitou José Ribeiro da Silva em acrescentar, ao seu nome o sobrenome português, o topônimo PIRAJÁ. Recorde-se, pela analogia dos fatos, que Egas Moniz, o grande neurolo-

gista português, famoso por haver sido o iniciador e introdutor da angiografia cerebral, com o seu trabalho *Encefalografia arterial: importância na localização dos tumores cerebrais*, publicado em 1927 — nasceu em Avanca, norte de Portugal, em 1897, sendo o seu nome de batismo Antônio Caetano de Abreu Freire. Quando ainda estudante, em Coimbra, onde iniciou, simultaneamente, as atividades políticas que jamais deixaria de exercer (foi ministro dos Negócios Estrangeiros e presidiu, após a Primeira Grande Guerra, a Conferência de Paz em Versalhes), adotou o pseudônimo Egas Moniz — nome de um herói da resistência de Portugal contra os árabes que, partindo do norte da África, invadiram a Península Ibérica, na Idade Média.<sup>13</sup>

Se adversas circunstâncias impediram José Ribeiro da Silva de ser, ele próprio, um voluntário dos famosos Batalhões Patrióticos, como talvez fosse do seu ardente desejo, teria encontrado, com esse gesto e essa medida, a maneira cabal, a seu ver, de demonstrar a sua simpatia, o seu entusiasmo, o seu aplauso, se não a sua paixão pela causa brasileira, vitoriosa e coberta de imarcescível glória neste lanço heróico de Pirajá. Vindo, mais tarde, a constituir família no Brasil, tornar-se-ia JOSÉ RIBEIRO DA SILVA PIRAJÁ, o ponto de partida, a origem e ascendência do tronco dos PIRAJÁS no Brasil. Casando-se com a Senhora Joana Batista de Moraes, o casal teve uma filha que se chamou Maria Veridiana Pirajá. Do casamento desta com Eduardo Augusto da Silva, em Camamu, onde exercia este as funções de promotor público, que mais tarde seria desembargador do Tribunal de Justiça na Bahia, nasceram cinco filhos: Manuel Augusto, Eduardo, Nuno, Adelaide e Amélia.

Manuel Augusto da Silva chamou-se o primeiro filho do casal, nascido a 28 de janeiro de 1873, nome que recebeu ao nascer, como consta da sua certidão de nascimento. Deixou de receber, assim, o sobrenome completo materno — SILVA PIRAJÁ, tomando, apenas SILVA, que figurava no sobrenome de um e outro dos seus pais. Mais tarde, como adiante se verá, modificaria o seu nome, passando a usar PIRAJÁ, do cognome materno, e da SILVA, do cognome paterno, formando — MANUEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA, como passou a chamar-se definitiva-

---

<sup>13</sup> Collin S. Mac Carty. "A Significant Symbiotic relationship", *American Journal Roentgenology and Radiotherapy*, vol. 122, n.º 3, 1974.



mente, a partir de 1891, ao matricular-se na primeira série da Faculdade de Medicina da Bahia.<sup>14</sup>

Muito há ainda que conhecer, através das páginas que se seguem sobre a história de MANUEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA, natural da cidade de Camamu, na Bahia, neto de JOSÉ RIBEIRO DA SILVA PIRAJÁ, português de nascimento.

Basta saber, por enquanto, que um e outro, avô e neto, salientaram-se nos bons serviços prestados ao Brasil. O primeiro pelo seu devotamento total e entusiástico à causa do Brasil, nos anos de 22 e 23, sendo português de origem. Vários europeus, como ele, avultaram-se no empenho de todos pela formação da nacionalidade brasileira — Labatut era francês, Lord Cochrane inglês, para citar, apenas, estes, comandantes, respectivamente, das forças que, em terra e mar, combateram pela nossa Independência.

O segundo, o neto, Manuel Augusto Pirajá da Silva, pela constância e pertinácia do pesquisador infatigável que foi, ergueu bem alto — ao lado de Wucherer, Paterson, Silva Lima, Chagas, Osvaldo Cruz, Lutz e tantos outros — o conceito da incipiente ciência brasileira.

Não só pela ascendência materna, entretanto, estaria ligado aos feitos heróicos da luta, na Bahia, pela nossa emancipação política. Os imperativos, não menos fortes, das suas raízes paternas o vinculariam aos episódios de bravura dos brasileiros na peleja, em solo baiano, pela consolidação da Independência. Seu avô paterno foi o Capitão Anselmo Pereira da Silva — “um dos soldados voluntários de Nazaré, que participou das lutas da Independência travadas na intrépida Itaparica”, escreveu o próprio Pirajá.

Essas razões, misturadas ao seu orgulho natural de baiano pelos feitos dos seus compatriotas, fizeram-no sentir-se imbuí-

---

<sup>14</sup> Em petição, cujo fac-símile se reproduz na página 25, Pirajá requer à Faculdade de Medicina da Bahia, em 14 de abril de 1908, mandar passar por certidão “se do termo de sua matrícula no 1.º ano médico nessa Faculdade, no ano de 1891, consta a anotação da mudança do seu nome de Manuel Augusto da Silva para o que atualmente usa” (Manuel Augusto Pirajá da Silva).

do de um dever que julgou indeclinável — não permitir que caísse no esquecimento a obra de Bernardino Ferreira Nóbrega intitulada *Memória histórica sobre as vitórias alcançadas pelos itaparicanos no decurso da Campanha da Bahia*, dada à publicidade em 1827, na Bahia. Pirajá tomou a si a responsabilidade de fazer a reedição, devidamente anotada, da obra de Bernardino Nóbrega, o que se concretizou com a edição comemorativa do 1.º centenário da Independência, vinda a lume em 1923. Acrescido e enriquecido das oportunas anotações de Pirajá — sobressaindo, entre elas, a súmula biográfica de alguns heróis da Independência —, o livro de Nóbrega tornou-se valioso documento da historiografia brasileira e baiana.

---

Exm.<sup>o</sup> Hm.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Director da Faculdade de Medicina  
da Bahia.

Certifico-se em Bahia, 14 de Abril de 1908.

D. A. Siqueira

D.<sup>o</sup> Manoel Augusto Pirajá da Silva, a bem de seu direito, vem pedir-me que eu dignem-se mandar certificar-se dos termos de sua matricula no 1.<sup>o</sup> anno medico nessa Faculdade, no anno de 1891, comta a annotação da mudança do seu nome de Manoel Augusto da Silva, para o que actualmente usa:

Estes termos

C. de Siqueira

Bahia, 14 de Abril de 1908.

D.<sup>o</sup> Manoel Augusto Pirajá da Silva



---

## NA FAZENDA TIMBÓ

A FAZENDA TIMBÓ estendia-se interior adentro, no município de Amargosa, por cerca de oito mil tarefas de terras férteis onde vicejavam canaviais e cafezais.

Também conhecida como Fazenda São José do Timbó, ou Fazenda Riacho do Timbó, veio-lhe o nome do pequeno rio que lhe sulca as terras — a grande riqueza natural da propriedade. Somava, precisamente, 3.371 hectares, ao tempo em que foi passado, pela Secretaria do Governo do Estado da Bahia, em 3 de março de 1892, o título de posse e legitimação do imóvel, a requerimento do Capitão Feliciano da Silva Rocha e sua mulher Januária Carolina da Silva Rocha, irmã de Eduardo Augusto da Silva, aquela tia e este pai de Manuel Augusto Pirajá da Silva.

Com o falecimento de José Feliciano da Silva Rocha, procedeu-se à partilha amigável da Fazenda Riacho do Timbó, tornando-se esta um condomínio, pertencente à viúva meeira D. Januária Carolina da Silva Rocha e aos herdeiros: Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva, por cabeça de sua mulher Elisa Rocha Pirajá da Silva, Desembargador Filinto Justiniano Ferreira Bastos, por cabeça de sua mulher Carolina Rocha Ferreira Bastos, Dr. Antônio Bastos de Freitas Borja, por cabeça de sua mulher Oliva Rocha de Freitas Borja, Farmacêutico Nuno da Silva Rocha, Bacharel Floriano da Silva Rocha e Engenheiro José Feliciano da Silva Rocha.

Da partilha amigável dos bens deixados por José Feliciano da Silva Rocha, homologada por sentença do então juiz de Direito da Comarca de Amargosa, Dr. José Heraclides Ferreira, em 18 de julho de 1904, consta, conforme certidão do escrivão dos Feitos Cíveis e Criminais, registrada no Oficial do Registro de Imóveis: “certidão constante do quinhão que se

faz ao Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva, casado com a herdeira filha D. Elisa Rocha Pirajá da Silva... Deram-lhe mais, na fazenda "Riacho do Timbó", na área de terrenos conhecida pelo nome de "Riacho da Jacuba", a quantia de um conto duzentos e dezesseis mil e seiscentos e sessenta seis réis (1:216\$666)." Tendo sido a fazenda, com a sua área de 3.771 hectares, avaliada, na ocasião, em oitenta contos de réis (80:000\$000) e cabendo, na partilha amigável, 2.834,450 ha à viúva e meeira Januária Carolina da Silva, coube ao herdeiro Manuel Augusto Pirajá da Silva a área de 51.267 ha, cujo valor correspondente era de um conto duzentos e dezesseis mil e seiscentos e sessenta e seis réis (1:216\$666).

Por falecimento de D. Januária Carolina da Silva Rocha, do total de 2.834,450 ha da fazenda que lhe havia cabido por meação, deu-se a Manuel Augusto Pirajá da Silva a área de 236,204 ha pelo valor de oito contos trezentos e trinta e três mil, trezentos e trinta e três réis (8:333\$333). É o que consta da certidão passada, em 24 de maio de 1954, pelo escrivão dos Feitos Cíveis e Criminais da Comarca de Amargosa, extraída dos autos da partilha amigável dos bens deixados por D. Januária Carolina da Silva Rocha, homologada por sentença do então juiz de Direito da Comarca, Dr. Áureo Bartolomeu de Oliveira, em 14 de março de 1933: "Deram-lhe na fazenda "São José do Timbó", tal como foi dada à meação da inventariada D. Januária Carolina da Silva Rocha, na partilha amigável dos bens de seu falecido marido Cap. José Feliciano da Silva Rocha, a quantia de 8.333\$333."

A Fazenda Timbó continuou em condomínio, nela possuindo Pirajá e sua mulher duas partes, havidas por herança de seus sogros e pais, José Feliciano da Silva Rocha (51,267 ha) e D. Januária Carolina da Silva Rocha (236,204 ha), perfazendo um total de 287,471 ha.

Assim foi até 28 de maio de 1954, quando Pirajá e sua mulher, já residindo em São Paulo, na mesma casa da Alameda Itu, n.º 911, representados pelo seu procurador, advogado provisionado Aristides Carmelo Gomes de Oliveira, venderam, pela quantia de Cr\$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros) as duas partes que possuíam na fazenda ao Bacharel Clóvis Rocha de Freitas Borja, conforme escritura de compra e venda lavrada pelo Tabelião Abílio Augusto Veloso.

Entretanto, ainda mesmo afastado, como já vivia, pelo tempo e pela distância, daquelas terras que eram parte do seu

mundo, não foi fácil ao casal romper as amarras que prendiam ambos à Fazenda Timbó.

Nem se saberia mesmo dizer se os laços que ligavam Elisa, herdeira direta e dona da propriedade, à fazenda seriam mais fortes, ou predominassem. Acontece que o primo Manuel Augusto costumava passar longas temporadas na Fazenda Timbó. A circunstância de haver sido o pai de Pirajá, Dr. Eduardo Augusto da Silva, juiz de Direito da Comarca de Amargosa, onde morou, foi decisiva — a fazenda ficava a léguas e meia de distância da cidade de Amargosa, percurso que se venciam facilmente, em hora e meia, a cavalo. Mas, além da proximidade de Amargosa, outras razões mais fortes atraíram Manuel Augusto para a fazenda, onde passava as férias, que ele aguardava contando os dias — o acolhimento e o aconchego extremamente carinhoso de sua tia Januária Carolina e a companhia da prima Elisa.

D. Januária Carolina foi uma dessas criaturas feitas de bondade, a desfazer-se em bondade. Recebia e acolhia a todos, como se interessava pela sorte de todos que viviam à sua volta. Enchia, com a sua grande alma e a sua vontade irremovível de servir, o casarão vazio que era a casa de sede. A simplicidade do seu ser não era terreno favorável a que vicejassem convenções sociais, ou adornos convencionais — na verdade, os apelos dessas convenções, que são os preconceitos sociais, não encontravam eco em sua alma. Como se por entender que devesse ser e parecer o que realmente era no mais íntimo da sua pessoa. Não quer dizer que, para não carregar preconceitos sobre si, andasse alheia do mundo, ou existisse fora da realidade econômica e social do momento histórico em que viveu. E o que é mais importante, a levar em conta a florescente condição econômico-social que desfrutava o casal não chegava a turvar-lhe a limpidez da autenticidade dos sentimentos. Foi do tempo dos escravos, mais do que isso, teve escravos — mas não foi *senhora de escravos*. Teve engenho de açúcar, alimentado pelos canaviais que vicejavam nas terras da fazenda, foi proprietária de engenho — mas não foi *senhora de engenho*. Como fazendeira que foi, morou sempre na casa-grande da fazenda, teve sempre casa-grande, viveu na casa-grande, mas, embora fosse, diga-se de uma vez, senhora da casa-grande, recebia de todos que andavam à sua volta o tratamento carinhoso de Sinhá. É que, não obstante plantada a casa-grande a cavaleiro das demais construções da

sede, era a Sinhá quem descia, de coração aberto e solícito, ao encontro de todos — brancos e ricos iguais a ela, pretos escravos, pedintes e necessitados que batessem à sua porta. Esses sentimentos que dominavam na casa-grande acabavam sendo comuns a todos — senhores e escravos, donos e empregados, patrões e criados. Como se a oferenda de si mesma transbordasse do coração generoso da Sinhá e tocasse e enchesse também o coração das criaturas que viviam à sua sombra. Era preciso ver, ao anoitecer, aquela gente acercar-se da casa-grande para comungar dos sentimentos religiosos dos seus donos — ocupavam todos, do lado de fora, as janelas da casa-grande, quando não entravam portas adentro e se espalhavam pela grande sala, aquecidos pela intimidade do lar, para fazerem coro com o Sinhô e a Sinhá, nas rezas do ofício religioso.

Ali, a alforria, que a sucessão dos acontecimentos anunciava iminente, era aguardada, desejada e mesmo bem recebida pelo senhor e a senhora, como um passo significativo na evolução social e econômica de um povo, sem dúvida. Não, entretanto, por aqueles a quem o auspicioso instituto legal beneficiava, que ainda não atinavam com o seu alcance social, sentimentalmente ajustados, como se encontravam, ao patriarcalismo e ao paternalismo ali reinantes. Não obstante haverem conquistado um direito inerente à própria dignidade humana, apesar de libertos, os alforriados não se animavam a deixar a fazenda, a casa-grande e os seus donos. Realmente, lá permaneceram, presos por outros laços mais fortes, por outras amarras que os acorrentavam, quais as de uma grande afeição recíproca, que ressumbrava daquele ar de austeridade natural, de autoridade mantida e consentida e de respeito mútuo que envolvia a casa-grande.

Mas, dentro de Pirajá um sentimento havia, imperioso, dominador, mas, sobretudo irresistível que o impelia para o silêncio e a solidão que envolviam as terras da Fazenda Timbó. Era ansioso, contando os dias que ele aguardava o momento de vencer a cavalo aquele percurso de poucos quilômetros que separava a fazenda da cidade de Amargosa. Tudo era novo e o transportava a um como suave enlevo a partir daquele momento — desde o ar puro e fresco da estrada, recendendo a mato e a tabuleiro, desde o silêncio e a segurança coniventes daqueles caminhos, que o deixavam absorver-se na contemplação da imagem da mulher que trazia no seu afeto, até a perspectiva de chegar...

Na verdade, a doce e terna imagem da prima Elisa sempre esteve na sua afeição. Ela não foi o seu primeiro, ou o seu verdadeiro amor, porque foi o único. Não faltaram a Elisa pretendentes, que, entretanto, nem sequer chegavam a manifestar-lhe a intenção. Todos sabiam que a afeição da sinhá-moça, repassada de tanta ternura e meiguice, sempre tivera endereço certo. Toda gente sabia do compromisso tácito que sempre houvera entre Elisa e o primo. “Ela tem paixão pelo primo” — é o que se dizia, à boca pequena, na Fazenda Timbó.

Tudo se cumpriu na melhor forma. Elisa e Pirajá não se encontraram em qualquer ponto para, partindo daí, realizarem esse destino. Teriam, realmente, nascido um para o outro, tão natural e espontaneamente tudo ocorreu, através de anos deliciosos e felizes, desde a distante adolescência de ambos...

Pirajá e Elisa casaram-se a 10 de setembro de 1898, na Fazenda Timbó, recendendo o ambiente festivo do belo sobrado a flor de laranjeira. Cestos e cestos de flores de laranjeira, colhidos à volta da casa, na redondeza, pelas mãos de todos — mãos largas, mãos abertas, mãos cheias de votos —, enfeitavam, desde a entrada, as salas do imponente sobrado, onde Elisa e Manuel Augusto Pirajá receberiam, na presença do Cônego Francolino de Oliveira, o sacramento do matrimônio.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Presentemente a Fazenda Timbó é de propriedade da Família Elmano Castro, que a adquiriu ao Bacharel Clóvis Rocha de Freitas Borja, seu penúltimo dono. Chega-se à fazenda, em cerca de três horas de viagem, pela estrada Rio—Bahia, de Salvador até Milagres e daí, também em rodovia pavimentada, de trinta e dois quilômetros de extensão, até Amargosa. Com mais um percurso de cerca de oito quilômetros, em terrenos acidentados, marginando, em parte, o rio Timbó, e atravessando-o em seguida, ao termo da última elevação que se galga divisa-se, embaixo, entre encostas escarpadas, um vale de abundante vegetação, onde está plantada a sede da fazenda. O sobrado, avarandado, trazendo, nas suas fachadas, numerosas janelas emolduradas e envidraçadas, conserva, nas linhas gerais, a mesma sobriedade e sobranceria dos primeiros tempos, edificado a cavaleiro das demais construções da sede. Sala grande de frente, de onde parte amplo corredor, no qual se abrem seis espaçosos quartos. Ao fundo, a sala de jantar, medindo, de extensão, toda a largura do prédio. Partindo daí, uma escada de madeira leva à enorme cozinha (que fica no pavimento térreo) e a outras dependências.

Não só o percurso de carro, de Amargosa à fazenda é muito agradável, mas a própria sede da fazenda, pela disposição das construções, é acolhedora.

---

# A NOVA ESPÉCIE DE "SCHISTOSOMA"

## AS ESQUISTOSSOMÍASES

AS ESQUISTOSSOMÍASES são doenças parasitárias do homem, determinadas por vermes da classe dos chamados trematódeos, pertencentes ao gênero *Schistosoma*.

Esses vermes, caracterizam-se por duas particularidades essenciais — em primeiro lugar, possuem sexos separados, existindo, portanto, vermes machos e fêmeas; além disso, apresentam, quando machos, ao longo do corpo, em situação mediana e posterior, uma escavação alongada, ou seja, a própria parte posterior do corpo dobrada sobre si mesma, à maneira de um cartucho, ou canal — o *canalis gynecophorus* — onde se aloja a fêmea por ocasião da cópula. Daí a denominação *Schistosoma*, de *Schiston* — fendido e *soma* — corpo.

A este gênero *Schistosoma*,<sup>1</sup> criado em 1858, por David Weinland, de acordo com as normas e leis da nomenclatura

---

<sup>1</sup> A denominação *Schistosoma*, criada por Weinland, em 1858, deriva do grego, sendo grega a sua desinência. Foi criada, como se sabe, para substituir, por ser mais própria, a designação *Distomum* devida a Theodor Bilharz. Embora aceita aquela denominação por todos, em geral, Blanchard cria, em 1895, o termo *Schistosomum* forma latina, ou, por assim dizer forma latinizada, pela sua desinência, do termo oriundo, etimologicamente, do grego (*Schiston* — fendido, *soma* — corpo), que foi adotado por várias autoridades, inclusive pelo próprio Sambon, em 1907. De acordo, entretanto, com a "opinião 226" da International Commission on Zoological Nomenclature, suplementar à "Opinion 77", confirma-se a propriedade da designação genérica "*Schistosoma*" Weinland, 1858, voltando-se a usar, por-



zoológica, pertenciam, apenas, uma espécie — a causadora da Esquistossomiase Africana ou Egípcia —, denominada *Schistosoma haematobium*, verme descoberto em 1851, no Egito, por Bilharz, professor da Faculdade de Medicina do Cairo. Esse verme adulto foi devidamente caracterizado por uma série de particularidades somáticas, próprias ao parasito macho e à fêmea; além disso, a espécie é identificada pela morfologia dos ovos, que apresentam, como característica fundamental, um espículo, de implantação terminal.

Em 1904, os estudos de Katsurada, no Japão, sobre uma afecção encontrada em Yamanashi, Hiroshima e Saga, acrescentaram ao gênero *Schistosoma* uma outra espécie — o *Schistosoma japonicum*, cujos ovos se caracterizam, morfologicamente, pela ausência de espículo, ou acúleo.

Acontece que Bilharz, após ter descoberto o *Schistosoma haematobium*, cujos ovos se caracterizam pela presença de um acúleo terminal, passou a notar, em alguns portadores da esquistossomiase africana, a coincidência da eliminação pelas fezes, de ovos com espículo terminal e lateral. Esse achado foi interpretado diversamente, acreditando o próprio Bilharz, inicialmente, tratar-se de uma modificação da morfologia do mesmo ovo, até que Patrick Manson, de Londres, especialista em doenças tropicais, aventou, em 1902 e 1903, a hipótese de tratar-se de uma outra espécie do gênero *Schistosoma*. Tal fato levaria Sambon, quatro anos mais tarde, em 1907, a propor, baseado em dados de uma única observação embora, a criação de uma nova espécie do gênero *Schistosoma*, a que denominou *Schistosoma mansoni*, em homenagem a Manson.

---

tanto, a forma original grega — *Schistosoma*. A decisão da International Commission on Zoological Nomenclature, editada pelo secretário da mesma, na ocasião, tem o seguinte título: "Opinion 226 — Suppression, under the Plenary Powers, of the generic name *Bilharzia* Meckel von Hemsbach, 1856, for the purpose of validating the generic name *Schistosoma* Weinland, 1858 (Class Trematoda) (Opinion Supplementary of Opinion 77)". Edgard de Cerqueira Falcão a quem se devem os elementos destas notas e a pesquisa bibliográfica que os fundamenta, transcreve, em fac-símile, nas páginas, 289 a 311 do seu livro *Pirajá da Silva, o incontestável descobridor do "Schistosoma mansoni"*, São Paulo, 1959, todo o conteúdo da "Opinion 226", editada por Francis Hemming, então secretário da International Commission on Zoological Nomenclature.

SCHISTOSOMA HAEMATOBIMUM  
(Esquistossomíase Africana)

A história dos conhecimentos sobre as esquistossomíases data de 1851, com os estudos de Bilharz, no Cairo, descobrindo e identificando o agente etiológico da chamada Hematúria do Egito — um verme trematódeo, a que denominou *Distomum haematobium* (em razão de possuir o verme duas ventosas, oral e ventral, e ter como habitat o sangue). Anos depois, em 1858, David Weinland cria o gênero *Schistosoma* para designar esses vermes, em razão de o macho (são vermes que têm sexos separados, isto é, há vermes masculinos e femininos) apresentar, ao longo da parte posterior do corpo, uma fenda em forma de canal, conforme já referido, no qual transporta a fêmea durante a cópula. Na mesma época, Cobbold propõe o nome de *Bilharzia* para designar o parasito, donde os seus derivados — bilharziose e bilharzíase. Bilharz partiu da verificação, em pacientes com hematúria africana, de ovos com espículo terminal, e ovos com espículo lateral em outras oportunidades. Acreditou tratar-se de uma única espécie de *Schistosoma*, apesar dos ovos de morfologia diferente, julgando explicar-se o espículo lateral por mais de uma razão, como adiante se verá. Outros, entretanto, admitiram a hipótese de tratar-se de uma nova espécie, destacando-se entre estes Patrick Manson, da Escola de Doenças Tropicais de Londres.

SCHISTOSOMA JAPONICUM  
(Esquistossomíase Japonesa)

Katsurada, no Japão, em 1904, identificou o agente etiológico de uma nova doença, depois denominada Doença de Katsurada, uma esquistossomíase determinada por uma nova espécie de *Schistosoma*, a que denominou *japonicum*. Esta espécie diferencia-se da anteriormente estudada, o *Schistosoma haematobium*, por algumas características encontradas no verme adulto e nos ovos. O verme adulto não apresenta papilas no seu tegumento; o verme masculino possui menor número de massas testiculares, enquanto o verme feminino possui um útero mais longo que o da espécie anteriormente estudada. Os ovos são menores, com uma característica especial — não pos-

suem espículo, ou apresentam um rudimento de espículo lateral, dificilmente identificado. Esta espécie é endêmica no Japão e na China, sendo a esquistossomiase japonesa mais grave, de modo geral, do que as demais. A postura é, em geral, mais volumosa que a do *Schistosoma haematobium*, donde uma agressão mais maciça aos tecidos, e, conseqüentemente, a maior gravidade das lesões.

### NOVA ESPÉCIE DE "SCHISTOSOMA" A RUIDOSA CONTROVÉRSIA

Desde as observações originais de Bilharz, em 1851, identificando ovos de morfologia diferente — ovos com espículo terminal e ovos com espículo lateral — que uma dúvida se levantou dando lugar a uma controvérsia que se tornou famosa, pelo valor dos estudiosos nela empenhados e pelo tempo durante o qual ela se desenrolou. Isto é, se os ovos com espículo de implantação terminal e lateral provinham de uma única fêmea — e, nesse caso, se provinham ambos os ovos do *Schistosoma haematobium*, espécie já caracterizada e conhecida —, ou se correspondiam a vermes adultos fêmeas diferentes, desconhecidos, ainda não identificados. Essa a dúvida, esse o assunto em controvérsia.

O ovo com espículo lateral, observado desde 1851 por Bilharz, foi por ele próprio explicado como sendo uma cápsula que formaria o miracídio, isto é, o embrião do verme, tendo em vista um processo de enquistamento pelo qual passaria este, ao sair do ovo, ou seja, ao sair de um ovo com espículo terminal, após a ruptura deste. Teria sido Sonsino, logo depois de Bilharz, o primeiro a levantar a hipótese de virem os ovos com espículo lateral corresponder a uma nova espécie de *Schistosoma*, até então desconhecida. A hipótese de Sonsino, entretanto, não vingou por falta de apoio objetivo, científico, permanecendo as cousas nesse ponto, por muitos anos, só vindo a ser definitivamente resolvida a questão depois de mais de 50 anos que foi levantada por Bilharz, graças ao resultado das investigações cuidadosas de um brasileiro da Bahia — Pirajá da Silva, como adiante se verá.

Patrick Manson, chefe de conceituada Escola de Doenças Tropicais em Londres, embora já em 1892 tivesse aventado a idéia de que, com os achados de formas diferentes talvez estivessem em jogo duas espécies distintas de *Schistosoma*, foi quem, no ano de 1903, como consignado na 3.<sup>a</sup> edição de seu livro *Tropical Diseases*,<sup>2</sup> levantou a hipótese de os ovos com espículo lateral virem corresponder a outra espécie distinta e não à única espécie conhecida, o *Schistosoma haematobium*. “Possibly — escreveu Manson, como um dualista — *there are two species of bilharzia, one with lateral spined-ova, depositing its eggs in the rectum only; the other haunting bladder or rectum indifferently.*” Acontece que tivera ele ocasião de examinar, em 1902, as fezes de um paciente proveniente das Antilhas, onde estivera residindo por muito tempo, nelas encontrando numerosos dos referidos ovos de *Schistosoma* com espículo lateral, nenhum ovo com espículo terminal verificando, entretanto.<sup>3</sup> Algumas coincidências, no caso desse paciente e dessa observação, chamaram a atenção de Manson: 1.º) a presença, apenas, de ovos com espículo lateral e, pois, ausência de ovos com espículo terminal; 2.º) o paciente jamais estivera na África; 3.º) não havia hematúria nesse paciente; 4.º) a pesquisa de ovos de *Schistosoma* na urina desse paciente foi sempre negativa. Ora, raciocinou Manson — atento aos fatos, como ocorre com todo pesquisador — o achado exclusivo de ovos com espículo lateral, nas fezes (e não na urina) de um paciente que não procedia do Egito, que nunca estivera mesmo no Egito, que não era portador de hematúria, em cujas urinas não se encontravam ovos de *Schistosoma*, esse achado deveria corresponder a uma nova espécie de *Schistosoma*, distinta da espécie denominada *haematobium*, própria de paciente do Egito, portadores de hematúria (Hematúria endêmica do Egito), em cuja urina se encontravam ovos com espículo terminal ou polar. A falta de outros dados objetivos não permitiu a Manson ir além. Em favor da pretensa nova espécie de *Schistosoma*, apenas um elemento, relacionado com a forma do ovo — o espículo de implantação lateral e não terminal. Nenhum dado, entretanto, relativo à morfologia, ou mais amplamente,

---

<sup>2</sup> P. Manson, *Tropical Diseases*, 3.<sup>a</sup> ed., Londres, 1903, p. 613, in Edgard de Cerqueira Falcão, *Novas achegas ao estudo da especificidade do “Schistosomum mansoni”*, São Paulo, 1957.

<sup>3</sup> P. Manson, “Report of case of Bilharzia from the West Indies”, *The Journal of Tropical Medicine*, dez., 1902, Londres.

relativo à biologia do verme adulto, de cuja postura deveriam provir os ovos, com espículo lateral, observados. Para fundamentar a nova espécie de *Schistosoma*, que se supunha existir, faziam-se indispensáveis dados completos referentes ao verme adulto — morfologia, ciclo biológico, postura e ovos, distribuição geográfica etc. Destes, Manson possuía, apenas, elementos parcos relativos à morfologia do ovo. Mas, a clara intuição indicava-lhe como certa a nova espécie. Era só esperar pelos dados concretos, objetivos que faltavam, na certeza de que eles seriam, mais cedo ou mais tarde, revelados ao pesquisador percuente e pertinaz.

Enquanto isso, todavia, entre os que advogavam, como o próprio Bilharz, a unicidade do parasito para explicar as duas variedades morfológicas do ovo, incluía-se Arthur Looss, professor de Parasitologia na Escola de Medicina do Cairo, no Egito. Inabalável no seu ponto de vista, explicava a formação dos ovos com espículo lateral como devida às fêmeas do *Schistosoma haematobium*, cujos ovos não tivessem sido fecundados. Isto porque só encontrara tais ovos com espículo lateral na cavidade uterina de fêmeas isoladas. Idêntica observação foi de Bilharz e Mantey.

Em 1904, Katsurada, no Japão, identificando, como já sabido, uma nova espécie de *Schistosoma*, a que denominou de *Japonicum*, caracterizada por uma particularidade morfológica do ovo — a ausência de espículo, esse fato veio em favor da suposição de Manson, isto é, de que deveria tratar-se de mais de uma espécie de *Schistosoma*.

#### A NOVA ESPÉCIE: OS ANOS DE 1907 E 1908

O final do primeiro decênio do século XX serviu, prodigamente, à nascente ciência brasileira, com duas revelações do melhor quilate — uma de Carlos Chagas, outra de Pirajá da Silva.

O advento do término do primeiro decênio deste século duplamente manifestado, desse modo, nos domínios da parasitologia, pela contribuição dos dois grandes pesquisadores, pre-

parou-se nos anos de 1907 e 1908 respectivamente. Veja-se de que modo se processaram as duas grandes conquistas científicas.

#### A DESCOBERTA DE CARLOS CHAGAS

Basta recordar que foi em 1907 que Carlos Chagas recebeu a designação de Osvaldo Cruz, diretor do então Instituto de Manguinhos (hoje Instituto Osvaldo Cruz), para a tarefa espinhosa de organizar e dirigir a campanha antipalúdica na região norte do Estado de Minas Gerais, no vale do rio das Velhas, onde se processavam os serviços de construção do leito da Estrada de Ferro Central do Brasil. Aí instalado precariamente, em Lassance, no interior de um vagão da estrada de ferro, observou Carlos Chagas, no curso da campanha sanitária, que então empreendia, pacientes com sintomatologia inteiramente desconhecida, diversa daquela que caracteriza o paludismo, doença de alta incidência na região. Diante do número de casos que se avolumava, Chagas entrou a suspeitar da existência de nova entidade nosológica, a desafiar a argúcia e a pertinácia dos pesquisadores. Certo dia Chagas foi informado, pelo chefe da Comissão de Engenheiros da Estrada, da existência, na localidade de um hematófago denominado “barbeiro”, encontrado em habitações pobres, em choupanas, vivendo oculto nas fendas e gretas das paredes das mesmas. Por que relacionasse a atividade do hematófago com a transmissão possível de algum parasito, passou a examinar exemplares de “barbeiros”, encontrando no conteúdo do intestino posterior dos mesmos, vários flagelados (protozoários que possuem flagelos para a locomoção e apreensão dos alimentos), com características morfológicas das critídias (gênero de protozoário, semelhante ao tripanossomo, encontrado no intestino de certos insetos). Diante do achado formulou, como primeira hipótese, que as referidas critídias (semelhantes, pela forma, ao tripanossomo) representassem uma fase evolutiva do *Trypanosoma Minasensis*, isto é, uma espécie de tripanossomo por ele anteriormente descrita, do qual fosse o inseto hematófago o agente transmissor. Remetendo, entretanto, exemplares do hematófago ao Dr. Osvaldo Cruz, no Rio

de Janeiro, e pedindo que os pusesse em contacto com sagüis (*Callithrix penicillata*), estes, no fim de 20 a 30 dias, revelavam, no sangue periférico, a presença de tripanossomos com caracteres morfológicos inteiramente desconhecidos, a que Chagas denominou *Trypanosoma Cruzi*, em homenagem a Osvaldo Cruz. A seguir, além de caracterizar a morfologia e a biologia do tripanossomo, conseguiu, promovendo infecções experimentais em vários animais, definir o papel do hematófago na transmissão do parasito. Terminou por estudar exaustivamente a infecção do homem e suas manifestações clínicas, o que se deu a partir da relação que estabeleceu entre o habitat do “barbeiro” e a ocorrência, freqüente naquela zona, de um quadro clínico inteiramente diverso daquele proporcionado pelas entidades nosológicas conhecidas. Desde sua nota prévia, em 1909, aos 29 anos de idade, até os seus trabalhos publicados em 1911, 1916, 1922 e 1928, Chagas, revelando qualidades invulgares de legítimo pesquisador, deu a conhecer nova tripanossomíase humana, estudada de maneira completa — através do seu agente etiológico, do agente transmissor e das complexas manifestações clínicas que ela determina. Isto é, realizou, ele próprio, o estudo completo e acabado dos aspectos essenciais da nova moléstia — fato raramente observado, se não jamais registrado na história da Medicina. Pirajá da Silva talvez tenha sido o primeiro a salientar esse aspecto nas pesquisas e trabalhos originais de Carlos Chagas. “Pode-se dizer — escreve ele, em 1911 — que foi um caso único, nos anais da Medicina, o que se passou com a descoberta do Dr. Chagas, pelo fato de ter ele primeiramente descoberto e estudado a etiologia e o agente transmissor, partindo daí, das pesquisas de laboratório, para o conhecimento preciso da nova moléstia como se fora a solução de um problema matemático.”<sup>4</sup> Pirajá encontrava-se em Hamburgo, em 1909, freqüentando o Instituto de Moléstias Tropicais, quando lhe foi relatada a descoberta no Brasil, de um novo tripanossomo, por Carlos Chagas. “Escrevo essas notas — dizia Pirajá em artigo publicado, em 1911, nos *Arquivos Brasileiros de Medicina*, sobre o *Trypanosoma Cruzi* e a existência do “barbeiro” em Mata de São João, na Bahia — ainda sob a influência de uma sensação, que melhor se poderia chamar misto de pesar e de satisfação, que de

---

<sup>4</sup> Pirajá da Silva, “Notas de Parasitologia. O Barbeiro (*Conorhinus Me-gistus*” Burm) na Bahia”, in *Arquivo Brasileiro de Medicina*, I, n.º 3.

mim se apossou, quando, pela vez primeira, estando no Instituto de Moléstias Tropicais em Hamburgo, fui informado, pelo sábio Von Prowazck, da sensacional descoberta de uma nova tripanossomose no Brasil, feita pelo sábio brasileiro Dr. Carlos Chagas.” “A satisfação — acrescenta — vinha por ter sido essa glória alcançada por um patricio, e o pesar, pela certeza de mais uma moléstia a infelicitar a humanidade, a pátria brasileira, entravando-lhe a marcha do progresso, pelas conseqüências altamente funestas e anti-sociais.”

#### O QUE SE REVELOU A PIRAJÁ DA SILVA

Pirajá da Silva, tendo-se diplomado em 1896, depois de exercer a clínica em Amargosa, no Estado da Bahia, e em Manaus, volta a Salvador, para aí residir definitivamente, sendo nomeado, a 15 de maio de 1902, assistente da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia, da qual era catedrático o Prof. Anísio Circundes de Carvalho. Com o seu regresso à cidade do Salvador, Pirajá traz consigo a decisão firme de não voltar a tentar a clínica, mas dedicar-se aos estudos e trabalhos de laboratório, pelos quais possuía inclinação natural. Seus estudos e pesquisas orientaram-se para as doenças tropicais, a feição parasitológica das mesmas, sobretudo.

#### IDENTIFICADO NA BAHIA O TREPONEMA DE SCHAUDINN

No primeiro decênio do século XX assinalam-se, como já referido, várias contribuições de monta à parasitologia. Um prolongamento ou continuação, aliás, das grandes realizações médicas que se verificaram na segunda metade do século XIX, com Pasteur, Claude Bernard, Wirchow e outros. Não só na Europa. Mas no Brasil, com os valiosos trabalhos, no domínio da patologia tropical, de Wucherer, Paterson e Silva Lima, na



Bahia, a partir de 1866, época que coincide com o aparecimento da *Gazeta Médica da Bahia*. Esse o clima em que vivia a Bahia então, sob o influxo impulsionador e o incentivo de tantas conquistas e realizações científicas. Foi por essa época, em 1905, que chegou ao conhecimento de todo o mundo o resultado dos trabalhos de Schaudinn e Hoffmann, na Alemanha, conseguindo identificar um novo microorganismo nas lesões de natureza luética — o agente etiológico da lues, a que denominaram, inicialmente, *Spirochaeta pallida*, e a seguir, *Treponema pallidum*. Natural seria que, em todas as partes do mundo, houvesse pesquisadores empenhados na confirmação, ao microscópio, de tão significativo achado. Pirajá teve a feliz oportunidade, depois de várias tentativas sem o êxito desejado, de conseguir evidenciar, nas suas preparações últimas, o agente etiológico da sífilis, tal como identificado por Schaudinn e Hoffmann, em agosto de 1907. Ao Congresso Médico que se reuniria em São Paulo no mês seguinte, setembro, enviou Pirajá as suas preparações que foram apreciadas pela excelente qualidade. “Em princípio de agosto do ano passado (1907) — eis como relato o próprio Pirajá — trouxe-me o quintanista Otávio Torres, distinto interno da 1.ª Cadeira de Clínica Médica, um sífiloma primitivo, excisado pelo professor da 2.ª Cadeira de Clínica Cirúrgica, de um doente do Serviço de Sífilis e Dermatologia. Aproveitamos o ensejo de experimentar o método de Levaditi, uma vez que tinham sido falhas as nossas tentativas em esfregaços feitos com diversas lesões sífilíticas. Foi auxiliado pelo Sr. Otávio Torres, que levamos a termo o longo e delicado método de Levaditi, conseguindo fazer, no dia 23 de agosto de 1907, os primeiros cortes com o micrótomo de Minot, e assim tivemos a satisfação de ser o primeiro a reconhecer, na Bahia, o *Treponema pallidum* de Schaudinn. Uma das preparações foi enviada ao Congresso Médico de São Paulo e lá apresentada, em nosso nome, pelo ilustrado Prof. João Américo Garcez Froes.”<sup>5</sup>

Estava Pirajá, como se vê, entregue plenamente aos trabalhos ao microscópio, às suas pesquisas, embora não dispusesse de recursos materiais à altura do que pretendia, mas, em todo caso, contando com o suficiente para aproveitar, de algum

---

<sup>5</sup> M. A. Pirajá da Silva, “Ligeiras notas sobre a etiologia da Sífilis na Bahia”, *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, ano VI, t. 6.º, Bahia, 1908.

modo, o pendor natural que trazia consigo — as pesquisas de laboratório. Só com outra paixão dividiria sua atividade — o ensino, de que, no seu entender, a pesquisa científica é subsidiária, para o qual lhe sobravam os privilégios e virtudes de uma vocação aprimorada.

Corria o ano de 1906, quando o Prof. Anísio Circundes, catedrático da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica, da qual era assistente Pirajá, viajando à Europa, além do Instituto de Medicina Colonial, anexo à Universidade de Paris, criada em 1902, visitou, na Inglaterra, as Escolas de Medicina Tropical, de Londres e Liverpool, criadas entre 1898 e 1899, por Alfred Jones e Chamberlain, de cujas visitas fez verdadeiro relatório, que publicou na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, em 1907.<sup>6</sup> Mas as impressões vivas, palpitantes, de quem as recolheu com o cuidado e o interesse de, talvez, criar coisa parecida em seu Serviço na Bahia, ele as transmitiu aos médicos que compunham a 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica, que chefiava, especialmente a um dos seus assistentes, Pirajá da Silva, interessado já nas pesquisas microscópicas, no domínio da patologia tropical.

#### O NOVO ACHADO: OVOS COM ESPÍCULO LATERAL

Ao iniciar o ano de 1908, conta-nos Pirajá da Silva, decidira — como norma em suas pesquisas microscópicas — proceder ao exame sistemático das fezes de todos os pacientes da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica, no Hospital Santa Isabel. Passara, então, com essa prática, a surpreender no campo do microscópio, nas fezes de alguns pacientes, coisa inteiramente nova e desconhecida — ovos com uma característica morfológica especial, isto é, ovos providos de um esporão, ou espículo lateral, “implantado na junção do primeiro e do segundo quarto do ovo”. Ao deparar com os primeiros ovos providos de esporão lateral, sem os saber explicar, nem interpretar, ocorreu-lhe à lembrança que, quatro anos atrás, em 1904, examinando as fezes de certo paciente, ao lado de ovos de *Ancylostomum duodenalis*, surpreendera ovos providos de espículo la-

<sup>6</sup> Ano V, t. 5.º, Bahia, 1907.

teral, em tudo semelhantes aos que agora tinha oportunidade de observar. Não os pudera explicar, em 1904, ou agora, mas, desta feita, achava-se, pelo menos, preparado para receber o fenômeno. Tinha, efetivamente, o pensamento voltado para os progressos da parasitologia, nos domínios da patologia tropical, para eles despertado sobretudo depois da visita que o Prof. Circundes fizera às Escolas de Medicina Tropical, de Londres e Liverpool, tendo-o deixado a par dos estudos e trabalhos de Patrick Manson e Sambon, ambos pertencentes a uma daquelas Escolas de Medicina Tropical.

Mas, o que ocorria de mais importante era que Pirajá se achava preparado para defrontar e receber o novo achado, o que não acontecera anteriormente, em 1904. De há alguns anos entregue inteiramente aos seus estudos microscópicos, no próprio laboratório, de pequenas proporções, instalado na 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica, constituíam os estudos parasitológicos sua preocupação precípua. Diante do novo achado — ovos providos de espículo lateral —, como bom pesquisador, afeito ao trato das cousas objetivas, à semelhança de Roentgen, ao observar os primeiros efeitos dos raios que lhe trazem o nome, “não pensou” — “experimentou”, isto é, continuou debruçado sobre a sua mesa de trabalho, diante do microscópio, reunindo observações bem cuidadas e bem conduzidas, em número capaz de permitir se não uma conclusão, pelo menos uma suposição com fundamento.

Foi o que fez Pirajá — continuou reunindo suas observações e catalogando-as.

Enquanto prosseguia em suas pesquisas, punha-se a par do estado em que se encontrava a velha contenda sobre o assunto, em que opiniões autorizadas sustentavam pontos de vista contrários. Desde Bilharz, há mais de 50 anos, identificando, com as suas observações originais sobre o agente etiológico da hematúria do Egito, ovos com espículo terminal (e lateral em outras oportunidades), que as opiniões dos estudiosos se achavam divididas, em termos opostos. Isto é, tratando-se, para uns, de uma única espécie do gênero *Schistosoma* — o *Schistosoma haematobium* —, seria a duplicidade morfológica dos ovos explicada por maneiras diferentes, embora não convincentes. Para outros, corresponderiam aqueles ovos espiculados, terminal e lateralmente, a duas espécies diferentes do gênero *Schistosoma*, embora não se achassem essas opiniões devidamente fundamentadas em moldes científicos. Conhecidos como

são os diversos argumentos de unicistas e dualistas, pelo que atrás ficou explanado, recorda-se que, entre os primeiros, assumira posição inarredável o helmintologista Arthur Looss, da Escola de Medicina do Cairo, para quem os ovos providos de espículo lateral resultavam da postura de fêmeas do *Schistosoma haematobium* não fecundadas. Acrescentava Looss em abono do seu ponto de vista: “Depois das mais recentes e sem dúvida mais exatas observações de Goldschmidt, os vitelogênios dos trematódeos não são exclusivamente vitelogênios. As granações existentes em suas células, até então consideradas como substância vitelina, caem no oótipo, e, em condições normais, concorrem para formar a casca do ovo, ao passo que, em outras condições inteiramente anormais, além da função já mencionada, elas se reúnem, ora em gotazinhas sólidas, de tamanho variado, ora envolvem grupos de células vitelinas, com ou sem as células germinativas. É por isso que aparecem ovos anormais, variando de forma, tamanho e capacidade. Tais ovos são formados por muitos trematódeos em começo da função sexual.”<sup>7</sup>

WUCHERER  
OS EMBRIÕES DA FILÁRIA  
“WUCHERERIA-BANCROFT”

Sabia-se, através da experiência egípcia, que: a) os ovos com espículo terminal eram eliminados quase que exclusivamente pela urina; b) os ovos com espículo terminal coincidiam com hematúricos.

Diante desses fatos, a orientação a seguir, de imediato, seria: em primeiro lugar, estudar, microscopicamente, a urina de hematúricos entre nós, a fim de pesquisar a existência de ovos com qualquer das características morfológicas assinaladas; em segundo lugar, pesquisar, naqueles pacientes em cujas fezes foram encontrados ovos com espículo lateral a presença destes na urina, isto é, saber se ocorre a concomitância dos achados. À primeira indagação, Wucherer, membro ilustre da Escola Tropicalista Baiana, já havia respondido, depois de examinar, a pedido de Griesinger, urinas de hematúricos na Bahia, a fim

---

<sup>7</sup> Pirajá da Silva, “A Schistosomose na Bahia (Estado atual da questão)”, *Gazeta Médica da Bahia*, vol. XLIX, n.º 1, julho 1916.

de verificar se as referidas hematúrias eram de origem esquistossomótica. “Efetuando essas pesquisas em um grande número de pacientes, relata Pirajá, jamais Wucherer encontrou, na urina destes, ovos de *Schistosoma haematobium*; mas, com surpresa, teve a oportunidade de descobrir, naquelas urinas, a *filária noturna*, a 4 de agosto de 1866.” Silva Lima que, ao lado de Paterson e Wucherer, integrou aquela escola de pesquisadores que floresceu, na Bahia, na segunda metade do século XIX, escreve, a propósito das pesquisas deste último: “Ele pesquisava outra cousa desde algum tempo, a convite do Conselheiro Griesinger, que lhe recomendou examinasse se as urinas dos hematúricos, na Bahia, conteriam ovos da *Bilharzia haematobia*, como a dos hematúricos do Egito, onde ele os tinha visto, quando esteve no Cairo. Acedendo a este convite — diz Wucherer — examinei cuidadosamente a urina de considerável número de hematúricos aqui na Bahia, sem jamais encontrar ovos. Eu não creio que eles existissem e passassem despercebidos, por mim, nestes casos; pelo contrário, estou convencido que, se a hematúria do Egito, do Cabo da Boa Esperança e da Ilha de França, é o efeito do *Distomum haematobium*, a hematúria do Brasil é uma moléstia que tem etiologia diversa.”<sup>8</sup> Do resultado das suas observações, Wucherer concluiu que a hematúria de natureza esquistossomótica não existia na Bahia, havendo, entretanto, a de natureza filariásica. A Pirajá, diante dos achados que lhe foram revelados ao microscópio, interessava saber se esses ovos providos de espículo lateral, que foram vistos nas fezes, seriam também encontrados na urina dos pacientes em observação. Esse estágio, que constitui o conteúdo da segunda indagação, e que não poderia faltar nos estudos que então realizava, não escapou a Pirajá. Centrifugou a urina de todos os seus doentes em observação — não encontrou *um só ovo provido de espículo lateral*.

#### O NOVO ACHADO — O MIRACÍDIO

Depois de estudar pormenorizadamente a morfologia dos ovos com espículo lateral — quer em preparações de fezes,

---

<sup>8</sup> Pirajá da Silva, “Contribuição para o estudo da Schistosomose na Bahia”, *Brasil-Médico*, 1908.

quer em preparações feitas com o produto da raspagem da mucosa retal, quer em cortes histológicos — esclarecendo-lhes a forma, a maneira e o ponto de implantação no ovo, do espículo que o torna característico, depois de estabelecer-lhes as mensurações (mínimas, máximas e médias), comparando-as com as do ovo do *Schistosoma haematobium*, partiu para observar o miracídio. Examinou a estrutura do miracídio ou embrião, nele identificando dentro da cavidade abdominal, as células germinativas, que indicavam a impossibilidade de transformar-se o miracídio diretamente em verme adulto, sem passar pela fase intermediária do esporocisto. Estudando, preso ao microscópio, a estrutura do miracídio, surpreendeu um fato do maior interesse para a biologia do parasito, sobretudo, porque servia para diferenciá-lo do *Schistosoma haematobium* — o miracídio saindo do ovo. Verificou, examinando ao microscópio preparações de fezes diluídas na água, que a ruptura do ovo, para a saída do miracídio se deu no sentido transversal, de maneira que o miracídio não se libertava de todo, imediatamente, da casca do ovo. Essa observação era contrária ao que ocorria comumente com o ovo do *Schistosoma haematobium*, cuja casca se rompe no sentido longitudinal para a saída do miracídio. Tal observação, relativa ao modo de romper-se a casca do ovo, portador de espículo lateral, no sentido transversal, representava uma contribuição original de Pirajá para a diferenciação do parasito. Não registrou no miracídio o estrangulamento que apresenta o miracídio do *Schistosoma haematobium*, tal como descreve Railliet: “no momento da eclosão, o embrião estrangula-se, claramente, em sua parte média, comparando-o Cobbold, com justeza, a uma ampulheta”. Ora, diz Pirajá, “examinando-se, atentamente, a microfotografia que tiramos, verifica-se que a ruptura do ovo se verificou no sentido transversal, e que o *miracidium*, fotografado justamente quando saía da casca, não apresenta o tal estrangulamento de que fala Railliet, a ponto de ser o *miracidium* do *Schistosoma haematobium* com justeza comparado a uma ampulheta pelo mesmo Railliet e Cobbold. A microfotografia (que documentou o miracídio saindo do ovo) vem também provar que os estrangulamentos observados no *miracidium* do *Schistosoma haematobium* não são devidos à estreiteza da fenda por onde o mesmo passou, porque então deveria haver aqui mais razão para que isto se observasse, atendendo a que a ruptura transversal é mais estreita do que a longitudinal.” Achou as se-

guintes dimensões para o miracídio — comprimento 153 mm, largura 72 mm. A casca do ovo apresentava as mesmas dimensões.

### O NOVO ACHADO OS FATOS ANATÔMICOS

Essas evidências todas não satisfaziam a insaciedade do espírito de investigador de Pirajá da Silva. Como se todas elas fossem provas indiretas, o seu espírito insatisfeito, desejoso de comprovação mais segura, ansiava pelo apoio e o fundamento dos fatos anatômicos, pelos achados da necropsopia, pelos dados proporcionados pela mesa de necropsia. A oportunidade foi-lhe dada ao ocorrer o óbito, a 8 de julho (de 1908), de um dos pacientes em observação, que dera entrada no Serviço a 21 de maio, em cujas fezes ele havia encontrado, em repetidos exames, além de ovos correspondentes a outros helmintos, ovos providos de espículo lateral. A necropsia desse paciente, praticada dentro da sistemática habitual, haveria de revelar apreciável número de elementos valiosos, indispensáveis à comprovação de que tanto necessitava para basear cientificamente as suas observações e o seu juízo.

Uma vez que se preocupava, no momento, em excluir da urina ovos providos de espículo lateral — já o tendo feito precedentemente, por centrifugação da urina e exame desta ao microscópio — cuidou de efetuar cortes da parede da bexiga do cadáver necropsiado. Não encontrou ovo de qualquer espécie. Praticou cortes histológicos da parede do reto, tal como havia feito com a bexiga, preparou esfregaços com o produto da raspagem do reto — sendo surpreendido, entretanto, com elevada quantidade de ovos espiculados lateralmente no campo do microscópio! O rigor, o cuidado e a isenção com que deve conduzir-se o pesquisador, sobretudo em assuntos em controvérsia, sabia-o bem Pirajá, impõem-se como indispensáveis. Achou acertado o seu escrúpulo de investigador levar mais adiante as suas pesquisas, isto é, submetê-las a um grau maior de apuro e sensibilidade. É que, achando-se de posse de numerosos dados, armado dos elementos proporcionados pela sua

observação própria, influenciado sensivelmente por esses elementos, se sentia compelido, não só a participar daquela controvérsia de mais de meio século, que se iniciara com as primeiras observações de Bilharz, em 1851. Mas, ao tomar tal decisão, pesou, naturalmente, as responsabilidades, morais e científicas, graves que sua atitude envolvia — iria entrar na contenda em que grandes nomes da helmintologia se debatiam, com elementos que julgava de valor científico para assumir uma posição própria. Daí a necessidade de elevar o padrão técnico de suas pesquisas, de modo a não serem passíveis de dúvida as observações e os elementos em que fundamentasse a sua posição. Nesta conformidade, ocorreu-lhe utilizar o método preconizado por Looss, um dos helmintologistas, que naquela contenda defendia o ponto de vista unicista, isto é, de que havia, apenas, uma espécie de gênero *Schistosoma* (o *Schistosoma haematobium*), não passando os ovos com espículo lateral de uma modificação morfológica, sujeita, no momento, a múltiplas interpretações pelos contendores. Procedeu, então, com os tecidos do reto e da bexiga, exatamente da maneira como aconselhava Looss: *"Instead of tedious preparation of sections, it would suffice to macerate a piece of the bladder-wall in caustic potash and examine the residue. The shells of the Bilharzia eggs are not at once dissolved by this reagent, and even a few would be found without difficulty, if present."* "Não obstante haver empregado esse método, não encontramos — diz Pirajá — um único ovo na maceração da parede da bexiga pela potassa, após a centrifugação: ao contrário, havia muitos ovos com espículo lateral na maceração do reto."

Ficava, desse modo, excluída a possibilidade de eliminação dos ovos com espículo lateral pela urina, bem como da localização destes na parede da bexiga.

Por outro lado, ficava confirmada a localização retal dos ovos com espículo lateral; além disso, fazendo uma série de cortes do reto, verificou Pirajá que os referidos ovos se localizavam nas camadas mucosa e submucosa da parede retal, "havendo, mesmo, certos pontos onde a aglomeração dos ovos era considerável".

Da observação desses fatos impunha-se uma dedução: a postura dos ovos providos de espículo lateral realizava-se em local determinado — na parede do reto, na camada submucosa, para onde as fêmeas, depois de fecundadas, se orienta-



vam. No caso dos ovos com espículo terminal, do *Schistosoma haematobium*, que se eliminavam pela urina, ocorreria a postura na camada submucosa da parede vesical.

#### O "SCHISTOSOMA" EM SEU HABITAT — A VEIA PORTA

Não só a necropsia do paciente em observação, falecido a 8 de julho, mas a de um outro, cujo óbito ocorrera pouco depois, a 25 de agosto, incluindo o estudo anatômico cuidadoso de todos os órgãos, tendo em vista a pesquisa de possíveis alterações tissulares de ordem esquistossomótica, proporcionariam a Pirajá um achado precioso — o verme adulto no interior da veia porta e suas ramificações principais. O verme adulto em seu habitat natural, enfim, oferecendo todas as possibilidades para a sua caracterização do ponto de vista morfológico, tanto o macho, como a fêmea. Tinha, diante dos olhos, um achado da maior significação para o prosseguimento e a complementação dos estudos em que se achava empenhado. A primeira, como a segunda necropsia, revelando, na veia porta e suas ramificações, um espécimen do *Schistosoma*, a que correspondiam os ovos espiculados lateralmente, tornara possível, proceder à mensuração do verme macho e fêmea, em toda a sua extensão anatômica, ou das extremidades cefálica e caudal apenas, no sentido da largura e do comprimento, e comparar enfim, os números encontrados com aqueles referentes à espécie conhecida — o *Schistosoma haematobium*; proceder ao estudo anatômico, propriamente, minucioso dos órgãos sexuais do macho e da fêmea, das extremidades cefálica e caudal, assim como do tubo digestivo, um estudo cuidadoso, afinal, do cerme adulto, para estabelecer o paralelo com a figura padrão no caso, a imagem do *Schistosoma haematobium*, à qual os dados obtidos deveriam superpor-se, ou não, e, no último caso, configurando uma nova espécie, no gênero *Schistosoma*, como, até aqui, tudo tendia a indicar. Esse aspecto padrão, que deveria servir para o estudo comparativo, estava representado por uma simples gravura de um par de *Schistosoma haematobium*, reproduzida em quase todos os tratados de parasitologia. O *Schistosoma haematobium*, a que correspon-

dem os ovos com espículo polar, não havia sido identificado no Brasil, nem Pirajá poderia ter, propriamente, experiência visual da imagem do referido verme adulto.

NO INTERIOR DA VEIA PORTA —  
DOIS PARES DE “SCHISTOSOMA”  
EM PLENA CÓPULA

Mas, foi a necropsia efetuada no cadáver de um adolescente de 13 anos de idade — J.S.B., procedente de Mar Grande, na Bahia, com entrada no Serviço a 21 de agosto e óbito registrado a 4 de setembro — que veio trazer um contingente valiosíssimo de elementos para a caracterização não só da anatomia, mas da biologia do verme adulto, macho e fêmea, até então não obtidos e, conseqüentemente, ainda não documentados, por Pirajá, ou por outro qualquer pesquisador. Se a microscopia das fezes do paciente havia demonstrado grande quantidade de ovos providos de espículo lateral, a necropsia revelara, no interior da veia porta e dos seus ramos, nada menos de 24 vermes! Desses vermes, Pirajá identificou, perfeitamente, 19 machos que se achavam isolados e 1 fêmea isolada; além disso, premiou-o o acaso, levando-o a surpreender dois pares de vermes, em pleno ato sexual, na intimidade da veia porta, os machos conduzindo as fêmeas alojadas no canal ginecóforo.<sup>9</sup> Embora a predominância fosse de vermes machos, o achado das fêmeas, isoladas ou em cópula, no interior da veia porta, lembrou-lhe a observação de Looss de que, na maioria das vezes, a veia porta contém somente vermes machos: “*It is a curious fact, of wich we shall have to speak again latter, that the portal vein very often contain only males, the worms within recent years found at the post-mortem in the Kasrel-aini Hospital, and kindly left to me by Dr. Fergusson,*

---

<sup>9</sup> E. Brumpt na 1.ª edição do seu *Précis de Parasitologie*, Paris, 1910 registra o fato: “*Schistosomum mansoni*, Sambon, 1907 — *Habitat* — *Ce ver n’a encore été vu que dans le système veineux de l’homme, en particulier dans la veine porte et ses branches, les mâles et les femelles peuvent encore se rencontrer dans les vaisseaux du rectum (fig. 200). Dans une autopsie faite à Bahia (Brésil), Pirajá da Silva a trouvé 24 dans la veine porte (19 mâles, isolés 2 couples et une femelle isolée.)*”

*were almost exclusively males; in one of the last cases, e.g. there were 64 males but not a single female."*

A observação que o caso lhe proporcionara, dos dois pares de vermes em plena cópula, permitiu-lhe colher outros dados da maior importância e da maior minúcia. Ele verificou que a fêmea é mais longa que o macho, e pôde ver, nitidamente, os dois lábios do canal ginecóforo dentro do qual se achava a fêmea alojada; além disso, os dois vermes, macho e fêmea, achavam-se "colocados ventre a ventre, de tal sorte que a extremidade anterior da fêmea correspondia à extremidade anterior do macho". Às vezes, encontravam-se os vermes tão nitidamente unidos, que não era possível distinguir um do outro. Por fim, pôde registrar um fato de mais elevada significação: surpreendeu, examinando uma série de cortes histológicos, um ovo provido de espículo lateral dentro do útero das fêmeas que haviam sido encontradas em plena cópula, alojadas no canal ginecóforo do macho; o mesmo achado sendo registrado dentro do útero das fêmeas que se achavam isoladas.

Todos esses fatos, à medida que os observava, Pirajá documentava com microfotografias.

#### A PROVA IRRETORQUÍVEL

*La découverte, par Pirajá da Silva (1908) d'une femelle accouplée dans la tunique du rectum et ayant in utero un oeuf à épine... montre nettement l'individualité de l'espèce qui nous occupe.*

E. BRUMPT  
*Précis de Parasitologie, Paris, 1910*

Mas, para Pirajá, que tinha empenhados os seus recursos nessa pesquisa, o achado do ovo provido de espículo lateral dentro do útero das fêmeas encontradas em plena cópula, transcendia, em significação, a tudo. É que esse achado vinha contrariar dois argumentos levantados por aqueles que defendiam o ponto de vista unicista, isto é, de que os ovos espiculados, polar e lateralmente, pertenciam a uma mesma espécie de *Schistosoma*. O primeiro argumento, de Bilharz e Mantey, assegurando que os ovos, providos de espículo lateral, se encontravam, sempre, no útero de fêmeas isoladas. O segundo

argumento, no mesmo sentido, de Looss, tendentes ambos a acreditarem e indicarem que *tais ovos provinham de fêmeas não fecundadas* e, portanto, de fêmeas não fecundadas da única espécie conhecida, o *Schistosoma haematobium*. “Não parece provável — diz Pirajá — que a não maturidade do verme seja a causa da produção dos ovos com espículo lateral; é mais lógico julgar que os vermes encontrados no canal ginecóforo se achem já em estado de maturidade sexual e, por conseguinte, capazes de serem fecundados, ou mesmo já fecundados.” Praticando uma série de cortes com o auxílio do Prof. Letulle, médico do Hospital Boucicaut, Pirajá teve a oportunidade de encontrar os vermes em cópula, no interior de uma veia da submucosa do reto; viu, nitidamente, um ovo, provido de esporão lateral, em uma fêmea alojada no canal ginecóforo do macho.<sup>10</sup>

Looss que fincara pé no seu ponto de vista unicista, negando terminantemente pudessem os ovos espiculados lateralmente corresponder a uma outra espécie de *Schistosoma*, enumerou alguns requisitos mínimos, exigíveis como indispensáveis, para admitir-se uma segunda espécie de *Schistosoma*: a) surpreender uma fêmea no canal ginecóforo do macho; b) que essa fêmea, alojada no canal ginecóforo do macho, contivesse, em seu útero, um ovo provido de esporão lateral; c) que esses dois vermes, macho e fêmea, fossem encontrados no interior de uma veia da parede retal. Preenchidas essas exigências, poder-se-ia, segundo Looss, assegurar a existência de uma segunda espécie de *Schistosoma*. Ora, com as necropsias efetuadas e os dados por ela proporcionados, Pirajá preencheu todos esses claros, isto é, foi capaz de sobejamente demonstrar, através de documentação clara e incontestável: a) dois pares de vermes, em cópula, no interior da veia porta, a fêmea sendo conduzida no canal ginecóforo do macho (achados da necropsia n.º 3); b) um ovo, provido de espículo lateral, no interior do útero das fêmeas que haviam sido encontradas em plena cópula, alojadas no canal ginecóforo do macho; c) na série de cortes que efetuou, auxiliado por Letulle, encontrou e do-

---

<sup>10</sup> Lê-se em Brumpt, no seu *Précis de Parasitologie*, cit.: *Looss, partisan de l'unicité de la bilharziese veineuse, a émis l'hypothèse que ces oeufs à épine latérale pouvaient prévenir de femelles non fécondées. La découverte, par Pirajá da Silva (1908), d'une femelle accouplée dans la tunique du rectum et ayant in utero un oeuf à épine fait tomber cette hypothèse et montre nettement l'individualité de l'espèce qui nous occupe.*”

cumentou, em excelentes microfotografias, os dois vermes, macho e fêmea, no interior de uma veia da parede retal. "...une grande veine sous muqueuse (du rectum) coupée en long, apparaît occupée par deux parasites bien reconnaissables au contact l'un de l'autre."<sup>11</sup>

Todos esses fatos, que Pirajá teve oportunidade de observar e documentar, de maneira abundante, tornavam insustentável a argumentação de que só as fêmeas não fecundadas punham ovos providos de espículo lateral. Ao contrário, esses ovos provêm, como, através de estudos originais, demonstrou Pirajá, de fêmeas em estado de maturidade sexual, fecundadas, o que até então não se pudera afirmar e demonstrar.

Na quarta necropsia que efetuou, também correspondente a paciente cujos exames de fezes repetidos acusaram presença de ovos com espículo lateral, outros dados obtiveram relativos à biologia dos parasitos. Praticou a necropsia poucas horas após o óbito. Retirado o fígado, depois de devidamente ligados os vasos, ao abrir a veia porta, encontrou, no interior desta, três parasitos machos e três fêmeas. Fazendo a expressão do fígado, conseguiu retirar outros vermes, dois dos quais vivos. Tendo todo interesse em conservá-los vivos — pois tinha em mente estudar-lhes o modo de locomoção — teve o cuidado de envolvê-los em pequeno volume de sangue (o próprio sangue da veia porta) e pequena quantidade de bile, dentro de uma cápsula de Petri. Através desse *meio* líquido que os envolvia, apreciou, por poucos minutos, os dois parasitos vivos, um macho e uma fêmea, em movimentação ativa: contraindo a porção do corpo posterior à ventosa ventral, praticavam um verdadeiro movimento de reptação, ou descreviam pequenas sinuosidades; outras vezes, com a extremidade posterior do corpo, descreviam um semicírculo que, ao desfazer-se, impelia o verme para diante. Tudo ele observou cuidadosamente, inclusive os dois vermes, macho e fêmea, fixarem-se, pela ventosa central à parede do vaso em que se achavam colocados, de mistura com o *meio* formado de sangue e bile.

Retirados do *meio* em que se encontravam, e colocados sobre lâminas, para serem estudados ao microscópio, com pequeno aumento, os vermes não conseguiram manter-se vivos.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Pirajá da Silva, *La Schistosomose à Bahia*, cit.

<sup>12</sup> "A Schistosomose na Bahia (Estado atual da questão)", *Gazeta Médica da Bahia*, vol. XLIX, n.º 1, 1916.

O resultado das suas pesquisas, microscópicas e anatômicas, realizadas no curso do ano de 1908, Pirajá divulga através do *Brasil Médico*, em três trabalhos sucessivos — números de 1 de agosto e 1 e 8 de dezembro de 1908, sob a mesma epígrafe: “Contribuição para o estudo da Schistosomiase na Bahia”.

Nesses trabalhos, fundamentados em um total de 20 observações, condensou uma experiência histórica: fora o primeiro estudioso, no Brasil, a identificar, nas fezes, o ovo provido de espículo lateral; baseado nas suas pesquisas microscópicas e anatômicas estudou e descreveu, pormenorizadamente, os caracteres morfológicos do verme adulto, macho e fêmea, identificando e consubstanciando a nova espécie, como prevista por Manson.<sup>13</sup> Mais do que isso, decidia, de maneira definitiva, a famosa e delongada controvérsia científica.

---

<sup>13</sup> Dentro do complexo ciclo biológico dos trematódeos, entre os quais se incluem as espécies de *Schistosoma* conhecidas, há uma particularidade que o torna complexo — a evolução do parasito não é direta, mas indireta. Além do hospedeiro definitivo — o homem —, onde ocorre uma *geração sexuada* (os vermes pertencentes ao gênero *Schistosoma* possuem sexos separados), há um hospedeiro intermediário (molusco), onde tem lugar uma *geração assexuada, partenética*, como geralmente considerada. Há, assim, uma *alternância* de gerações, fato que torna o ciclo evolutivo desses parasitos bem mais complexo. Dentro dessa ordem de idéias, a evolução do esquistossomo, tem início, fora do corpo humano, a partir da *geração sexuada* no hospedeiro definitivo, o homem. Dela resultam os ovos (contendo o embrião ou *miracídio*) eliminados pelo homem através das fezes (ovos de espículo lateral), ou da urina (ovos de espículo terminal). Com a eclosão dos ovos, na dependência de condições propícias, liberta-se o embrião ou *miracídio*, o qual, graças à sua grande atividade, se movimenta em busca do seu *hospedeiro intermediário* (moluscos de água doce, da família *Planorbidae*), devendo vencer até este uma série de obstáculos. O *miracídio* alcançando o molusco e neste penetrando, tem lugar o aparecimento do *esporocisto materno* ou *primário*; a partir destes, formam-se outros esporocistos de segunda geração, os *esporocistos filhos* ou *secundários*. Estes, depois de migrarem para os espaços linfáticos das glândulas digestivas do molusco, dão lugar à formação de outros organismos — as cercárias, numerosas, uma terceira geração de organismos portanto. Quando as cercárias atingem o seu desenvolvimento completo, deixam o hospedeiro intermediário, o caramujo. As cercárias movimentando-se livremente na água, têm um prazo, dentro de determinadas condições, de iluminação solar e de temperatura, para alcançar o hospedeiro definitivo — o homem — e nele penetrar, através da mucosa, ao ingerir esta a água, ou através da pele, ao entrar em contacto com a água infestada de cercárias. Atravessando a mucosa ou a pele, alcançam um vaso sanguíneo periférico, chegam ao coração direito,

## A DENOMINAÇÃO DA NOVA ESPÉCIE

*Cette nouvelle espèce doit-elle s'appeler Schistosomum mansoni, ou, pour honorer la découverte du savant brésilien, doit-elle se nommer Schistosomum Silvai? — L'avenir décidera.*

LE DANTEC

A denominação de uma nova espécie animal obedece, naturalmente, a princípios genéricos relacionados com a nomenclatura zoológica, isto é, com a denominação e classificação dos animais, ou dos seres em geral.

Não precisa encarecer a contingência em que se viram os primeiros estudiosos de promover a disposição metódica e sistemática dos seres vivos, a fim de garantir-lhes o conhecimento e o próprio reconhecimento. Classificam-se os animais, de acordo com aqueles caracteres chamados *dominantes e subordinados*, em grandes grupos e subgrupos zoológicos. A unidade, isto é, o ponto de partida é a *espécie*. Por *espécie* entende-se, segundo Cuvier, “uma coleção de indivíduos que se assemelham tanto entre si como os da descendência de um só indivíduo”. As *espécies*, com os caracteres que as individualizam, podem, pelos elementos comuns que apresentam entre si, reunir-se em grupos ou *gêneros*. Ao grupo de *espécies* denomina-se *gênero*. Do mesmo modo, os *gêneros*, que apresentam caracteres comuns, agrupam-se em *famílias*, estas em *ordens*, e assim por diante.

## AS REGRAS INTERNACIONAIS DE NOMENCLATURA ZOOLOGICA

A denominação científica, a ser dada a determinado animal, obedece a regras e princípios de nomenclatura estabe-

---

artérias pulmonares e pulmão, passando, através dos capilares pulmonares, às veias pulmonares, coração esquerdo e circulação geral; chegam ao sistema porta, onde se desenvolvem, fixando-se, finalmente, no ramo ileocólico da veia mesentérica superior e nos ramos cólicos das veias mesentéricas superiores e inferiores, onde, nas ramificações terminais, os vermes fêmeas, já adultos e fecundados, fazem a postura.

ARCHIVES  
DE  
PARASITOLOGIE

PUBLIÉES PAR

RAPHAËL BLANCHARD

PROFESSEUR A LA FACULTÉ DE MÉDECINE DE PARIS,  
MEMBRE DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE

EXTRAIT

Les tirés à part ne peuvent être mis en vente

LA SCHISTOSOMOSE A BAHIA

PAR

Le D<sup>r</sup> PIRAJÁ DA SILVA

Assistant de clinique médicale à la Faculté de Médecine de Bahia

PARIS

ASSELIN ET HOUZEAU

Editeurs des *Archives de Parasitologie*

—  
1908

---

*Frontispício do número de Archives de Parasitologie, com o trabalho original de Pirajá da Silva, "La Schistosomose à Bahia".*



lecidos pelos Congressos Internacionais de Zoologia. Esses congressos reunidos em diferentes países e épocas, a partir de 1889, acabaram por aprovar as ditas “Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica”. De acordo com o que estas estabelecem, a nomenclatura das *espécies* é binominal — a primeira palavra representa o nome do *gênero* a que pertence a *espécie*, e a segunda o da *espécie* propriamente. Quando designada a *espécie* por nome de pessoa, deve ser este escrito com a primeira letra maiúscula. Além disso, “quando se dedica uma *espécie* a uma pessoa que tenha um nome moderno, o genitivo, ao invés de seguir as regras da declinação latina, será formado pela adição de um *i* ao nome completo da pessoa se for homem, e de *ae* se for mulher (art. 14,c). Exemplos: *Cruzi*, *Mariae*”.<sup>14</sup>

Outros princípios regem a questão da autoria de um nome científico e da prioridade em Zoologia. Considera-se autor de uma denominação científica aquele que originalmente a propôs e publicou, sem deixar de fazer, na publicação, uma indispensável descrição do animal. Para designar-se um *gênero*, ou uma *espécie*, dá-se prioridade ao nome mais antigo pelo qual *gênero* e *espécie* eram conhecidos, contanto que esse nome tenha sido *divulgado* em publicação, contendo a indispensável descrição ou definição do animal que se pretende denominar. A descrição representa uma súmula precisa dos caracteres capazes de diferenciar o *gênero* ou a *espécie*, de que se trate, de outros *gêneros* ou *espécies*. Por fim, estabelecem as leis da nomenclatura zoológica (arts. 32 e 33) que o nome científico da *espécie* ou do *gênero*, uma vez publicado, não poderá ser rejeitado, posto de lado, ou negado, nem mesmo pelo autor.

*Schistosomum Mansoni*  
SAMBON, 1907

“Em 1907, na reunião de 19 de março da Zoological Society of London, eu li — diz Louis Sambon — uma comunicação intitulada “*New or little-known Entozoa*”. Devido à

---

<sup>14</sup> S. B. Pessoa, *Parasitologia Médica*, Edit. Guanabara Koogan S. A., 7.ª ed.

demora na preparação das ilustrações, apenas um pequeno resumo apareceu no *Proceedings of the Society*.

A notícia, trazida pelo *Proceedings of the Zoological Society of London*, era do seguinte teor:

"1. *Descriptions of some new species of Animal Parasites* by L.W. Sambon, M.D., F.Z.S.

*SCHISTOSOMUM MANSONI* Sambon

*Abstr. P. Z.S. 1907, p. 16 (March 26)*

*Habitat. Blood-vessels of Man.*

*In the Congo Free State, in other parts of Africa, and in the West Indies there is a form of Bilharziasis clinically and pathologically similar to the Asiatic form caused by Schistosomum japonicum, and unlike the classic East African form due to S. haematobium. The eggs of the species which causes this peculiar form are never found in the urine, but seem to be eliminated through the intestine only. They differ from those of S. haematobium in having a broad lateral spine totally different in size, shape, and position from the small, straight, terminal spine which characterises the ova of S. haematobium. Hitherto, the laterally spined ova, usually observed in Egypt in cases of mixed infection, have been looked upon as having been distorted while passing through the rectal mucosa. Sir Patrick Manson suggested several years ago, that the laterally spined ova found in the faeces of patients, and never in the urine, might represent a new species. In appreciation of this, one of his many genial intuitions, the new species is dedicated to him."*

Como se vê, pela comunicação apresentada à Zoological Society of London, Sambon sugeriu a criação de uma nova espécie dentro do gênero *Schistosoma*. A fim de atender às exigências contidas nas Regras Internacionais da Nomenclatura Zoológica, Sambon considerou, na súmula dos caracteres capazes de diferenciar a nova espécie, que pretendia criar, das demais existentes, isto é, na descrição da espécie, considerou — a distribuição geográfica da enfermidade, o tamanho e a forma do ovo correspondente à espécie caracterizada pela presença do espículo lateral; acrescentou, por fim, o fato de que os ovos com espículo lateral característicos da nova espécie, se encon-

travam, apenas, nas fezes dos pacientes, enquanto os ovos com espículo terminal do *Schistosoma haematobium* (espécie já conhecida) eram encontrados na urina. À nova espécie, caracterizada da maneira sumaríssima como o fez, denominou — *Schistosomum mansoni*. E justificou a sua atitude: “Sir Patrick Manson — diz Sambon — sugerira, há alguns anos atrás, que o ovo lateralmente espiculado, encontrado nas fezes de alguns pacientes, e nunca na urina, devia representar uma nova espécie. Em sinal de apreço a isso, a uma de suas geniais intuições, a nova espécie é dedicada a ele.”

Mas aí, ao propor a criação de uma nova espécie do gênero *Schistosoma*, levantava Sambon um sério problema — propunha a criação de uma espécie cuja existência ainda se discutia. Propunha, dentro do gênero, a individualização de um ser cuja especificidade, aceita por uns e negada por outros estudiosos, era discutida, constituindo mesmo motivo de ruidosa contenda científica.

*What is “schistosoma Mansoni” Sambon, 1907?*

ARTHUR LOOSS

Corria o ano de 1907. Não havia, efetivamente, ainda, uma solução definitiva para a questão que empolgava vários estudiosos — seriam os ovos providos de espículo lateral correspondentes a uma nova espécie, ou pertenciam à espécie conhecida, denominada *Schistosoma haematobium*? Divididos encontravam-se, como se sabe, os estudiosos em dois grandes grupos: unicistas, que consideravam uma única espécie responsável pelos ovos de morfologia diferente, isto é, com espículo terminal e lateral; e dualistas, os que advogavam a existência de duas espécies diferentes, a que correspondiam os referidos ovos. Defendiam, entre outros, esse ponto de vista dualista, representando a Escola de Medicina Tropical de Londres, Patrick Manson e Sambon, este autor da proposta criando a nova espécie. Opunha-se, com firmeza, à idéia de existirem duas espécies em causa o helmintologista alemão Arthur Looss, professor na Escola de Medicina do Cairo, que acreditava corresponder o ovo espiculado lateralmente ao próprio *Schistosoma*

*haematobium*, explicando o espículo lateral como uma modificação morfológica por que passaria o ovo provido de espículo terminal, como atrás ficou explanado. Mas Looss não se opunha, apenas, à idéia de uma nova espécie. Opôs-se, veementemente, à proposta de Sambon, em março de 1907, criando a nova espécie. Assim é que nos *Annals of Tropical Medicine and Parasitology*, editado pela Escola de Medicina Tropical de Londres, número de 1.º de julho de 1908, Looss, em artigo intitulado "What is *Schistosoma mansoni*, Sambon, 1907"?, contesta os argumentos de Sambon com que pretende justificar a criação da nova espécie no gênero *Schistosoma*. Faltavam, realmente, a Sambon, elementos indispensáveis da biologia do parasito que fundamentassem a sua proposta à Zoological Society of London, sugerindo a criação da nova espécie. Isso mesmo já reconheceu o próprio Sambon, autor da proposta, e dissera, claramente, Patrick Manson, sobre quem recaía a homenagem de Sambon. Em artigo publicado no número de 16 de setembro de 1907, do *The Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, seis meses após a comunicação original à Zoological Society of London, Sambon propõe-se a "resumir as razões que o levaram a considerar o *Schistosomum* caracterizado pelo ovo espiculado lateralmente como uma espécie distinta do *Schistosomum haematobium*, com o qual tem sido até agora confundido". E acrescenta: "having had the opportunity of examining several specimens of schistosomidae collected at post mortem of natives both in Egypt and Uganda, I noticed that whilst the majority of female worms contained within their uterine tubes the characteristic ova of *S. haematobium*, with a short terminal spine at the posterior extremity, two presented lateral — spined ova. These had been removed from gynaecophoric canal of males differing in no appreciable way from those clasping the more common kind."

*My determination is based on the characters of the eggs.*

SAMBON

Não obstante reconhecesse não haver fundamentado suficientemente a proposta que encaminhava o pedido de criação

de uma nova *espécie*, e pretendesse, nesse artigo, justificá-la devidamente, na verdade nada acrescentaria, por lhe faltarem dados relativos à estrutura anatômica da pretensa nova *espécie*. E isso por uma razão fundamental — não dispunha de material em condições satisfatórias, que lhe permitissem um estudo cuidadoso da referida estrutura anatômica. É o próprio Sambon quem confessa — “*unfortunately, the material at hand was so badly preserved that it precluded any study of comparative anatomy.*” Esclarece, em seguida, que apesar de se haver empenhado por conseguir, não obteve outros vermes adultos da *espécie* caracterizada pelo ovo lateralmente espiculado, em condições de permitir um estudo pormenorizado de sua anatomia. Manson, que, por toda a longa duração da polêmica, sempre se houve com exatidão, não tardaria a denunciar a insegurança e insuficiência dos elementos em que se baseava o próprio Sambon. “As preparações sendo mal conservadas — diz Manson na 2.<sup>a</sup> edição francesa do seu livro *Maladies des Pays Chauds*, Paris, 1918, e na 3.<sup>a</sup> edição inglesa do mesmo livro *Manual of the diseases of warm climates*, 1914 — não pôde ele dar as dimensões exatas e a estrutura anatômica da nova *espécie*, a qual se assemelha muito ao *Schistosoma haematobium* no aspecto geral e na estrutura. Sua determinação é baseada sobretudo nos caracteres dos ovos.” Efetivamente, a descrição que apresentou da nova *espécie* baseia-se, essencialmente, na característica morfológica dos ovos. “Com exceção do *Schistosoma japonicum macho*, que apresenta uma superfície exterior lisa, não tuberculada, os *Schistosomidae* do homem e do gado são muito semelhantes no aspecto geral e na estrutura — diz Sambon. A única diferença característica e marcante — acrescenta — é a de seus ovos, os quais diferem, de maneira manifesta, em cada *espécie*.” Firmava-se, por fim, inabalável e inapelavelmente na característica morfológica dos ovos, o espículo lateral — “*I became thoroughly convinced that the lateral spined ova represent a distinct species.*” E torna a aduzir novos argumentos — “*My determination is based principally on the characters of the eggs. This alone would suffice seeing other species of animals, a Rhea, for instance, have been established solely on the characters of their eggs. But, in addition, I have taken into consideration the different geographical distribution, the different anatomical habitat, and the different pathogeny of the two species. I have*

*no doubt that a minute comparative study of the anatomy of the adult worms will bring out many structural differences...*"

*I have seen only a fragment of a female.*  
HOLCOMB

Richmond Holcomb, poucos meses após a comunicação de Sambon, em março de 1907, refere, no *Military Surgeon* e no *United States Naval Medical Bulletin*, de julho do mesmo ano, o achado, nas fezes exclusivamente, de ovos de *Schistosoma* espiculados lateralmente, em grande número de casos, em Porto Rico sobretudo, não trazendo, entretanto, contribuição apreciável à morfologia do verme adulto e sua diferenciação da espécie conhecida, o *Schistosoma haematobium*, dada a escassez do material de sua observação. Sambon comentando a contribuição de Holcomb, diz — "...*He describes at length the ovum, the miracidium, and the adult worms, but adds nothing new concerning their structure.*"

A datar dos nossos estudos é que se conhece com precisão o parasito produtor da schistosomose americana.

PIRAJÁ DA SILVA

Esses dados, referentes à morfologia do verme adulto e sua estrutura, de que tanto se carecia, para fundamentar a criação da nova espécie, ninguém os daria, ninguém os teria ainda no ano de 1907. Somente em 1908, com as pesquisas microscópicas e necroscópicas que efetuou, na Bahia, Pirajá da Silva propiciaria aqueles dados para o conhecimento e reconhecimento do mundo. Como atrás ficou explanado, Pirajá, dentro do plano e da sistemática de suas pesquisas, esgotou o assunto, realizando o estudo completo e acabado do parasito em apreço. Estudou, ao microscópio, o ovo quanto à sua morfologia e dimensões, acabando por firmar o conceito de que *ovo provido de espículo lateral só eliminado através das fezes*,

pelo menos no local em que efetuou as suas pesquisas; jamais encontrou, apesar da pesquisa cuidadosa e repetida, conduzida com o maior rigor científico, jamais encontrou na urina ovo espiculado lateralmente; estudou, como se viu atrás, ao microscópio, o miracídio — estabeleceu-lhe as dimensões; determinou o modo como se dá a ruptura da casca do ovo, isto é, no sentido transversal e não no sentido longitudinal, como ocorre com o ovo e miracídio do *Schistosoma haematobium*; estudou-lhe a estrutura. Depois de fazer a microfotografia dos achados da microscopia, partiu para os achados da necropsia. Realizando necropsias sucessivas, foi ao encontro do parasito, isto é, do verme adulto em seu habitat anatômico — a veia porta e seus ramos principais. Aí encontrou o verme adulto macho isolado, a fêmea isolada e dois casais em plena cópula, o macho conduzindo a fêmea no *canalis gynoecophorus*; estudou o verme adulto, servido por material em excelente estado de conservação, estabelecendo-lhe as dimensões, esclarecendo-lhe, estruturalmente, os órgãos sexuais e as extremidades caudal e cefálica do macho e da fêmea.

*Dr. da Silva was the first to describe what is known as schistosoma Mansoni.*

PHILIP MANSON-BAHR

Com esse dados preciosos, obtidos de um material copioso, e em excelente estado de conservação, Pirajá dava a conhecer a todo o mundo, como o primeiro pesquisador a fazê-lo, a biologia do parasito, de modo completo e com toda a minúcia exigível, através dos artigos publicados no *Brasil Médico*, números de 1 de agosto e 1 e 8 de dezembro de 1908.

Além disso, armado desses conhecimentos, adquiridos através de pesquisas próprias, Pirajá pôde responder a uma série de argumentos levantados, infundadamente, pelos unicistas contra a nova espécie proposta por Sambon: 1.º) o achado dos ovos providos de espículo lateral no útero do parasito em cópula, em uma das veias do reto, punha por terra o argumento de Looss de que os referidos ovos, sendo encontrados em útero de fêmeas isoladas, eram produzidos por fêmeas ainda não fecundadas; 2.º) o achado do verme adulto, responsável pelos ovos

espiculados lateralmente, na veia porta, veio desfazer a afirmação de Sambon de que o habitat dos vermes adultos das duas espécies — *Schistosoma haematobium* e *Schistosoma mansoni* eram diferentes.

Fundamentava dessa maneira, o pesquisador brasileiro, com os valiosíssimos elementos da sua preciosa contribuição, a proposta de Sambon, encaminhada em 16 de março de 1907 à Zoological Society of London pedindo a criação de uma nova espécie, no gênero *Schistosoma*, com a denominação de *Schistosoma mansoni*.

Nenhuma dúvida poderia pairar, a partir das pesquisas de Pirajá da Silva, quanto à existência da nova espécie. Era indiscutível a nova espécie do gênero *Schistosoma*.

A denominação da nova espécie Sambon já havia proposto, em 1907, à Zoological Society of London — *Schistosoma mansoni*, em homenagem a Patrick Manson, o primeiro que entreviu a possibilidade de tratar-se de uma nova espécie no gênero *Schistosoma*.

Le Dantec, transcrevendo no seu *Précis de Pathologie Exotique*, 3.<sup>a</sup> edição, os estudos que faz Pirajá dos vermes adultos, macho e fêmea, do ovo e do miracídio, exaltando a contribuição do pesquisador brasileiro, escreveria, mais tarde, em 1911, a propósito da denominação da nova espécie: "*Aussi Sambon avait-il proposé d'appeler la future espèce, encore inconnue, du nom de Schistosomum mansoni. En 1908, Pirajá da Silva, découvre à Bahia (Brésil) un Schistosome caractérisé par des oeufs à éperon latéral. Cette nouvelle espèce doit-elle s'appeler Schistosomum mansoni, ou, pour honorer la découvreur du savant brésilien, doit-elle se nommer Schistosomum Silvai? L'avenir décidera.*"

O futuro, entretanto, não decidiu, argumentou-se. Mas, em geral, o próprio fato histórico, assentando no passado, é que dimensiona, clara e seguramente, o futuro, projetando as ocorrências de amanhã. No caso, a ciência e a medicina contemporâneas já são o próprio futuro em marcha, o próprio processo de julgamento, a reconhecer, através da obra de pesquisa que provou ao mundo a especificidade do *Schistosoma mansoni*, a prioridade de Pirajá da Silva.



---

NA FRANÇA — EM PARIS

“... tempo de serviço que realmente o foi e dos de maior atividade intelectual na sua vida de magistério — tempo que vai de 1.º de março de 1909 a 28 de fevereiro de 1910.”

PIRAJÁ DA SILVA

MUITO ANTES, TODAVIA, DE PUBLICAR os primeiros resultados de suas pesquisas sobre a nova espécie de esquistossomo, o que se daria em o número de 1.º de agosto de 1908 do *Brasil Médico*, Pirajá decidiu ouvir Patrick Manson sobre o assunto, como uma das autoridades que sustentavam o ponto de vista da dualidade de espécies, opinião, aliás, que era a sua, pela convicção que, a respeito, já formara ele próprio, baseado em observações pessoais. Nesta altura estava ele certo de que se tratava de uma espécie nova, diferente da espécie que determinava a esquistossomiase africana. Não alcançara, entretanto, com a carta dirigida a Manson, a finalidade que tinha em mira. Manson transferira a Leiper, um dos helmintologistas da Escola de Medicina Tropical de Londres, a responsabilidade científica no caso, e a incumbência, inclusive, de responder a Pirajá. A resposta de Leiper, a ele, todavia, contendo sugestões sobre como deveria orientar as suas pesquisas, de então por diante, de nada adiantara ou servira aos seus propósitos.

Depois de ver publicado o seu primeiro trabalho (*Brasil Médico* de 1.º de agosto) decide viajar para a Europa, o que se dá a 15 de novembro de 1908, pelo navio francês *Cordilliere*. Sua viagem reúne dois objetivos: entrar em contacto com autoridades européias, dizer de viva voz e demonstrar, com documentos em mãos, o que havia feito até então a propósito da nova espécie de *Schistosoma*, isto é, o quanto havia realizado para caracterizar e consubstanciar a nova espécie sugerida, por Sambon, à Zoological Society of London. Além disso, aperfeiçoar os seus conhecimentos em grandes e famosos ser-

viços estrangeiros, sob a orientação de mestres consumados. Visando ao primeiro e principal objetivo, levara consigo o material que julgara suficiente para documentar a sua exposição, para fundamentar a sua argumentação. Dando cumprimento à outra finalidade de sua viagem, matriculou-se, em Paris, sem demora, ainda no mês de novembro, no Instituto Pasteur, para fazer o curso de Microbiologia (com os respectivos trabalhos práticos) que aí estava sendo ministrado dentro do período — novembro de 1908 a março de 1909.

*May i suggest that i publish the notes of cases that you sent ... and leave out the anatomical dissertation for the present?*

LEIPER  
(Carta a Pirajá)

Não deixou de ocorrer a Pirajá, entretanto, que a sua permanência, por algum tempo, na Europa seria sobretudo útil para a correspondência, já iniciada, que deveria manter com estudiosos e pesquisadores de vários países europeus. É o que lhe revela Leiper ao responder à sua segunda carta, oriunda esta já de Paris: “Recebi, com satisfação, a sua gentil carta de 5 do corrente, ao retornar de minhas férias, e fiquei particularmente satisfeito em saber que você se acha a uma distância razoável, para fins de correspondência.” Acusa, nesta mesma carta, o recebimento do trabalho e dos exemplares de esquistossomo que Pirajá remetera ainda da Bahia. Discorda em dois aspectos, dos conceitos emitidos por Pirajá, dizendo: 1.º) que os espécimes por ele encontrados, na veia porta, são formas imaturas, o que invalida os elementos anatômicos, descritos por Pirajá, nos vermes adultos e por ele apontados como caracteres diferenciais entre a nova espécie e o *Schistosoma haematobium*; 2.º) o modo como se rompe a casca do ovo e a maneira pela qual o embrião ou miracídio sai do ovo, achado revelado por Pirajá, como outro elemento para distinção entre as duas espécies, não se pode admitir como elemento de especificidade, “continuando em aberto — afirma Leiper — a questão de pertencer ou não o ovo a uma espécie diferente”. Embora afirme ser de Pirajá “grande a contribuição

para a solução da presente controvérsia”, estaria Leiper, na ocasião, movido por interesses inconfessáveis.<sup>1</sup>

“*May I suggest — pergunta Leiper em carta a Pirajá — that I publish the notes of cases that you sent and a short preparatory note regarding previous workers in Brazil and leave out the anatomical dissertation for the present?*” Mas reconhece o valor inegável da contribuição que Pirajá, nesta altura dos acontecimentos, já havia trazido ao assunto em discussão: “*I think you would then find that you had contributed more in fact to the present controversy and your information regarding the occurrence of lateral spined eggs only in Brazil is very valuable.*”

Mas, em Paris, como um dos seus principais objetivos, chega até Raphael Blanchard, catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Paris, cujo serviço passa a freqüentar. Daí é levado, pelas mãos do próprio Blanchard, ao serviço de Maurice Letulle, que mantinha especial interesse pela esquistossomose, como estudioso dos seus aspectos histopatológicos, já tendo publicado valioso trabalho sobre o assunto.<sup>2</sup> A permanência de Pirajá com Letulle, no Hospital Boucicaud, foi de extrema utilidade para o esclarecimento definitivo de alguns aspectos e complementação de outros tantos. Pirajá trouxera da Bahia para a Europa vasto material histopatológico, que foi cuidadosamente examinado por Letulle em seu laboratório, obtendo excelentes microfotografias dos aspectos mais significativos. Esse trabalho complementar de Letulle, sobre os aspectos histopatológicos de algumas de suas observações, Pirajá incluiu na excelente monografia, redigida em francês — “*La Schistosomose à Bahia*” — que, em março de 1909, entregou a Blanchard para publicação. A colaboração de Letulle acha-se redigida por ele próprio, com o subtítulo — *Histologie Pathologique*, exprimindo-se ele, assim, inicialmente: “*J’ai pu examiner à loisir, grâce à la grande amabilité du Dr. Pirajá da Silva, les fragments d’un rectum, d’un foie, et d’une vessie,*

<sup>1</sup> Leiper entrevê claramente — diz Falcão nos seus comentários à correspondência estrangeira de Pirajá — o que estava por acontecer: ia o médico brasileiro dirimir, com seus estudos, a contenda estabelecida, de longa data, entre Londres e o Cairo. E procura soffrear o entusiasmo do ardoroso pesquisador sul-americano. Sugere-lhe que desista, por ora, de tornar público os resultados quanto à descrição anatômica dos vermes.

<sup>2</sup> M. Letulle, “*Bilharziose intestinale*”, *Archives de Parasitologie*, t. IX, n.º 3, 1905, Paris.

provenant d'un malade brésilien, ayant succombé à la Schistosomose. Les coupes, pratiquées avec soin, ont révélé l'existence de la maladie et ont été aussi démonstratives que possible. Elles établissent que l'affection parasitaire a circonscrit ses désordres au rectum et au foie en respectant les voies urinaires. Les figures qui vont suivre (8-11) et les notes rédigées au laboratoire de l'Hospital Boucicaud, en fournissent la preuve indiscutable." A monografia de Pirajá — "La Schistosomose à Bahia" — que é publicada nos *Archives de Parasitologie* do Prof. Blanchard, tomo XIII, n.º 2, 1908/1909, Paris, representa estudo muito bem elaborado sobre o verme adulto macho e fêmea, com os respectivos caracteres anatômicos, sobre os vermes macho e fêmea em plena cópula (tal como o pesquisador os surpreendeu), sobre o miracídio e o ovo, contendo ainda, além da nota de histopatologia da autoria de Letulle, as 20 observações em que fundamenta o seu trabalho.

Pouco depois de publicado nos *Archives de Parasitologie*, em junho do mesmo ano sairia o seu trabalho no *The Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, vol. XII, n.º 11, Londres, sob o título "*Contribution to the study of Schistosomiasis in Bahia, Brazil*", ao que parece, entregue para publicação, no periódico de Londres, muito antes, e por intermédio de Leiper, segundo se deduz da correspondência trocada entre este e Pirajá: "Enviei o seu artigo ao Editor do *The Journal of Tropical Medicine* com uma nota, esclarecendo que se trata da tradução de um trabalho seu publicado recentemente na Bahia... Se *The Journal of Tropical Medicine* aceitar seu artigo, eu o instruirei para que lhe enviem exemplares do mesmo por intermédio de sua Embaixada". Em outra carta datada de 1-3-909: "O artigo foi enviado ao Editor do *The Journal of Tropical Medicine* em janeiro. Disse-me ele que a demora é devida à dificuldade na reprodução das fotografias. Exemplares do trabalho serão expedidos, eu espero, tão logo seja publicado."

Até agora não temos meios de diferenciá-los.  
LEIPER

Com a sua estada em Paris, embora não fosse esta o centro, propriamente, da controvérsia científica, Pirajá quis

Seamen's Hospital Society.

Station:  
CONNAUGHT RD., G.E.R.  
(From Fenchurch Street  
Station).

Telegrams:  
"PLASMODIUM, LONDON."

Telephone:  
No. 533 EAST.

LONDON SCHOOL OF TROPICAL MEDICINE  
(UNIVERSITY OF LONDON),  
ROYAL ALBERT DOCK, E.

..... 12. 1. 1909..

Dear Dr. da Silva

I was so glad to  
get your kind letter of the 5<sup>th</sup> inst on  
my return from vacation and particularly  
happy to know that you are within  
reasonable 'corresponding' distance.

I received the paper and specimens of  
Plasmodia that you forwarded from Bahia  
& have examined both. I showed them  
also to Sir Patrick Manson who will write  
to you himself shortly.

Your paper contains very valuable information  
but there were one or two points upon which  
I should like to consult you before publication

I do not at all agree with the differences  
in anatomy that you decide are distinctive  
features between *Sch. mansoni* and *Sch.*

*haematobium* You must remember  
that all the specimens you find in  
the <sup>liver +</sup> portal vein are immature forms  
& that the adult + mature forms are found  
normally in the bladder + rectal walls.

Therefore the differences in measurements  
taken from such specimens are unreliable  
specific characters.

Again the  
difference you note in the manner in which  
the embryo leaves the egg cannot be considered  
a specific character. — it is due rather to

the actual difference in shape of the egg &  
leaves the question as to whether the egg is  
of a different species untouched

May I suggest that I publish the notes  
of cases that you sent or a short prefatory  
note - regarding previous workers in Brazil  
& leave out the anatomical dissertation for  
the present? I think you would then

find that you had contributed more in  
fact to the present controversy & your  
information regarding the occurrence  
of lateral shined eggs only in Brazil  
is very valuable.

If you are in England during your  
visit I trust that we may have

MISSIVA DE R. T. LEIPER N.º 2-C (concl.)

(Reprodução facsimilar)

the honour of a visit to the Tropical  
School from you.

Please let me know as soon as  
possible if I am at liberty to  
publish part of your paper immediately  
or I will have it put up in type

at once with kindest regards.

Yours v. sincerely

Robert T. Leiper





estabelecer uma cabeça-de-ponte na Europa, de modo a tornar não só factíveis, porém mais fáceis e mais prontos os seus contactos e entendimentos com os estudiosos empenhados na grande questão. Realmente, considerando a distância em que se encontrava, àquela época (1908-1909), da Europa, de onde o separava uma extensão a ser percorrida, de navio, em pelo menos duas semanas, dificultando e retardando os contactos por correspondência, afigurava-se-lhe do maior interesse a providência que decidira tomar. Em Paris, no centro de irradiação da cultura, onde tinham repercussão obrigatória as ocorrências de todo o mundo, aí é que deveria se achar, aí é que, naquele momento, precisava encontrar-se.

Achava-se agora, da Rue d'Amsterdam, 47, ou de outra qualquer, onde estivesse a uma distância "razoável" (para usar a expressão de Leiper, em carta ao próprio Pirajá), tanto de Londres, como do Cairo, tanto da London School of Tropical Medicine, Universidade de Londres, a que pertenciam Manson, Leiper e outros, como da Escola de Medicina do Cairo, onde ensinava o helmintologista alemão Arthur Looss.

Esse objetivo de sua viagem e de sua permanência, por mais de um ano, em Paris e em Hamburgo foi inteiramente alcançado. Aí em Paris é que ele recebe outra missiva de Robert Leiper (pelo menos cinco cartas recebeu Pirajá, de Leiper, em Paris), na qual confessa a impossibilidade de sua parte, com os recursos de que dispunha, de distinguir, entre si, as duas espécies de esquistossomos. "Lamento que até agora eu não tenha sido capaz de distinguir o *Schistosomum haematobium* do *Schistosomum mansoni*, no material que eu recebi do exterior, e não possa, portanto, mandar-lhe exemplares de cada uma das espécies. Ambas as formas existem no Egito e nós, na Europa, obtemos os vermes da veia porta, podendo estes pertencer a qualquer das duas espécies, pois até agora não temos meios de diferenciá-los." Nesta carta, datada de fevereiro de 1909, a atitude de Leiper é de reserva, não tomando o partido de qualquer das duas escolas em choque: "Penso que a questão ainda não está resolvida. Há uma grande dose de teoria, tanto no ponto de vista de Looss como no de Sambon. Acredito que ambos exigem mais fatos."

Nessa altura, conhecidos alguns trechos da correspondência de Leiper, caberia uma tentativa de interpretação da sua atitude na questão. Leiper pertencia, como helmintologista, à Escola de Medicina Tropical de Londres, onde trabalhava, ao lado

de Patrick Manson. Este sustentava a existência de duas espécies, sendo Sambon (também pertencente à Escola de Medicina Tropical de Londres), o autor da proposta criando a nova espécie, com a sugestão do nome de Manson para denominá-la. Na delongada contenda só havia razões — uma vez apurados os fatos com absoluta isenção — para Leiper ver com agrado o prato da balança inclinar-se para o lado da Escola a que ele próprio pertencia, de que Manson era o ínclito chefe. Ao mesmo tempo, mantinha Leiper vinculações de ordem cultural, intelectual e afetiva com Arthur Looss, que representava e chefiava a Escola do Cairo, ao lado de quem trabalhara por algum tempo. Compreende-se, portanto, que, ligado aos dois lados, só bem fundamentado pudesse emitir sua opinião, embora não seja difícil perceber certa relutância, certa resistência, de sua parte, em aceitar a nova espécie que trazia o nome de Manson, chefe da Escola a que ele pertencia. Leiper justificava a sua atitude: “Estudei durante um ano com o Professor Looss e testemunhei o seu trabalho, o suficiente para ter mais confiança em suas observações do que nas do Dr. Sambon, não obstante não tenha ainda formado opinião própria sobre o assunto; mantenho correspondência com Dr. Looss a respeito de certas dificuldades que eu tenho em aceitar sua teoria.” Um estudioso, um pesquisador de grande valor, sem dúvida, escrupuloso em excesso, desejoso de exatidão, não há como negar, mas preconceituoso certamente. É fora de dúvida, entretanto, que o excesso dessas qualidades é que o impediu de afirmar-se em mais de um aspecto, no aspecto humano inclusive, através de uma só atitude — ouvir Pirajá, dar ouvidos ao jovem brasileiro. Aceitar os fatos comprovados, que resumbravam das suas pesquisas, conduzidas com rigor científico e consciência, se o preconceito que cultivava lhe permitisse acreditar em documentos oriundos de um país até então sem tradição de ciência, ou de investigação científica, e da autoria de um jovem ainda desconhecido como pesquisador.

De Paris transferiu-se Pirajá, em junho de 1909, para Hamburgo, onde passou a freqüentar o “Tropeninstitut”, aprimorando os seus conhecimentos de Medicina Tropical no convívio dos especialistas que ali trabalhavam. Por essa ocasião é que teve conhecimento, como atrás se disse, da descoberta de Carlos Chagas, no Brasil, do *Trypanosoma Cruzi*, fato que lhe fora revelado, em Hamburgo, no Instituto de Moléstias Tropicais, pelo sábio Von Prowazek. Datam de sua permanência

nessa instituição o seu conhecimento e as profundas ligações de amizade com Henrique da Rocha Lima, discípulo de Oswaldo Cruz, grande estudioso dos assuntos de patologia tropical e respeitável membro daquela instituição científica.

Em fevereiro de 1910 depois de uma permanência de cerca de 15 meses na Europa, retorna à Bahia. Como se nenhuma solução de continuidade houvesse, depois de longa ausência, Pirajá entrega-se à pesquisa. Desta vez em torno da *Trypanosomose Cruzi*, cujo transmissor — o Barbeiro (*Triatoma Megista*, Burmeister, 1835), encontrou em Mata de São João, nas proximidades da capital, para cuja localidade se deslocou em fins de dezembro de 1910 — “onde pude observar muito bem, conforme diz,<sup>3</sup> os insetos nos seus esconderijos, as casas de palha, verdadeiros ninhos de Barbeiros, e alguns dos seus infelizes moradores, entre eles crianças, deixando ver no rosto marcas de picadas recentes”. O trabalho definitivo sobre o assunto<sup>4</sup> sairia publicado em janeiro de 1912, em colaboração com Brumpt, grande parasitologista de Paris, discípulo de Blanchard. Ocorre que Pirajá, não dispondo de condições ideais para as pesquisas que desejava efetuar, colecionou o seu material, durante cerca de um ano, a fim de transportá-lo consigo, por ocasião da segunda viagem que projetava fazer à Europa, o que se efetivaria em outubro de 1911. No serviço de Parasitologia de Blanchard, na Faculdade de Medicina de Paris, em colaboração com Brumpt, conseguiu infectar camundongos, vindo a encontrar *Schizotrypanum* típicos no sangue dos mesmos, 5 dias após.

Antes da nova viagem que projetava fazer à Europa, realizou estudos sobre a Amebíase Intestinal e as Míases cutânea e cavitária, estes últimos na Bahia e, em parte, na Faculdade de Medicina de Paris.

Em 4 de maio de 1911 é nomeado professor da Cadeira de História Natural Médica da Faculdade de Medicina da Bahia (título de nomeação assinado pelo Presidente Hermes da Fonseca e Ministro Rivadávia Correia), que depois se transformaria em Cátedra de Parasitologia.

---

<sup>3</sup> Pirajá da Silva, “O Barbeiro (*Conorhinus Megistus*” Burm) na Bahia”, *Arquivos Brasileiros de Medicina*, vol. I, Rio de Janeiro, 1911.

<sup>4</sup> E. Brumpt et Pirajá da Silva, “Existence du *Schizotrypanum Cruzi*”. Chagas, 1909 à Bahia (Mata de São João) *Biologie du “Conorhinus megistus”*, *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique*, t. V, n.º 1, *Séance du 10 janvier, 1912*,

---

 NA ALEMANHA — EM HAMBURGO
 

---

*“Meine Herren! Ich bin weder Zoolog, noch beschäftige ich mich seit Jahrzehnten nur mit Helminthen; ich bin Arzt und bin allein auf meine Erfahrung angewiesen. Eine falsche Deutung von einem mikroskopischen Bilde konnte verkehrt sein. Ich bin aber trotz der Autorität von Looss in keiner Weise überzeugt, dass es geschehen ist.”*

(Trecho da comunicação apresentada por Pirajá da Silva, em 6 de abril de 1912, à Sociedade Alemã de Medicina Tropical de Hamburgo.)

A 4 DE OUTUBRO DE 1911, Pirajá deixa a Bahia, pela segunda vez, com destino à Europa.<sup>1</sup> Embora sabendo que o curso de Medicina Tropical, promovido pelo Instituto de Medicina Colonial, da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, tinha início em outubro, chega atrasado para matricular-se no mesmo. Apresenta-se, entretanto, ao diretor do Instituto de Medicina Colonial com uma carta de Blanchard, datada de 27 de outubro de 1911. Esta, além de recomendá-lo como estudioso de patologia tropical, pede ao diretor que o receba e matricule no curso, apesar de achar-se este iniciado. Não obstante, conquista Pirajá a melhor classificação nos exames finais,

---

<sup>1</sup> Entre os guardados, papéis e documentos da Família Pirajá encontra-se o número de 4 de outubro de 1911 do *Jornal de Notícias*, em que se lê: “De viagem. Dr. Pirajá da Silva. Segue hoje para a Europa, a bordo do paquete alemão *Coburg* o nosso distinto conterrâneo e colaborador Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Acorrendo ao honrosíssimo convite que lhe acaba de fazer o Prof. Blanchard, de Paris, vai o Dr. Pirajá assistir o concurso de parasitologia desse notável professor francês, aproveitando disso a sua permanência nos centros de cultos do Velho Mundo, para ultimar com material aqui colhido, alguns estudos pessoais sobre parasitologia e visitar os principais museus de história natural.

Esforado, competente e ativo investigador dos problemas da nossa patologia, tem já o nosso digno patricio o seu nome ligado a trabalhos científicos de valor, que falam do seu amor e dedicação às investigações científicas e constituem motivo de desvanecimento para a gloriosa Faculdade baiana, que o tem entre os seus mais ilustres professores.

Folgamos de poder anunciar que o *Jornal de Notícias* obteve de seu colaborador a promessa de nos enviar as impressões da sua visita aos meios científicos europeus.”

sendo-lhe atribuído o título de *Major* e a correspondente medalha de ouro.<sup>2</sup> Como da vez anterior, por todo o tempo desta sua estada em Paris mantém contato com Blanchard, freqüentando o seu serviço. Aí, nessa ocasião, é que, ao lado de Blanchard e sua equipe, servindo-se do material que paciente e cuidadosamente recolhera na Bahia, complementa suas observações sobre leishmaniose cutânea, miíase e doença de Chagas. Os trabalhos sobre leishmaniose e sobre miíase são publicados nos *Archives de Parasitologie*,<sup>3</sup> como trabalhos oriundos “du Laboratoire de Parasitologie des Facultés de Médecine de Bahia et de Paris”.

Em março, Pirajá já se havia transferido para Hamburgo, a fim de se inscrever no “Tropeninstitut”, em curso de moléstias tropicais, que se estenderia até o mês de maio. Era com grande satisfação que voltava a Hamburgo para freqüentar o Instituto de Medicina Tropical onde fizera, em sua permanência anterior, em 1908, grandes amigos, entre os quais Rocha Lima. Aí, no Instituto de Medicina Tropical, pontificava o Prof. Fülleborn,

---

<sup>2</sup> No arquivo da Família Pirajá encontra-se a seguinte notícia sobre a ocorrência, ocupando parte de uma coluna de certo jornal, número 2 de janeiro de 1912. “*Docteur Pirajá da Silva, professeur à la Faculté de Médecine de Bahia fait réellement honneur à la science brésilienne. A la suite de brillantes études, il vient d'être reçu médecin colonial de l'Université de Paris, et classé le premier de 36 élèves reçus sur 43 de diverses nationalités inscrites au cours de l'Institut de Médecine coloniale.*

*Dans le discours que le professeur Le Dentu, représentant le professeur Landouzy, doyen de la Faculté de Médecine a prononcé lors de la distribution solennelle des diplomes sous la présidence de M. Le Myre de Vilers, l'orateur a terminé par les paroles suivantes, extrêmement flatteuses pour le lauréat brésilien, le docteur Pirajá da Silva.*

*“Je ne terminerai pas cette allocution sans adresser mes remerciements à mes élèves pour leur zèle et leur assiduité, et des chaudes félicitations à ceux qui, de haute lutte, ont conquis les premiers rangs dans notre classement, au docteur Pirajá da Silva, de Bahia, particulièrement, le major de cette promotion, qui a montré dans toutes les épreuves une supériorité éclatante.”*

*Le nom du docteur Pirajá da Silva est d'ailleurs cité comme une autorité dans les livres de pathologie exotique et de parasitologie, notamment pour ses travaux originaux sur le Schistosomum mami. Il a droit à toutes les félicitations de ses compatriotes.”*

Os *Archives de Parasitologie*, t. XV, n.º 2, 1912, noticiam amplamente o fato. In Pirajá da Silva, o incontestável descobridor do “*Schistosoma mansoni*”, São Paulo, 1959.

<sup>3</sup> Pirajá da Silva, “*La Leishmaniose cutanée à Bahia*”, *Archives de Parasitologie*, t. XV, p. 401, 1912. “*Nouveaux cas de Myase*”, *Archives de Parasitologie*, t. XV, p. 425, 1912.

o grande parasitologista de Hamburgo, autoridade reconhecida, como helmintologista. Com muita alegria, pois, é que voltava àquele convívio — sobravam razões de ordem cultural, sem que faltassem as de ordem afetiva. Lá plantara algumas raízes sentimentais, com as amizades que fizera. Com o Instituto fizera ligações, de ordem cultural e científica, em razão do assunto do seu especial interesse, que para lá levou e focalizou, em ampla e aberta discussão com os seus colegas e mestres. Havendo viajado só, desta vez, sem a esposa, no calor da troca de idéias informal com os companheiros de trabalho afogou, muitas vezes, a saudade dos seus e da pátria distante. Certo dia, ainda em meio do curso que se ministrava no “Tropeninstitut”, aceita uma sugestão de Fülleborn, que logo se transformou em convite para expor, na Sociedade Alemã de Medicina Tropical de Hamburgo, o seu ponto de vista, baseado nas pesquisas que levara a efeito na Bahia, a partir de 1908, sobre a esquistosomose. Pirajá aceita o convite, inscrevendo-se para fazer uma comunicação com a seguinte epígrafe: “Sobre alguns helmintos da Bahia”.

No dia 6 de abril comparece à Sociedade Alemã de Medicina Tropical de Hamburgo. Depois de agradecer ao Prof. Fülleborn o convite que lhe fizera, Pirajá começa fazendo um resumo e uma apreciação do exaustivo trabalho e das pesquisas pessoais, conduzidas com escrupulo, através desses quatro anos, pesquisas que lhe permitiram consubstanciar a nova espécie de *Schistosoma*, cuja criação Sambon sugerira, em 1907, à Zoological Society of London. A impressão que ele, Pirajá, transmitia àquele plenário — tal a emoção que envolvia suas palavras, repassadas de indisfarçável ressentimento — era de que não se havia feito ouvir, apesar de divulgados os seus trabalhos em órgãos da imprensa médica de prestígio internacional — como *Archives de Parasitologie* e *The Journal of Tropical Medicine* — e em tratados da especialidade. “Chamei a atenção — disse — para o aparecimento exclusivo de ovos com espículo lateral e apresentei figuras de tais ovos nas fezes, no útero de uma fêmea e em cortes microscópicos do reto. Por isso acreditei — arremata — poder confirmar a opinião de Sambon com referência à criação da espécie “*Schistosomum mansoni*”. Daí não ter sido o trabalho continuado que desenvolveu, para esclarecer a biologia do parasito, inspirado por sentimentos de vaidade pessoal, senão por exclusivo ideal e interesse científico. Mas é preciso não esquecer a luta, a vigilância,

a importância de uma atuação diligente e pronta, de sua parte, a fim de que os seus estudos não fossem olvidados, não caíssem no esquecimento. Não precisa lembrar que, em seu desfavor havia o fato de os seus trabalhos, conquanto originais, procederem de um país sem tradição de pesquisa científica, que não possuía, ainda, entre as demais nações, posição definida, em matéria de trabalhos científicos. “Grande parte da luta que sustentou — tive ocasião de dizer<sup>4</sup> — tinha o justo propósito de fazer-se ouvido e, afinal, lido e julgado — à luz de critérios objetivos e elevados — o trabalho e toda a documentação que o fundamentava, com que pretendia dirimir dúvidas e pôr um ponto final em momentosa questão científica.” Mas não faltou a contestação — do seu ilustre contendor — aos resultados de suas pesquisas, como, a seguir, acrescenta Pirajá: “Logo depois fui também energicamente contestado pelo Prof. Looss. Os ovos por mim observados no útero da fêmea de *Schistosomum*, foram por ele considerados simples concreções, embora nunca houvesse visto minhas lâminas.” Foi daí que viu Pirajá a necessidade de abandonar a brandura de gestos e atitudes que o caracterizava, a mansidão bem sua para afirmar, nessa reunião da Sociedade de Medicina Tropical de Hamburgo, já compelido por alguma irritação: “Não sou zoólogo, nem tenho decênios de trato exclusivo com os helmintos: sou médico e apenas me baseei em minha experiência. Bem podia ter-se dado interpretação errônea da imagem microscópica. Todavia, a despeito da autoridade de Looss, de modo algum me posso convencer de que tal cousa haja acontecido. Nesta oportunidade, tenho a satisfação de mais uma vez salientar que, apesar de pesquisas cuidadosas e repetidas em cerca de 100 casos de bilharziose na Bahia, nunca pude achar um só ovo com espículo terminal.” A seguir desenvolve outras considerações, todas elas com o objetivo de demonstrar, através de documentos irrecusáveis, que havia razão suficiente, isto é, que havia base científica para a criação de uma nova espécie de *Schistosoma*, tal como sugerira Sambon, embora não estivesse este, na época, devidamente fundamentado. É o seguinte o teor da comunicação, em alemão e em português, de Pirajá da Silva, à Sociedade Alemã de Medicina Tropical de Hamburgo, em 6 de abril de 1912:

---

<sup>4</sup> Itazil Benício dos Santos, *Vultos e fatos da Medicina brasileira*, Editora Pongetti, Rio de Janeiro.

## APÊNDICE IV

Reprodução facsimilar da comunicação de PIRAJÁ DA SILVA,  
em resposta a LOOSS, pronunciada na Alemanha, em 1912)

---

*Sonder-Abdruck aus*  
*„Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene“.*  
*Band 16, Beiheft 4, 1912.*  
*Verlag von Johann Ambrosius Barth in Leipzig.*

---

### Über einige Helminthen aus Bahia.

Von

**Dr. Pirajá da Silva, Bahia (Brasilien).**

(Vortrag, gehalten am 6. April 1912 vor der Deutschen Tropenmedizinischen Gesellschaft zu Hamburg.)

Ich danke der deutschen Tropenmedizinischen Gesellschaft für die freundliche Aufnahme als Gast, und besonders Herrn Professor Fülleborn für die Anregung zur Mitteilung meiner in Bahia gemachten Beobachtungen.

Im Jahre 1908 veröffentlichte ich meine Studien über die dort vorkommende Bilharziosis. Ich hob das ausschließliche Vorkommen von Eiern mit Seitenstacheln hervor und bildete solche Eier in den Fäzes, im Uterus eines Weibchens und in Rektumschnitten ab. Dadurch glaubte ich die Ansicht Sambons betreffs der Bildung der Art *Schistosomum mansoni* bestätigen zu können.

Daraufhin wurde auch ich von Professor Looss in recht heftiger Weise angegriffen. Die von mir abgebildeten Eier im Uterus der *Schistosomun*weibchen erklärte er rundweg für Konkremente; obwohl er meine Präparate nie gesehen hatte.

Meine Herren! Ich bin weder Zoolog, noch beschäftige ich mich seit Jahrzehnten nur mit Helminthen; ich bin Arzt und bin allein auf meine Erfahrung angewiesen. Eine falsche Deutung von einem mikroskopischen Bilde könnte vorgekommen sein. Ich bin aber trotz der Autorität von Looss in keiner Weise überzeugt, daß es geschehen ist. Ich begnüge mich hier nochmals hervorzuheben, daß ich trotz sorgfältig wiederholter Untersuchungen, von zirka 100 Fällen von Bilharziosis in Bahia, niemals ein Ei mit Endstachel finden konnte.

Rivas in Venezuela und Flu in der holländischen Guyana haben dieselbe Erfahrung gemacht.

Um die Bildung der Eier mit Seitenstachel zu erklären, hat Looss neuerdings eine von seiner früheren verschieden lautende Erklärung abgegeben. Bei der in Bahia vorkommenden Bilharzia



soll also regelmäßig nur dieser Mechanismus vorkommen. Die Zoologen mögen entscheiden, ob solche Merkmale für die Bildung einer neuen Spezies genügen oder nicht.

Schon Wucherer, der hochverdiente deutsche Arzt, der in den sechziger Jahren in Bahia tätig war, hat vergebens nach Bilharzia im Urin gesucht. Diese sind vor meinen Publikationen in Brasilien meines Wissens nie gesehen worden. Ich fand sie nur in den Fäzes und niemals im Urin, trotz wiederholten Untersuchungen von Zentrifugaten.

Jedenfalls handelt es sich für uns Ärzte weniger um eine zoologische als um eine medizinische Frage.

Tatsache ist es, daß die Bilharziakrankheit in Bahia sich klinisch anders äußert als die durch Schistosomum hematobium in Ägypten hervorgerufene Erkrankung.

In Ägypten handelt es sich hauptsächlich um eine Krankheit der Harnorgane, die in Bahia nie gesehen wurde. Unsere erfahrensten Kliniker wissen gleichfalls über keine Blasenkrankheit zu berichten, die auf Schistosomum zurückgeführt werden konnte. Ich habe die Blaseschleimhaut bei verschiedenen Obduktionen abgekratzt und die Blase in Kalilauge eingelegt, und damit ebenfalls stets negative Ergebnisse gehabt.

In Bahia ist die Bilharziose eine ausschließliche Krankheit der unteren Partie des Darmes mit häufiger Beteiligung der Leber, was mit den Fluschen Beobachtungen übereinstimmt. Das steht fest und dürfte wohl genügen, um klinisch die Krankheit von der ägyptischen zu trennen.

Außerdem möchte ich über zwei Fälle berichten, die für die Ansicht von Looss, daß die Infektion durch die Haut stattfindet, sprechen. Es handelt sich um zwei Individuen aus besseren Ständen, die stets in besten hygienischen Verhältnissen lebten, bei welchen in der Anamnese nur das Baden in Teichen in Gegenden, wo die Schistosomose vorkommt, angegeben wird, die Infektion erklären kann. Diese Teiche liegen in Tälern und erhalten Wasser aus bewohnten höherliegenden Orten. Bei einem Kranken konnten keine anderen Parasiten als Schistosomum nachgewiesen werden.

Von anderen Würmern dürfte ich vielleicht noch je einen Fall von Taenia solium und Botriocephalus latus erwähnen. Während Taenia solium außerordentlich selten in Brasilien vorkommt, scheint Botriocephalus latus fast immer importiert zu sein. So hat sich dieser Patient offenbar nicht dort, sondern im Baltischen Meer

infiziert, wo er bis vor 11½ Jahren als Seemann lebte und viel geräucherte Fische aß.

Pirajá da Silva, Brazil Medico, 1908, 1. August, 1. Dezember, 8. Dezember, Contribuição para o estudo da Schistosomose na Bahia, 20 Observações.

Pirajá da Silva; La Schistosomose à Bahia. Archives de Parasitologie, 1908, Bd. 13, S. 281.

Pirajá da Silva, Contribution on the study of Schistosomum in Bahia (Brazil), Journal of Tropic. Med., 1. Juni 1909.

*Do livro de Edgard de Cerqueira Falcão, Novas achegas ao estudo da determinação da especificidade do "Schistosomum Mansoni", São Paulo, 1957.*

POST  
THE ADDRESS TO BE WRIT



*Dr Pirajá da Silva*

*at*  
*Rue d'Amsterdam 47.*

*France*

*Paris*

*Carta endereçada a Pirajá em Paris, Rue d'Amsterdam, 47.*

## VERSÃO PORTUGUESA

“Sôbre alguns helmintos da Bahia”

por

Dr. PIRAJÁ DA SILVA, Bahia (Brasil).

(Comunicação feita em 6 de Abril de 1912 na Sociedade Alemã de Medicina Tropical de Hamburgo)

Agradeço à Sociedade Alemã de Medicina Tropical a bondosa recepção, e especialmente ao Snr. Prof. FÜLLEBORN, pelo convite para expor minhas observações feitas na Bahia.

Em 1908, publiquei os meus estudos sôbre a bilharziose ali existente. Chamei a atenção para o aparecimento exclusivo de ovos com espículos laterais e apresentei figuras de tais ovos nas fezes, no útero de uma fêmea e em cortes microscópicos do recto. Por isso acreditei poder confirmar a opinião de SAMBON com referência à criação da espécie *Schistosomum mansoni*.

ou conservei êste órgão em lixívia de potassa; mas, mesmo assim, também sempre obtive resultados negativos.

*Na Bahia, a bilharziose é uma moléstia exclusiva da porção inferior do intestino, com frequente comprometimento do fígado, o que coincide com as observações de FLU. Isto está provado e deveria bastar para distinguir clinicamente a moléstia da egípcia.*

Posso também referir-me a dois casos que se relacionam com a opinião de LOOSS de que a infecção se contrai pela pele. Trata-se de dois indivíduos de boa situação, que sempre viveram nas melhores condições higiênicas, e em cuja anamnese só o facto de se terem banhado em lagoas de uma região onde grassa a esquistossomíase pode explicar a infecção (1). Estas lagoas se acham em vales e recebem água de lugares povoados situados em nível mais alto. Num dos doentes, não se provou a presença de nenhum outro parasito, além do *Schistosomum*.

No que concerne a outros vermes, talvez deva mencionar um caso de *Tænia solium*. e *Botriocephalus latus*. Ao passo que a *Tænia solium* se observa no Brasil com extrema raridade, o *Botriocephalus latus* parece quase sempre importado. Assim, ao que é de supor, êste doente não se contaminou no Brasil e sim no Mar Báltico, onde, até há um ano e meio, tinha vivido como marinheiro e se alimentado de muito peixe defumado.

Logo depois fui também enèrgicamente contestado pelo Prof. LOOSS. Os ovos por mim observados no útero da fêmea de *Schistosomum*, foram por êle considerados simples concreções, embora nunca houvesse visto minhas lâminas.

Meus senhores! Não sou zoólogo, nem tenho decênios de trato exclusivo com os helmintos; sou médico e apenas me baseei em minha experiência. Bem podia ter-se dado interpretação errônea da imagem microscópica. Todavia, a despeito da autoridade de LOOSS, de modo algum me posso convencer de que tal coisa haja acontecido. Nesta oportunidade, tenho a satisfação de mais uma vez salientar que, apesar de pesquisas cuidadosas e repetidas em cêrca de 100 casos de bilharziose na Bahia, nunca pude achar um só ôvo com espículo terminal.

RIVAS na Venezuela e FLU na Guiana Holandesa fizeram a mesma observação.

Para esclarecer a origem de ovos com espículo lateral, LOOSS repetiu recentemente uma das suas várias explicações anteriores. Além de que, só na Bilharzia da Bahia é que essa disposição ocorreria com regularidade. Os zoólogos que julguem se tal característica é suficiente ou não para a criação de uma nova espécie.

Já WUCHERER, o eminente médico alemão que, por volta de 1860, exerceu sua actividade na Bahia, procurara em vão ovos de Bilharzia na urina. Que eu saiba, êles nunca foram encontrados no Brasil antes das minhas publicações. Achei-os somente nas fezes e nunca na urina, não obstante repetidos exames de material centrifugado.

Em todo o caso, para nós médicos, trata-se menos de uma questão zoológica que médica.

O facto é que a bilharziose na Bahia é clinicamente diversa da produzida pelo *Schistosomum hæmatobium* no Egito.

No Egito, trata-se principalmente de uma moléstia das vias urinárias, o que nunca se observou na Bahia. Os nossos clínicos mais experientes nada podem informar de referência a qualquer doença da bexiga que se pudesse atribuir ao *Schistosomum*. Em diversas autópsias raspei a mucosa da bexiga,

---

## A CONSAGRAÇÃO

... you have contributed, more in fact, to the present controversy...

ROBERT LEIPER

... I think the larger number of observations you have brought together finally disposes of any question that might have been about the specificity of the american *Schistosomum*.

PATRICK MANSON

*Numa época em que as opiniões dos diferentes cientistas divergiam consideravelmente sobre se os ovos com espiculo lateral provinham de uma espécie particular de esquistossoma ou do Schistosoma haematobium, Vossa Excelência decidiu claramente esse pleito pelas suas pesquisas conscienciosas de esquistossomas de origem brasileira. (Carta do Prof. Ernst Nauck, diretor do Tropeninstitut de Hamburgo, a Pirajá da Silva.)*

DE UM ACERVO DE CONTRIBUIÇÕES como este — de Pirajá da Silva — de alto valor científico, em favor do conhecimento da biologia do *Schistosoma mansoni*, dificilmente pode tentar-se a avaliação do mérito apenas pela estimativa do todo, em conjunto, ou das parcelas que o formam, separadamente.

Da paciente constância em que assentou o seu trabalho de investigação, através de caminhos ásperos quase sempre, da resignação e conformidade, com que recebeu incompreensões e injustiças, transparece o empenho de uma vida de sacrifícios e renúncias em favor da causa que tanto o empolgou.

Vincent van Gogh, o gênio da pintura do século passado, teve, em sua atormentada existência, uma preocupação máxima — “alcançar a nota amarela”, atingir o tom amarelo que explodia e flamejava com o sol, feito em chamas, de Arles, conseguir o amarelo que, afinal, rebentou do seu pincel nos fascinantes girassóis das suas telas! Para ele, “o artista deve sacrificar tudo, mesmo a própria vida no altar de sua arte”, ainda sabendo que “os grandes homens não encontram obstá-

culos somente durante a vida, mas, geralmente, já estão mortos quando seus trabalhos vêm a ser publicamente reconhecidos”.

Em verdade, raramente chega, na ocasião adequada e oportuna, o reconhecimento público. Em todos os tempos e lugares.

“Com surpresa e deslumbramento — diz Pedro Calmon a propósito de Pirajá da Silva — se viu assim comemorado como um benfeitor da pátria, a efígie (quem o diria?) nos selos postais, mencionado obrigatoriamente nos compêndios, alçado às culminâncias do aplauso e da honra pela gratidão tardia de uma sociedade que dele não se apercebera, quando, silencioso, ativo, trabalhador, o admirável Pirajá da Silva descobria, no seu laboratório escolar, a natureza das parasitoses. Chegou-lhe ao anoitecer da vida o ruído das festas, que não teve para estímulo da juventude atormentada e da maturidade sem horizontes. Este foi o seu destino; e o de outros de sua estirpe intelectual, que a rudeza das condições ambientes condenou a uma sorte análoga.”

Tardio, talvez tenha sido, mas não faltou a Pirajá o reconhecimento de personalidades autorizadas, nem de instituições científicas respeitáveis.

Pirajá havia deixado Paris, por ocasião de sua primeira viagem à Europa, com destino a Hamburgo, onde freqüentaria o TROPENINSTITUT, quando lhe chega às mãos uma carta, datada de 25 de junho de 1909, de Patrick Manson. Personalidade inteiramente diferente da de Robert Leiper, trazia em si a capacidade de decisão, sabia tomar atitudes sem que fosse assaltado pela suposição de que, assim procedendo, estivesse faltando a compromissos, supostos compromissos, de ordem afetiva ou intelectual. . . “Tendo obtido o seu endereço com o Dr. Leiper, estava para escrever-lhe — diz Patrick Manson — felicitando-o pelo seu artigo sobre *Schistosomum mansoni*, publicado, no *The Journal of Tropical Medicine*, quando esta manhã, recebi a transcrição do seu trabalho no jornal do Prof. Blanchard. Felicito-o por ambos, pois acredito que o grande número de observações que reuniu dissipa qualquer dúvida que pudesse ter havido sobre a especificidade do *Schistosomum americanum*. Não creio mesmo que o Prof. Looss se recuse, por mais tempo, a reconhecer isso.”

TELEPHONE. MAYFAIR 1297.  
TELEGRAPHIC ADDRESS  
"FINICALLY, LONDON."

21, QUEEN ANNE STREET,  
CAVENDISH SQUARE. W.

25<sup>th</sup> June, 1909

Dear Mr. Sabine

I was about to write  
you, having got your  
address from Dr. Dripps,  
to congratulate you on  
your article on Schistosoma,  
Common Parasites in  
the Journal of Tropical  
Medicine, when, this

morning, I received the  
report of your paper in  
Prof. Marchant's Journal.  
I congratulate you on  
both for I think the large  
number of observations  
you have brought to light  
privately in person of any  
question there might  
have been about the



specificity of the American  
christianism. I do not  
think that Prof. James  
will ever refuse any  
longer to acknowledge  
this.

I would like to see  
the actual worms from  
a case of unvaccinated  
any anthrax - that  
is one in which there are

lateral spines erect or,  
contrasted with good  
specimens of the Amer-  
ican species. Should no  
doubt further differences  
would be discovered.

I hope you will continue  
your investigations, as  
unsuccessfully initiated, and  
clear up the life history of  
the genus. My very truly  
Respectful servant

Le Caire, 12 mars 1911.

Monsieur le docteur Pirajá da Silva,

Bahia.

Monsieur et très honoré collègue,

J'ai lu avec beaucoup d'intérêt votre travail sur la Bilharziose à Bahia. Étant désireux de me former une opinion personnelle sur l'intéressant parasite et les lésions qu'il produit, je vous serais très obligé si vous voudriez bien me prêter pour un examen vos préparations originaux, surtout celles qui montrent le ver et ses oeufs. Je m'engagerais à vous retourner les préparations après quelques semaines et en bon état.

Espérant que vous m'accorderez cette faveur, je vous prie, très honoré collègue, d'agréer l'expression de ma haute considération

*Dr. A. Looss.*  
+ Professeur de Parasitologie,  
École de Médecine,  
Le Caire.

---

*Fac-simile da carta de Looss a Pirajá da Silva.*

A.R.



AR

Monsieur le Docteur Pirajá da Silva

Assistant de clinique médicale  
Faculté de Médecine,



Caire.

**R** No. 67

B A H I A,

r. Looss,

Brazil.

*Carta de Looss endereçada a Pirajá da Silva.*

Era o pleno reconhecimento, oriundo de uma autoridade no assunto, da contribuição original e valiosa de Pirajá à caracterização da nova espécie de *Schistosoma*, de existência discutida através de longos anos, cuja especificidade ele acabava de consubstanciar.

Leiper, de cuja atuação, no caso, ficou esboçada, atrás, uma tentativa de apreciação, já havia afirmado a Pirajá: “você tem contribuído muito, na verdade, para a solução da presente controvérsia”. Em seguida, apesar das restrições — destituídas, aliás, de fundamento, como depois ficou provado — com que veio a aceitar as suas pesquisas, chegou Leiper a afirmar em carta endereçada a Pirajá, datada de 12 de junho de 1909: “Considero do maior interesse que tenha encontrado vermes adultos, machos e fêmeas, na parede do reto...”

A 12 de março de 1911 Pirajá foi surpreendido com uma carta de Arthur Looss! Não que partisse de quem tinha um ponto de vista contrário ao seu, ao de Sambon, ao de Manson. Mas de quem se revelara, pela própria atuação na contenda, impermeável a qualquer entendimento, intransigente para consentir um diálogo, inflexível e rígido demais para admitir-se viesse a ceder algum dia, em qualquer ponto. O que era mais desconcertante — a carta achava-se vazada em termos da maior gentileza e polidez. “Li com muito interesse — diz Looss — vosso trabalho sobre a bilharziose na Bahia. Desejando formar opinião pessoal sobre o interessante parasito e as lesões por ele determinadas, agradecer-vos-ia muitíssimo se quisésseis emprestar-me para exame vossas preparações originais, sobretudo aquelas que mostram o verme e seus ovos. Comprometer-me-ia a devolver as preparações algumas semanas após, em perfeito estado.”

As afirmações de Pirajá, baseadas em suas próprias pesquisas, a abundante documentação reunida no curso do ano de 1908, Looss dispunha-se, afinal, a examinar, agora que toda ela já havia sido analisada por grandes estudiosos do assunto, agora que as mais conceituadas revistas da especialidade haviam divulgado os seus trabalhos para todo o mundo. Resolvera Looss sair da indiferença em que se encerrara por longo tempo, teimando em *desconhecer* e *desconhecendo*, ao que os fatos indicam, a argumentação científica de Pirajá em favor da consubstanciação do *Schistosoma mansoni*. Decidira, afinal, ler Pirajá e examinar os documentos a ele pertencentes, apelando para sua gentileza e solicitude, no sentido de lh'os emprestar.

Era o reconhecimento tácito de tudo quanto resultara das pesquisas de Pirajá em favor da biologia do parasito. Sendo Looss o estudioso, o pesquisador reconhecido por todos, não podia ser outra, aliás, a sua atitude.

Richmond Holcomb que, de algum modo, participou da questão, escreve a Pirajá pedindo permissão para usar, em artigo seu a ser publicado, duas das gravuras que ilustram o seu trabalho "*La Schistosomose à Bahia*", publicado nos *Archives de Parasitologie*.

Le Dantec, autor do *Précis de Patrologie Exotique* (Paris, 1911), escreve a Pirajá nestes honrosíssimos termos: "Meu caro colega, começarei, dentro de alguns dias, a redigir o 2.º volume do meu livro, em que não deixará de ser encontrada a bilharziose. Sentir-me-ia feliz em ver figurar nele o vosso *Schistosomum*. Queira, pois, fazer-me o obséquio de enviar um desenho com descrição do animal. Este aparecerá com o vosso nome. Não vos apresseis, pois não creio que esteja em condições de escrever o capítulo sobre bilharziose antes de um mês pelo menos."

Efetivamente, na 3.ª edição do seu tratado, dada à publicidade em 1911, inclui as descrições que faz Pirajá dos vermes adultos, macho e fêmea, fazendo aquele comentário atrás transcrito, a propósito da denominação da nova espécie de *Schistosoma* que o cientista brasileiro acabava de caracterizar: "...doit-elle s'appeler *Schistosoma mansonii*, ou, pour honorer la découverte du savant brésilien, doit-elle se nommer *Schistosoma Silvai*?"<sup>1</sup>

De Blanchard de Brumpt, discípulo de Blanchard mereceu, também, palavras de calorosas felicitações pelos resultados das suas pesquisas.

No Brasil colaborou quase intimamente com a equipe de especialistas que constituía a Escola de Manguinhos: Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolfo Lutz, Artur Neiva e outros.

Com Adolfo Lutz manteve vasta correspondência, e às suas pesquisas deu a mais franca, constante e valiosa colaboração. Lutz o tinha na melhor conta, dele fazia o mais elevado conceito como pesquisador, tendo confirmado, em todos os aspectos, os seus estudos sobre o esquistossomo. A falta de continuidade na correspondência entre ambos e a impressão

<sup>1</sup> Edgard Falcão: "*Novas achegas ao estudo da determinação da especificidade do "Schistosomum mansonii"*", ob. cit.

neste sentido transmitida por parentes e amigos, que privaram do convívio de Pirajá, fazem crer estivesse este magoado com alguma atitude de Lutz.<sup>2</sup>

De Petrogrado, o chefe do Serviço de Doenças Tropicais e de Quimioterapia (do Bureau Hémoparasitologique de l'Intérieur) — W.L. Yakimoff — solicita de Pirajá, em carta, que lhe envie a sua fotografia, as separatas dos seus trabalhos publicados, e, se possível, exemplares de insetos vectores de doenças locais. Uma demonstração, sem dúvida, do conceito que possuía e da impressão de seriedade e de honestidade científica que, em todo o mundo, na Rússia inclusive, deixaram os seus trabalhos.

Espero que o senhor continue suas investigações iniciadas com tão feliz êxito, e que esclareça a biologia do parasito.

(Carta de Patrick Manson a Pirajá da Silva).

As palavras de Patrick Manson dirigidas, em carta datada de 25 de junho de 1909 a Pirajá da Silva, não só o consagravam como autor dos estudos definitivos sobre a especificidade do *Schistosoma mansoni*, mas vaticinavam que a continuação das suas pesquisas esclareceria a biologia do parasito. Não tardaria Pirajá a descobrir, estudando moluscos de águas reconhecidas

---

<sup>2</sup> Edgard Falcão analisou profundamente a vasta correspondência de Lutz para Pirajá assim concluindo: "Encerrando os comentários a propósito da correspondência de Lutz, faço-o com grande constrangimento, ao assinalar que o formidável e imortal pesquisador brasileiro se inscreve ao lado de Leiper e de Brumpt, entre os que não fizeram devida justiça ao mérito de Pirajá da Silva, afogando em injustificável silêncio o importantíssimo e fundamental papel por este desempenhado na identificação do *Schistosomum Mansoni* perante o mundo científico.

As vagas e inexpressivas referências ao mestre baiano, nas notas prévias e no trabalho definitivo de Lutz acerca da esquistossomíase mansônica, bem como a omissão sistemática da valiosa cooperação daquele recebida quando, experimentalmente, investigava em Manguinhos o ciclo evolutivo do parasito, traduzem atitudes incompreensíveis, que devem ter amargurado o coração do amigo desiludido, percebendo-se isso em anotações à margem de volumes da biblioteca de Pirajá da Silva e, sobretudo, pela brusca e definitiva interrupção da troca de cartas, a partir de 1918, *Novas achegas, ibid.*





como focos de esquistossomiase, uma nova espécie de cercária, no *Planorbis bahiensis* Dunker, a que denominou *Cercaria blanchardi*.

“En examinant certains Mollusques au point de vue de la recherche des Cercaires, par exemple l'*Ampullaria patulla* et particulièrement le *Planorbis bahiensis* Dunker — escreve Pirajá<sup>3</sup> — j'ai trouvé une cercaire nouvelle, qui j'appellerai *cercaria Blanchardi*, en l'honneur de mon maître, le Professeur R. Blanchard. Elle rentre dans le groupe des cercaires à queue fourchue de Max Lühe, dont on connaît six formes dans les eaux douces d'Allemagne et trois dans celles de la Haute Italie. Il faut donc y ajouter maintenant une forme brésilienne.”

Mas os estudos de Pirajá e o trabalho que os divulgava eram de 1912, época em que ainda não estava definitivamente conhecido o ciclo evolutivo das duas espécies de *Schistosoma*: *haematobium* e *mansoni*. Causa que só ocorreria em 1915, graças aos resultados alcançados pela “The Bilharzia Mission in Egypt”, tendo à frente Robert Leiper: não só ficariam identificados os hospedeiros intermediários do *Schistosoma haematobium* e do *Schistosoma mansoni*, como bem conhecidas as suas cercárias. As espécies *Bullinus contortus* ou *Bullinus dyboni* — como sendo os hospedeiros intermediários do *Schistosoma haematobium*, e *Planorbis boissyi*, o molusco hospedeiro do *Schistosoma mansoni*.

Acreditou na época, ser a *Cercaria blanchardi*, que acabara de descobrir no *Planorbis bahiensis* Dunker, um estágio, ou fase no ciclo evolutivo do *Schistosoma mansoni*. Estudos posteriores viriam corroborar ou infirmar tal suposição, mas haveriam de dizer se o *Planorbis bahiensis* seria, ou não, entre nós, a única espécie de molusco servindo de hospedeiro intermediário ao *Schistosoma mansoni*. A confirmação não tardaria através dos estudos de Adolfo Lutz cujos resultados foram publicados no *Brasil Médico* de 2 de dezembro de 1916:<sup>4</sup> “Antes de terminar esta nota prévia, à qual deve seguir um estudo mais detalhado nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, convém mencionar que o cercário do *Schistosomum mansoni* provavelmente já foi visto pelo Dr. Pirajá na Bahia. Em 1912 ele publicou, nos *Archives de Parasitologie*, uma nota sobre o novo cercário de cauda bifurcada que encontrou no *Planorbis*

<sup>3</sup> Pirajá da Silva, “*Cercaire brésilienne (Cercaria blanchardi), à queue bifurquée*”, *Archives de Parasitologie*, t. XV, 1912.

<sup>4</sup> Pirajá da Silva, “Estudos sobre o *Schistosomum mansoni*”, 1953.

*bahiensis* Dunker, e denominou *Cercaria blanchardi*. As indicações, acompanhadas de figuras, e as condições locais deixam pouco duvidoso que se trata do *Schistosomum mansoni*, como também o *Planorbis bahiensis* corresponde, perfeitamente, ao *olivaceus* de Spix. E em carta dirigida a Pirajá em 22 de janeiro de 1917 acrescenta Lutz: “Quando lhe escrevi a última vez mandei também um exemplar do *Brasil Médico*, com uma comunicação preliminar sobre os resultados dos meus estudos. Como o amigo não fala nele, não sei se o terá recebido, mas o jornal deve existir na Bahia. Depois deste artigo<sup>5</sup> examinei animais de experiência pelo menos em parte, encontrando, em cobaias e coelhos, de 50 até 500 e mais exemplares de *Schistosoma* nas veias mesentéricas e no fígado. O trabalho está concluído. O *Planorbis olivaceus* Spix, idêntico com o seu *Planorbis bahiensis* Dunker, é o único hospedeiro conhecido entre nós, e a sua *Cercaria blanchardi* é o cercário do *Schistosomum mansoni*.”

Descobrimo, já em 1912, muito antes das conclusões apresentadas pela “The Bilharzia Mission in Egypt”, uma espécie de cercária de cauda bifurcada, a *Cercaria blanchardi*, em um molusco do gênero *planorbis*, o *Planorbis bahiensis*, Pirajá oferecia, aos pesquisadores que viriam depois dele, para completar o ciclo evolutivo do *Schistosoma mansoni*, a primeira identificação de uma cercária de esquistossomo. Três anos depois os estudos da missão chefiada por Leiper, no Egito, revelavam serem as cercárias dos esquistossomos cercárias de cauda bifurcada, e ser o hospedeiro intermediário do *Schistosoma mansoni*, no Egito, um molusco do gênero *planorbis* o *Planorbis boissyi*, elementos que se superpunham, dessa maneira, aos descritos e achados por Pirajá, muito antes, na Bahia.

Foi assim, ainda ele próprio quem trouxe elementos para fundamentar a sua suposição primeira, esboçada ao alvorecer dos estudos sobre o ciclo evolutivo do *Schistosoma mansoni*, sobre a patogenia da esquistossomíase — de ser “no estado de cercária, emergindo dos moluscos, e existindo livremente nas águas que o *Schistosoma mansoni* penetra o organismo humano pela pele, indo depois se alojar na veia porta e suas ramificações, onde completa sua evolução”.

---

<sup>5</sup> Referia-se, provavelmente, ao artigo cujo trecho foi transcrito acima, publicado no *Brasil Médico* de 2 de dezembro de 1916.

Desde que seu filho Paulo se formara em Medicina, no ano de 1922 e se transferira para São Paulo, com o objetivo de ali exercer a profissão, Pirajá começou, por assim dizer, a mudar-se da Bahia... É que, atrás de Paulinho, de malas feitas, há muito aguardando a oportunidade, apenas, também deixava a Bahia, logo depois, sua irmã Regina, que preferira continuar e completar os seus estudos em São Paulo. D. Elisa, esposa de Pirajá, começou, daí por diante, a dividir-se entre a Bahia e São Paulo, arrastada, como é fácil de compreender, pelos filhos, mas ainda presa à terra de origem pelas obrigações do esposo para com a Faculdade de Medicina e o Ginásio da Bahia. Era natural que Pirajá terminasse, também, residindo nas duas cidades, em Salvador permanecendo, apenas, os meses correspondentes ao período letivo.

A 3 de março de 1934 aposenta-se no cargo de professor do Ginásio da Bahia.

Na faculdade de Medicina, entretanto, sua aposentadoria só se daria em 1935.<sup>6</sup> A partir daí passou a residir em São

---

<sup>6</sup> Pirajá requereu, em 1926, em petição ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, a contagem do tempo em que esteve na Europa (1.ª viagem) — de 1.º de março de 1909 a 28 de fevereiro de 1910 — para fins de aposentadoria, alegando que, embora o seu afastamento, durante aquele período, das funções que exercia, fosse autorizado através de uma licença para tratamento de saúde, na verdade empregara a maior parte do seu tempo em cursos de aperfeiçoamento, ou freqüentando serviços conceituados da Europa. Não obteve, entretanto, despacho favorável. Vale a pena transcrever, em todo o seu teor, a referida petição: “Exm.º Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Diz o Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, que tendo obtido em 1909 uma licença de seis meses, a qual foi prorrogada por igual prazo para tratamento de sua saúde conforme consta das Portarias de 6 de abril de 1909 e 31 de julho do mesmo ano, licenças que não obstante terem sido requeridas sob pretexto de tratamento de saúde o foram, em verdade e mais principalmente, para o fim de fazer uma viagem de estudos à Europa, porquanto, ao suplicante se afigurava que na sua qualidade de assistente, que o era então, da 1.ª Cadeira de Clínica Médica, não lhe fora lícito afastar-se do seu emprego para aquele fim especial, regalia até então só concedida aos professores catedráticos e, considerando que, efetivamente, empregou todo esse prazo de doze meses, em estudos que efetuou na França, na Alemanha e na Áustria, tendo feito em Paris o curso completo do Instituto Pasteur e também trabalhado com o Prof. R. Blanchard, na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e no Museu de História Natural, especialmente no Laboratório Colonial do referido Museu, devendo salientar valiosa documentação (a qual, a todo tempo, poderá ser exibida) atestando a sua freqüência e aproveitamento nesses cursos, tendo também colaborado nos *Archives de Parasitologie*, publicados

Paulo, à Alameda Itu, 911, Jardim América, na mesma casa acolhedora em que permaneceu até sua morte, onde ainda hoje moram dois membros ilustres da Família Pirajá — seus filhos, Dr. Paulo Rocha Pirajá da Silva e D. Regina Rocha Pirajá da Silva. A casa da Alameda Itu, sem ser grande, é casa espaçosa, com jardim em frente e ampla entrada de serviço, por um dos lados, que leva a enorme área ao fundo. Do seu interior, simples e sóbrio, irradia-se, no ambiente frio de São Paulo, aquele calor que leva o visitante a sentir-se na própria casa — tal a impressão de aconchego e acolhimento.

Depois da sua aposentadoria, em 1935, no magistério, exercido na Faculdade de Medicina e no Ginásio da Bahia, e sua transferência para São Paulo, Pirajá foi dirigir a Seção de Botânica do Instituto Butantã. Não interrompeu sua intensa atividade. Por vários anos dedicou-se aos seus estudos de Zoologia e Botânica, a estes últimos sobretudo, pelos quais sempre manifestou incontida paixão.

Nesse interregno processou-se, através do tempo, a decantação dos fatos e ocorrências em torno da esquistossomose e dos assuntos em controvérsia — os verdadeiros fatos impuseram-se com o tempo. À ação deste, aliás, só o que é legítimo consegue resistir. O *Schistosoma haematobium* constitui,

---

pelo Prof. Raphaël Blanchard, nos quais inseriu os artigos originais intitulados: La Schistosomose à Bahia, Cercaire Brésilienne (*Cercaria* Blanchardi) à queue bifurquée, Le Pederus Columbinus est vesicart; Nouveaux cas de myase, dus à *Chrysomyia* Macellaria Fabricius à Bahia, La Leishmaniose cutanée à Bahia, artigos estes que foram resultantes de acurados estudos de laboratório e representam verdadeiras descobertas científicas, como tal reconhecidas e consagradas por cientistas do valor de R. Blanchard, Le Dantec, Lostet, Brumpt e o pranteado sábio brasileiro Osvaldo Cruz, acrescentando que fez o curso de Medicina Naval e Tropical em Hamburgo e é laureado pelo curso que fez no Instituto de Medicina Colonial de Paris, vem diante do exposto, requerer a V. Ex.<sup>a</sup> se digne mandar contar esse seu tempo de serviço, que realmente o foi e dos de maior atividade intelectual na sua vida de magistério, tempo que vai de 1.º de março de 1909 a 28 de fevereiro de 1910, para todos os efeitos, desistindo, entretanto, o suplicante, como pela presente declara, de retribuição pecuniária a que, porventura, viesse a fazer jus pelo reconhecimento do favor aqui impetrado, sendo seu desejo, tão-somente, dele se servir para a contagem de tempo de serviço.

Termos em que Pe E. deferimento. Bahia 20/9/1926. Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva.”

hoje, uma espécie perfeitamente caracterizada; o *Schistosoma mansoni* constitui outra espécie completamente distinta, substanciada, afinal, em termos definitivos, e, pois, descoberta por Pirajá. Do mesmo modo, as duas espécies sempre determinaram, por seus efeitos patogênicos, quadros patológicos e clínicos completamente distintos — a esquistossomiase africana constitui entidade nosológica inteiramente diversa da esquistossomiase mansônica. Exatamente como afirmara Pirajá — na controvérsia científica, em apreço, não há somente fatos para o zoólogo demonstrar; há-os, também, a serem levados em conta e pesados, da plena alçada do médico, do clínico, pois a enfermidade, relacionada com os ovos providos de espículo terminal, nada apresenta em comum com a enfermidade determinada pela espécie que põe ovos com espículo lateral.

A especificidade do *Schistosoma mansoni* já aceita por quase todos, obteve, afinal, o consenso geral.

#### A REIMPRESSÃO DOS TRABALHOS ORIGINAIS DE PIRAJÁ NO SEU OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO

A COMEMORAÇÃO DO SEU OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO, em janeiro de 1953, daria ensejo a uma série de manifestações consagrando Pirajá da Silva — o descobridor do *Schistosoma mansoni*. Reúnem-se providências, somam-se esforços e recursos, mas quem arregimenta mesmo amigos, colegas, discípulos e admiradores de Pirajá da Silva é Edgard de Cerqueira Falcão, talvez o maior, o mais fiel e mais constante dos seus discípulos. Dele foi a idéia, sem demora concretizada graças ao seu empenho e sua diligência — idéia que se constituiu, no entender de todos, na maior de quantas homenagens lhe foram prestadas na oportunidade — a reedição de todos os seus trabalhos originais sobre o "*Schistosoma mansoni*", publicados em órgãos da imprensa médica nacional e estrangeira. "Devendo completar o Prof. Pirajá da Silva — eis como se pronuncia Falcão — dentro de um mês, oitenta anos de idade, lembrei-me de homenageá-lo condignamente, promovendo a reedição de seus

estudos sobre o "*Schistosomum mansoni*", acrescido das notas por mim redigidas." "Explanando — prossegue — este propósito a um grande amigo meu e admirador do mestre baiano, o Sr. Manuel de Sousa Varela, pessoa de requintado gosto e alta compreensão, obtive dele imediato, incondicional e generoso apoio financeiro, graças ao qual foi possível brindar a Ciência Brasileira com a atual e caprichada edição. Compõe-se esta da reprodução *fac-similar* dos trabalhos pioneiros do Prof. Pirajá da Silva, estampados no *Brasil Médico* do Rio de Janeiro, no *The Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, de Londres, e nos *Archives de Parasitologie* de Paris, em 1908 e 1909, e da nota inserida nestes últimos, em 1912, sobre a cercária do *Schistosoma mansoni*; da reprodução tipográfica do artigo do mesmo mestre, epigrafado "A Schistosomose na Bahia", publicado na *Gazeta Médica da Bahia*, em julho de 1916; e, finalmente, da reprodução de minhas duas exposições retroenumeradas, adicionadas duma nota em que reafirmo o ponto de vista por mim sustentado quanto à prioridade brasileira na matéria, provando que Sambon não descreveu o "*Schistosomum mansoni*" em 1907."

A edição comemorativa do octogésimo aniversário de Pirajá da Silva foi grandemente difundida no estrangeiro, merecendo referências elogiosas da imprensa médica mundial. Destas, a mais honrosa foi aquela decorrente da apreciação emitida pelo *Tropical Diseases Bulletin*, de Londres, assinada pelo Prof. Philip Manson-Bahr.<sup>7</sup> "Está claro, a partir do trabalho intitulado "O Estudo da Schistosomíase na Bahia" (1908), in *Brasil Médico*, que Dr. da Silva foi o primeiro a descrever as características morfológicas do que é agora conhecido como *Schistosoma mansoni*. Seus argumentos foram também baseados na convincente razão de que o *Schistosoma haematobium* não ocorre no Brasil e nessa contenda ele baseou-se em Wucherer, que se familiarizara com esse último no Egito." Lembra, a seguir, que "Sir Patrick Manson foi o primeiro a descrever o ovo espiculado lateralmente, em 1903, nas fezes de um paciente das Antilhas, e, em 1907 (*Proc. Zool. Soc.*, London, March, 26), Sambon sugeriu que esses ovos haviam sido postos por uma nova espécie, para a qual ele propôs o nome de *S. Mansoni*. Ficou estabelecido por Sir Patrick Manson (*Tropical Diseases*, 1914, 3.ª edição, 741) que Sambon não foi capaz,

<sup>7</sup> *Tropical Diseases Bulletin*, n.º 12, vol. 50, dez. 1953, Londres.

com o material de que dispunha, de fornecer pormenores anatómicos exatos das novas espécies.”

Na verdade, uma súpula perfeita das principais ocorrências em torno da esquistossomose mansônica, definidas, no caso, as posições de Patrick Manson, de Sambon, e a de Pirajá da Silva como “o primeiro a descrever as características morfológicas do que é agora conhecido como *Schistosoma mansoni*”.<sup>8</sup>

## A MEDALHA BERNHARD NOCHT

Ao Tropeninstitut de Hamburgo foi ter, como seria de esperar, um volume de *Estudos sobre o “Schistosomum mansoni”*, edição comemorativa do octogésimo aniversário de Pirajá da Silva. A semente vinha cair em terreno por este amanhado e cultivado, no sentido da lembrança e do conceito — de homem sério e estudioso, de tropicalista e pesquisador escrupuloso — que lá deixara Pirajá, por ocasião dos estágios que na Instituição fizera, por duas vezes, em 1908 e em 1911. Não tardaria a colheita dos frutos. A mundialmente conceituada instituição, pelo seu corpo científico e por unanimidade de votos, resolveu conceder, logo depois, em 1954, a Pirajá da

---

<sup>8</sup> Em carta a Edgard de Cerqueira Falcão, datada de 6-5-60 — cuja leitura me foi por este confiada — Robert Leiper vê por outro modo a apreciação de Philip Manson-Bahr sobre os trabalhos de Pirajá. “Em carta anterior, diz Leiper, pediu o senhor minha opinião sobre as apreciações feitas em torno da contribuição do Dr. Pirajá da Silva, as quais mencionou o senhor como sendo da autoria de Manson-Bahr e Nauck. Por coincidência, encontrei-me com Manson-Bahr poucos dias atrás e contou-me ele que no *Tropical Diseases Bulletin*, revista que publica resumos de opiniões e fatos de diferentes autores, a nota sobre o opúsculo de Pirajá da Silva, com a assinatura de Philip Manson-Bahr, era expressão das conclusões do autor e não de quem fez o resumo. Isso, naturalmente, está de acordo com a prática seguida pelos encarregados de fazer resumos de artigos científicos neste país. Os resumos do meu relatório que aparecem no *Tropical Diseases Bulletin*, foram redigidos pelo Dr. Cockin. No que se refere ao Dr. Nauck não achei qualquer apoio para sua opinião como autoridade no assunto, desde que ele não realizou qualquer estudo de Helmintologia e estava, simplesmente, escrevendo como diretor do Instituto de Hamburgo, onde a única autoridade como helmintologista era o Prof. Fülleborn, cuja opinião não é citada, se bem que eu acredite ter feito ele várias visitas à América do Sul.”

Ilustríssimo Senhor Professor Pirajá da Silva:

Tenho a grande honra de participar a Vossa Excelência que por resolução unânime dos colaboradores científicos do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, foi agraciado com a

Medalha Bernhard Nocht

atribuída por serviços relevantes prestados à Medicina Tropical.

Esta bem merecida condecoração vai acompanhada da expressão da nossa mais elevada estima e dos nossos mais sinceros votos de felicidade por ocasião da passagem do aniversário natalício de Vossa Excelência.

O nosso Instituto soube apreciar desde sempre o valor e a projecção dos trabalhos fundamentais de Vossa Excelência, motivos sobejos da homenagem que vimos prestar a Vossa Excelência.

Descobrimo os ovos com espiculo lateral nas fezes de doentes de Bahia, Vossa Excelência verificou pela primeira vez a existência do Schistosoma mansoni no Brasil e mesmo em toda a América do Sul publicando os resultados destes trabalhos no ano de 1908.

Numa época em que as opiniões dos diferentes cientistas divergiam consideravelmente sobre se os ovos com espiculo lateral provinham de uma espécie particular de esquistosoma ou do Schistosoma haematobium, Vossa Excelência decidiu claramente este pleito pelas suas pesquisas conscienciosas de esquistosomas de origem brasileira. Nas suas comunicações publicadas em 1908 e 1909 Vossa Excelência verificou diferenças morfológicas essenciais entre os machos e as fêmeas dos esquistosomas brasileiros e os do Schistosoma haematobium, refutando a opinião de Looss de que os ovos de



- 2 -

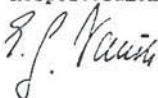
espículo lateral provêm de fêmeas não fecundadas da espécie *Schistosoma haematobium*. Estas investigações de Vossa Excelência valeram o reconhecimento geral à teoria sobre o *Schistosoma mansoni* exposta por Sambon em 1907 à base de material insuficiente.

Em 1912 Vossa Excelência descobriu uma nova espécie de cercárias, na *Planorbis bahiensis* (= *Australorbis glabratus*) e designou pelo nome de *Cercaria Blanchardi*; confirmando-se pouco mais tarde de uma espécie idêntica à cercaria do *Schistosoma mansoni*. Com esta descoberta Vossa Excelência facultou à Ciência, antes de se conhecer o ciclo evolutivo dos esquistosomas, a primeira descrição de uma cercária de esquistosoma.

A atribuição da Medalha Bernhard Nocht é expressão do justo reconhecimento dos excelentes trabalhos científicos de Vossa Excelência e dos méritos incontestáveis conquistados no domínio da investigação do esquistosoma. E' para mim muito especial prazer transmitir a Vossa Excelência esta homenagem e lamento sinceramente que não me seja dado entregar a medalha pessoalmente a Vossa Excelência.

Com a expressão da minha mais alta estima e do meu muito especial apreço de Vossa Excelência, firmo-me,

de Vossa Excelência  
Respeitosamente



---

Do livro de Edgard de Cerqueira Falcão, *Novas achegas ao estudo da determinação da especificidade do "Schistosomum Mansoni"* (fac-símile).

Silva a medalha Bernhard Nocht, prêmio criado pelo Tropeninstitut para ser conferido àqueles que venham a merecer a altíssima distinção, pelos relevantes serviços prestados à Medicina Tropical. Como constituintes do corpo científico do Tropeninstitut votaram a favor da concessão do prêmio a Pirajá, os seguintes professores: E. G. Nauck — diretor, E. Reichenoro, F. Weyer, H. Vogel, E. Martine, A. Westphal, P. Peters e R. Vigand. Bernhard Nocht foi o fundador da Medicina Tropical alemã e o criador do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, instituição que logo se impôs na Europa pela sua estruturação modelar, pela qualidade dos trabalhos que lá se produziam, pelos seus conceituados cursos, freqüentados por médicos de todos os países do mundo, por Pirajá, inclusive. O Instituto, pelo seu prestígio científico, foi incorporado à Universidade de Hamburgo, ao ser esta criada em 1920, sendo o seu idealizador, fundador e primeiro diretor — Bernhard Nocht, indicado para a cátedra de Medicina Tropical.

Professor Ernst Nauck, que substituiu Bernhard Nocht na cátedra e na direção do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, endereçou ao Professor Pirajá da Silva uma carta em português, anunciando a resolução unânime dos membros do Instituto de conceder-lhe a alta distinção. Desta carta, cuja reprodução *fac-similar* se faz a seguir, destaca-se o seguinte trecho pelas expressões consagradas: “Numa época em que as opiniões dos diferentes cientistas divergiam, consideravelmente, sobre se os ovos com espículo lateral provinham de uma espécie particular de esquistossoma ou do *Schistosoma haematobium*, Vossa Excelência decidiu claramente esse pleito pelas suas pesquisas conscienciosas de esquistossomas de origem brasileira.”

A entrega da medalha fez-se em sessão solene, no anfiteatro do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a 28 de janeiro de 1955. Presidiu a sessão o Prof. Jaime Cavalcanti, tendo sido oradores, além do Prof. Rocha Lima, que falou em nome do Prof. Ernst Nauck, do Tropeninstitut, e do Prof. Pirajá da Silva, cujos discursos se transcrevem a seguir, Dr. Luís Rey, e o acadêmico Antônio Carlos Cesarino, em nome do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

Foi o seguinte o discurso do Prof. Rocha Lima:  
Sr. Professor PIRAJÁ DA SILVA,

*“O diretor do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, Prof. ERNST NAUCK, não podendo aqui comparecer pessoalmente, pediu-me, por carta, que servisse eu de intermediário entre seu afamado Instituto e o pesquisador brasileiro a quem esse Instituto, por voto unânime de seus cientistas, resolveu conferir o máximo galardão, que é a “Medalha Nocht”, como prêmio e homenagem (a PIRAJÁ DA SILVA) por sua fundamental contribuição para o progresso de nossos conhecimentos no campo da Parasitologia Tropical.*

*Sinto-me feliz e extremamente honrado com o privilégio que, por tais circunstâncias, me coube, de representar momentaneamente esse meu preclaro colega de Hamburgo e fazer entrega, ao nosso eminente patricio PIRAJÁ DA SILVA, da “Medalha NOCHT”, distinção extraordinária, que tanto fez por merecer.*

*A medalha tem o nome de BERNHARD NOCHT, o criador da Medicina Tropical alemã, fundando e fazendo evoluir com extraordinário brilho o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, que, mesmo antes de existir a Universidade de Hamburgo, já gozava de fama e prestígio iguais aos dos mais afamados institutos universitários europeus. Esta criação, a sua modelar organização, o espírito que nele se cultivava, as suas realizações científicas e os seus afamados cursos que sempre atraíram e continuam a atrair médicos do mundo inteiro, foram os principais títulos de glória científica de BERNHARD NOCHT, que inicialmente se notabilizou como sanitaria, combatendo e dominando a epidemia de cólera-morbo que irrompeu em Hamburgo em 1890.*

*Esse instituto de Hamburgo, que, tanto pelo prestígio científico de que goza, quer na Alemanha como em todo o mundo médico, quanto pelas ligações que o unem à Patologia Exótica, e, portanto, a numerosos países, é um dos de que mais se orgulham os alemães, foi por isso imediatamente incorporado à Universidade de Hamburgo, quando esta foi fundada em 1920, sendo o seu grande diretor, BERNHARD NOCHT, nomeado para a Cátedra de Medicina Tropical, hoje ocupada por NAUCK, em cujo nome tenho o prazer e a honra de vos falar.*

*A “Medalha Nocht” foi criada para distinguir aqueles que maiores e mais brilhantes serviços tenham prestado no campo da Medicina Tropical. Ela é raramente conferida. Nos últimos dez anos só nove cientistas foram assim agraciados. Em toda a América só foram até hoje contemplados cerca de 10 cien-*

tistas e com justo orgulho podemos lembrar que nada menos de quatro deles são brasileiros, merecendo ser aqui especialmente mencionados, ao lado de PIRAJÁ DA SILVA, os nomes dos nossos eminentes compatriotas HENRIQUE ARAGÃO e MÁRIO PINOTTI.

A conquista deste galardão por PIRAJÁ DA SILVA é pois motivo de justo orgulho nacional, viva satisfação essa, que é tanto mais intensa quanto melhor se conhece e sente o muito que ainda falta, para que no conceito geral dos povos nós alcancemos a posição de vanguarda que almejamos e que já em vários terrenos merecemos.

Já vai para quase meio século quando, com a sua notável bagagem científica, veio o nosso PIRAJÁ DA SILVA sentar-se modestamente entre os médicos que de todo o mundo haviam acorrido a um dos famosos cursos do Instituto de Moléstias Tropicais de Hamburgo. Esse instituto ainda se achava nas condições precárias de sua primitiva instalação; mesmo assim acreditado que o nosso grande homenageado de hoje guarde ainda desse estágio uma boa e grata recordação.

Desde 1914, em suas novas e magníficas instalações, o Instituto de Hamburgo, apesar de quase completamente destruído pelos bombardeios aéreos da última guerra, bem simboliza em sua rápida e admirável reconstrução, aquilo que se chama o "milagre alemão" de seu reerguimento impressionante e quase fantástico.

Foi, porém, nos bancos do primitivo Instituto que PIRAJÁ DA SILVA, que com sua esclarecida compreensão e com a autoridade de sua bem fundamentada opinião acompanhava atentamente as preleções e demonstrações do curso, murmurou com modéstia e firmeza a sua convicção de que os grandes mestres da Parasitologia da Europa laboravam em erro quando consideravam o esquistossomo americano idêntico ao *S. haematobium*, e os seus ovos lateralmente espiculados como simples variantes. Bem me lembro ainda da sempre bondosa e amável resistência que então encontrei no nosso grande parasitologista de Hamburgo, Prof. FÜLLEBORN, garantindo-me especial atenção para a divergência que se verificava entre o célebre parasitologista alemão do Cairo — LOOSS — que era o papa desta especialidade — e o então ainda desconhecido brasileiro PIRAJÁ DA SILVA. Com satisfação e orgulho acompanhamos depois a vitória deste universalmente sancionada.

*E é da Alemanha que nos vem o prêmio dessa vitória, refletindo bem o espírito com que é nesse país encarado o mérito científico e a benevolência com que os mais altos representantes de sua universalmente admirada e respeitada Ciência encaram os trabalhos realizados em alto nível em nosso país, interesse e justiça essa que se refletem também no relatório de sua viagem ao Brasil, que acaba de apresentar às autoridades alemãs o Prof. NAUCK, diretor do Instituto de Moléstias Tropicais, catedrático e diretor da Faculdade de Medicina de Hamburgo, que há poucos meses dedicou 5 semanas ao estudo e observação de nossas atividades científicas no campo da Medicina Experimental e Tropical.*

*Nisso sentimos para nós lisonjeiros e auspiciosos pontos de contacto espiritual com um dos povos mais cultos e mais ativos do mundo atual. Devemos ao Prof. PIRAJÁ DA SILVA esta oportunidade criada pelos seus altos méritos. Sabemos quanto PIRAJÁ DA SILVA também reconhece a significação para todos nós e agradece ao Instituto de Hamburgo e a todos os presentes a justa homenagem que agora aqui recebe, e com esta afirmação desejamos poupar ao nosso amigo e festejado patrício a emoção de uma resposta de agradecimento neste ambiente festivo.”*

DISCURSO DO PROF. PIRAJÁ DA SILVA  
LIDO PELO DR. PAULO PIRAJÁ DA SILVA

“MEUS SENHORES:

*Quisestes com a generosidade dos vossos sentimentos de simpatia e amizade honrar com as vossas presenças esta tão significativa solenidade, na qual acabo de ser distinguido e agraciado pelo Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo com a inestimável oferta da “Medalha BERNHARD NOCHT”, enviada pelo seu iminente diretor, Prof. NAUCK, e a mim entregue pelo sábio mestre e meu particular amigo, Prof. ROCHA LIMA. Por extremos de amizade e delicadeza de sentimentos, fizestes coincidir tamanha honraria com a data em que completo os meus 82 janeiros.*

*Confesso que não posso esconder a minha emoção ante tais e tantas manifestações de apreço e amizade.*

Muitas e sempre lembradas em toda a minha vida de pesquisador e professor foram as recordações que me ficaram dos meus estudos no grande Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, onde conquistei facilmente muitos e sábios amigos, dentre os quais cumpre-me apontar-vos o Prof. ROCHA LIMA, por ser o que mais de perto me falava ao coração.

Hoje, recebendo das mãos do mesmo mestre e amigo a "Medalha BERNHARD NOCHT", peço-lhe seja o meu fiador, junto ao Prof. NAUCK e ao Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, dos meus sentimentos de profundo reconhecimento pela honraria recebida, e o intérprete da minha grata lembrança dos inesquecíveis dias idos e vividos em companhia de tão esclarecidos quão acolhedores mestres, que tanto influenciaram as minhas diretrizes didáticas e científicas.

Apresentamos ao Sr. Representante Consular da Alemanha as nossas cordiais saudações e os nossos agradecimentos pela solidariedade emprestada com a sua honrosa presença.

Ao Prof. SAMUEL PESSOA, parasitologista emérito e uma das expressões mais brilhantes da douta Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, testemunhamos aqui a nossa admiração e reafirmamos a grande estima que lhe dedicamos.

Queremos consignar os nossos mais efusivos agradecimentos ao distinto colega Dr. LUÍS REY pelas suas palavras de simpatia e amizade ao proferir, em nome do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, a sua saudação cordial.

Iguais votos estendemos ao talento moço do acadêmico ANTÔNIO CARLOS CESARINO, que tão delicada e efusivamente nos saudou em nome dos seus colegas do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

Não poderíamos deixar nesta oportunidade de mais uma vez externar a nossa gratidão ao nosso dileto discípulo, colega e amigo Dr. EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO, pela sua incansável dedicação ao amigo que tanto o considera e estima. Outrossim, é oportuno neste momento prestar sentida homenagem à memória do Sr. MANUEL DE SOUSA VARELA, pelo gesto nobilíssimo que teve de assumir a responsabilidade financeira da reimpressão dos meus estudos iniciais sobre o *Schistosoma mansoni*.

Por fim, aos prezados colegas e aos antigos discípulos que tanto me sensibilizaram com as suas homenagens e com o calor da amizade que ainda dispensam ao velho mestre, o nosso

Muito obrigado."

## O CINQUENTENÁRIO DA IDENTIFICAÇÃO DO "SCHISTOSOMA MANSONI"

CONVOCADOS PELA ATIVIDADE diligente de Edgard de Cerqueira Falcão, reuniram-se amigos, ex-discípulos e admiradores de Pirajá da Silva, constituindo-se uma comissão presidida pelo Prof. Samuel Pessoa. Da comissão faziam parte Ivolino de Vasconcelos, Jaime de Sá Menezes, presidentes respectivamente dos Institutos Brasileiro e Baiano de História da Medicina, Arnaldo Amado Ferreira, José Pedro Cordeiro, Leônidas de Melo Deane, Carlos Henrique Liberalli e Edgard de Cerqueira Falcão. Das comemorações constariam, conforme acertado, as seguintes solenidades: duas sessões solenes, uma a 1.º de dezembro, em São Paulo, outra a 8 de dezembro na Bahia, em Salvador, em razão de haverem sido publicados os primeiros trabalhos de Pirajá sobre o *Schistosoma* em os números de 1 a 8 de dezembro de 1908, do *Brasil Médico*, instituição da Medalha Cultural Pirajá da Silva, emissão de um selo postal alusivo à efeméride, o que Edgard Falcão providenciara com antecedência através de processo, fartamente documentado, já encaminhado à administração superior, por intermédio do Clube Filatélico de Santos, tendo merecido aprovação do Departamento de Correios e Telégrafos pelo seu setor competente.

### SESSÃO SOLENE EM SÃO PAULO

A sessão de 1.º de dezembro de 1958 realizou-se no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, reunindo expressivas figuras dos meios culturais, científicos e sociais de São Paulo, presentes o então prefeito da cidade, Dr. Ademar de Barros e o Prof. Hermelindo Lopes Rodrigues, representante oficial do então Ministro da Saúde, Dr. Mário Pinotti. Compuseram ainda a mesa que presidiu os trabalhos da sessão solene o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, os filhos do homenageado, Dr. Paulo Pirajá da Silva e D. Regina Pirajá da Silva, além de representantes de autoridades. Foram oradores na sessão os Professores

Lopes Rodrigues e Edgard de Cerqueira Falcão, ambos antigos alunos do homenageado, na Bahia, tendo este último salientado a contribuição de Pirajá à identificação do *Schistosoma mansoni*.

#### A MEDALHA CULTURAL PIRAJÁ DA SILVA

Nesta mesma sessão após os discursos fez-se a distribuição da Medalha Cultural Pirajá da Silva, aos agraciados inscritos para recebê-la naquele dia. Instituída pelos representantes do Instituto Brasileiro de História da Medicina, da Sociedade Paulista de História da Medicina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Departamento de Higiene e Medicina Tropical da Associação Paulista de Medicina — membros componentes da comissão encarregada das comemorações do cinquentenário —, a Medalha Cultural Pirajá da Silva é de muita beleza, obra do artista Américo Cassoli e do Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, cunhada pela Metalúrgica Artística Montini S.A., São Paulo. Conforme descrição do próprio Falcão, “mede cinquenta e cinco milímetros de diâmetro, apresentando no anverso a efígie ainda moça do Prof. Pirajá da Silva, voltada para a esquerda, circundada pelo seu nome e pelas datas 1908-1958. Ostenta o reverso um casal de esquistossomos em pleno ato sexual, exatamente como foram surpreendidos pelo grande pesquisador, tendo de cada lado um ovo lateralmente espiculado; em dois círculos concêntricos na orla, dispõem-se os dizeres alusivos ao cinquentenário em apreço”.

#### MOSTRA RETROSPECTIVA DA VIDA E OBRA DO PROF. PIRAJÁ DA SILVA

Encerrada a sessão do dia 1.º de dezembro, inaugurou-se no salão de exposições do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a mostra retrospectiva da vida e da obra de Pirajá da Silva, cuja organização se deveu à iniciativa, ao cuidado, ao bom gosto e sobretudo ao carinho da família a tudo quanto



se refere ao assunto. Peças ricas, bordados mais delicados do guarda-roupa do casal, peças que vinham ainda da noite de núpcias, constituíram na exposição retrospectiva a nota dominante.

#### SESSÃO SOLENE NA BAHIA

Patrocinada pelo Instituto Baiano de História da Medicina, pela Faculdade de Medicina e pela Academia de Medicina da Bahia, realizou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina, uma sessão solene presidida pelo então diretor Prof. Rodrigo Argolo, em que foram oradores os Profs. Jayme Sá Menezes e Alexandre Leal Costa, este atual titular de Parasitologia.

Na tarde desse mesmo dia, no Hospital Santa Isabel, na sala em que funcionou, na época, o laboratório de análise clínica da 1.<sup>a</sup> Cadeira de Clínica Médica, Serviço do Prof. Anísio Circundes, inaugurou-se uma placa de bronze alusiva à identificação do *Schistosoma mansoni*, por Pirajá, naquele local, em 1908 (ano em que publicou os dois primeiros trabalhos no *Brasil Médico*), sendo oradores, no ato, os Drs. Jaime Sá Menezes e Rui Maltez. Representando a família do homenageado esteve presente D. Amélia da Silva Rocha, sobrinha de Pirajá, residindo, hoje, em São Paulo, na casa da Alameda Itu.

#### O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO PROF. PIRAJÁ DA SILVA

O centenário de nascimento do Prof. Pirajá da Silva, ocorrido a 28 de janeiro de 1973, foi condignamente celebrado em sessão solene no salão nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, com a presença do governador do Estado, Dr. Antônio Carlos Magalhães e do então ministro de Estado da Saúde, Dr. Mário Machado Lemos. À iniciativa da Faculdade de Medicina e do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia, associaram-se outras entidades oficiais, instituições médicas e culturais baianas — Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, Academia de Medicina da Bahia, Aca-

demia de Letras da Bahia, Instituto Baiano de História da Medicina, Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Foram oradores na solenidade de celebração do centenário de nascimento do Prof. Pirajá da Silva os Profs. Alexandre Leal Costa e Itazil Benício dos Santos.

Nessa mesma sessão, que contou com a presença de número representativo dos meios culturais baianos, houve, pelo Sr. Ministro da Saúde, o lançamento, pela Central de Medicamentos, do tratamento da esquistossomose, no Nordeste, com Hycantone.

Fez parte, ainda, do programa comemorativo, a inauguração do Laboratório Pirajá da Silva, no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia.

---

## ÚLTIMOS DIAS

PORTADOR DE UMA CATARATA, diagnosticada pelo seu especialista, a visão tornou-se-lhe progressivamente deficiente, até perdê-la por completo, a partir da ocasião em que comemorou 60 anos de casado. Uma reunião informal de família não deixava passar, sem que fosse lembrado, aquele 10 de setembro de 1898, dia em que o jovem de vinte e cinco anos, cheio de sonho e de ambição, se uniria, em Cristo, a Elisa, na Fazenda Timbó, para, a partir daí, concretizarem juntos o ideal de vida comum.

Não é que não houvesse, propriamente, indicação cirúrgica, no caso, mas, talvez, alguma outra circunstância clínica, tratando-se de pessoa idosa, já com 85 anos, estivesse interferindo, contrariando aquela indicação. Não obstante a perda progressiva da visão, continuava ele participando de tudo que se passava a volta de si, no interior do lar, ou fora dele, com relação aos acontecimentos — a solicitude carinhosa da filha Regina e de todos os demais era uma forma de suprir a perda de um dos sentidos. D. Regina, diariamente, à hora de costume, lia os jornais, em voz alta, junto a ele — foi a maneira que achou de ler, para si e para o pai querido, a um só tempo, sem que ele, que já começava a revelar certa indiferença pela vida, se desse muita conta da sua deficiência orgânica, ou daquele modo de supri-la. Nem por isso, entretanto, deixou os seus afazeres ou, o que é mais importante, os seus hábitos mais significativos. Assim é que o homem religioso que sempre foi continuou dedicado às cousas da Igreja. Missa aos domingos, mas não faltava, diariamente, pelas cinco horas da tarde, ao terço na Capela das Filhas de Maria

Imaculada, nem à bênção — para o seu acendrado sentimento religioso, uma graça dimanada de Deus. A Capela das Filhas de Maria Imaculada, situada próxima à casa de Pirajá, era de construção recente. O próprio Pirajá e familiares acompanharam as obras da capela, achando-se o seu autógrafo na pedra fundamental do prédio, entre o de outras pessoas presentes ao ato. O vitral que lá existe, embelezando e enriquecendo o interior da nave, foi doação da Família Pirajá. A capela que ele viu nascer, em projeto e em realidade, foi parte da sua vida, pelo tempo em que ele morou em São Paulo. Aos ofícios religiosos lá rezados ele assistiu enquanto pôde sair, até fins de 1959, já com 86 anos. A partir de 1960 suas condições físicas e psíquicas (a indiferença e o desinteresse pelas cousas) não lhe permitiam mais descer do quarto, que ficava no andar superior da residência. Deixou de frequentar definitivamente a Capela das Filhas de Maria Imaculada.

Os sentimentos religiosos de Pirajá, que o acompanharam por toda a vida, manifestavam-se através de todas as suas atividades, quando não constituíam eles próprios — como acontecia nos grandes dias santificados da Igreja — as principais atividades. Assim foi ainda em Camamu, com a sua devoção por Nossa Senhora da Assunção, devendo-se a ele o brilho antigo das festas em louvor da padroeira do lugar.

Trazia consigo o hábito de cantar em voz baixa, como se o fizesse só para si, dando a impressão de que o fazia para atender a uma necessidade interior. Era comum ouvi-lo cantando baixinho, enquanto executava alguma tarefa. Eram sobretudo cânticos religiosos, aprendidos nem mesmo ele sabia mais em que tempo, possivelmente ainda na sua distante mocidade.

Nesse dia despertara cedo, como sempre, fizera os hábitos de rotina cantarolando e voltara a deitar-se cantarolando...

*Coração santo, tu reinarás,  
O nosso encanto sempre serás...*

Quem passou pelo quarto do casal, naquele momento, terá surpreendido D. Elisa — que se habituara a fazer os trabalhos domésticos, que ainda lhe cabiam, ouvindo-o entoar a meia

voz, este e outros cânticos — voltada para ele, em expectativa... É que de repente deixara de ouvi-lo. Ao aproximar-se, percebeu que ele, a muito custo, conseguia, sem abrir a boca, articular as palavras do cântico.

D. Elisa, aflita, chama por D. Regina:

— Venha vê-lo cantando embolado...

Ao tempo em que aquela modulação lhe sumia por entre os lábios trêmulos e presos, até tornar-se imperceptível, um fio de sangue espumoso escorria-lhe pelo canto da boca. Já os seus olhos, qual espelho baço, não refletiam mais as inquietações espirituais e os anseios, entre os quais a sua vida estendeu-se e transcorreu... Expirava, quando o filho Paulo, chamado às pressas, acabava de chegar. Eram sete horas e dez minutos de uma quarta-feira, 1.º de março de 1961.

D. Regina e D. Elisa, filha e esposa, mais do que espectadoras, participes constantes das lutas e triunfos em que sua vida se desdobrou, eram, naquele instante, as testemunhas silenciosas do último alento do cientista. Resignadas na sua dor permaneceram, fiadas na fidelidade da saudade de ambas — maneira de trazer constantemente, na lembrança de si mesmas, a imagem doce e veneranda do pai e esposo. Do quarto da casa da Alameda Itu, onde Pirajá acabara de falecer, ainda chegaram juntas à janela e puderam ver o sol, que começava a altear-se, no frescor daquela manhã, por entre a espessa névoa que a envolvia.

Este livro  
foi confeccionado nas oficinas dos  
ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS BORSOI S.A.,  
na Rua Francisco Manuel, 55, Benfica, RJ, para a  
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
em maio de 1977



CÓD. JO: 01962

RJ: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO  
SP: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO  
MG: Rua dos Caetés, 186 — Edifício Itatiaia, BELO HORIZONTE  
RS: Rua dos Andradas, 717, PORTO ALEGRE  
DF: CLS-108, Bloco D, Rua da Igrejinha, BRASÍLIA



*dicina brasileira*, obras já consagradas pela Crítica, Itazil Benicio dos Santos surge-nos agora com este novo trabalho que, mantendo o mesmo apuro de linguagem e as mesmas excelências de estilo, vem enriquecido por um quadro histórico, de amplas e enérgicas pinceladas, em que se revela o estudioso da História pátria.

*Vida e obra de Pirajá da Silva*, sendo, por essência, uma obra biográfica, na intenção, é, ao mesmo tempo, pelas suas conotações, obra importante de informação histórica e divulgação científica.

Mesmo as páginas de puro conhecimento científico que, de outra forma, poderiam parecer áridas e de difícil leitura, são lidas prazerosamente pelo leigo, amenizadas que são pelo desataviado do estilo sóbrio e escoreito e inseridas entre outras em que vibram toques de afetividade e de emoção.

Tem, pois, este livro um tríplice valor — como Literatura, como História e como Ciência.

É obra de arte e de cultura — deleita e ensina.

Merece ela, por todos esses títulos, os aplausos que, estamos certos, não lhe serão regateados, porque é, sobretudo, um preito de reconhecimento e gratidão que, por intermédio do seu autor, Itazil Benicio dos Santos, é prestado pela Bahia e pelo Brasil a um dos seus filhos mais ilustres — Manoel Augusto Pirajá da Silva.

ERNANI MENEZES





LEIA ESTES  
BONS LIVROS BRASILEIROS



- DANIEL KRIEGER  
*Desde as Missões...* (memórias)
- PEDRO CALMON  
*História de D. Pedro II* (5 vols.)
- GILBERTO FREYRE  
*O brasileiro entre os outros hispanos*
- GENERAL MEIRA MATTOS  
*Brasil — Geopolítica e destino*  
*A geopolítica e as projeções do poder*
- L. G. DO NASCIMENTO E SILVA  
*Mundo em transformação*
- ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS  
*O mundo que vejo e não desejo*
- MARIO HENRIQUE SIMONSEN  
ROBERTO DE OLIVEIRA CAMPOS  
*A nova economia brasileira*
- MILTON CAMPOS  
*Testemunhos e ensinamentos*
- LUÍS VIANA FILHO  
*O governo Castelo Branco*  
*A vida de Rui Barbosa*
- MARECHAL JUAREZ TÁVORA  
*Uma vida e muitas lutas* (memórias, 3 vols.)
- CARLOS GERALDO LANGONI  
*A economia da transformação*
- EDUARDO CELESTINO RODRIGUES  
*Crise energética*
- LUÍS CAMILO DE OLIVEIRA NÊTO  
*História, Cultura & Liberdade*
- LUÍS DA CÂMARA CASCUDO  
*Geografia dos mitos brasileiros*
- EDUARDO CANABRAVA BARREIROS  
*As Vilas del-Rei e a cidadania de Tiradentes*
- SERGIO BUARQUE DE HOLANDA  
*Raízes do Brasil*
- JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES  
*Interpretação da realidade brasileira*
- RODOLFO GARCIA  
*História política e administrativa do Brasil*
- JOSUÉ MONTELLO  
*Aluisio Azevedo e a polêmica d' "O Mulato"*
- PEDRO NAVA  
*Bau de ossos — Balão cativo*  
*Chão de ferro* (memórias)
- AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO  
*Problemas políticos brasileiros*  
*Alto mar / Maralto* (memórias)
- HERBERTO SALES  
*Seleta*
- PAULO PINHEIRO CHAGAS  
*Esse velho vento da aventura* (memórias)
- ARIANO SUASSUNA  
*O rei degolado* (romance)
- CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
*Os dias lindos* (crônicas)
- RACHEL DE QUEIROZ  
*As meninas e outras crônicas*
- GASTÃO CRULS  
*Hiléia Amazônica* (aspectos da flora,  
fauna, arqueologia e etnografia indígenas)
- LUIS JARDIM  
*O meu pequeno mundo* (memórias)
- HERMES LIMA  
*Travessia* (memórias)
- TARCISIO MEIRELLES PADILHA  
*Brasil em questão*
- JOSÉ ALFREDO AMARAL GURGEL  
*Segurança e democracia*
- MANOELITO DE ORNELLAS  
*Gaúchos e beduinos*
- ULISSES LINS  
*O sertanejo e o sertão* (memórias)
- CASSIANO RICARDO  
*Marcha para Oeste*
- CÂNDIDO MOTA FILHO  
*Contagem regressiva* (memórias)
- BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES  
*Arthur Bernardes, estadista da República*
- DUNSHEE DE ABRANCHES  
*Como se faziam Presidentes*
- CLEMENTINO FRAGA  
*Vida e obra de Oswaldo Cruz*
- FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA  
*A vida de Lima Barreto*
- OTÁVIO TARQUINIO DE SOUZA  
*A vida de D. Pedro I — José Bonifácio*
- JOAQUIM NABUCO  
*Minha formação*



